

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

FERNANDO CÉSAR BUTTIGNOL

**RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE NA ESFERA PÚBLICA:
O ATIVISMO DIGITAL E CONSERVADOR EVANGÉLICO**

CAMPINAS

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
FERNANDO CÉSAR BUTTIGNOL**

**RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE NA ESFERA PÚBLICA:
O ATIVISMO DIGITAL E CONSERVADOR EVANGÉLICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC-Campinas para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Ana Rosa Clochet da Silva

Banca Examinadora

Prof. Dr. Breno Martins Campos - Titular

Prof(a). Dr(a). Magali do Nascimento Cunha - Titular

Prof. Dr. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho - Suplente

Prof. Dr. Glauco Barsalini - Suplente

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

616.85834 Buttignol, Fernando César
B988r

Religião e homossexualidade na esfera pública: o ativismo digital e conservador
evangélico / Fernando César Buttignol. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

141 f.

Orientador: Ana Rosa Clochet da Silva.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Ciências Humanas e
Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Homossexualidade. 2. Religião - Protestante. 3. Redes sociais on-line. I. Silva,
Ana Rosa Clochet da. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDD - 22. ed. 616.85834

FERNANDO CESAR BUTTIGNOL

Religião e homossexualidade na esfera pública: o ativismo digital e conservador evangélico

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 15 de fevereiro de 2023.



PROFA. DRA. MAGALI DO NASCIMENTO CUNHA (ISER)



PROF. DR. BRENÔ MARTINS CAMPOS (PUC-CAMPINAS)



PROFA. DRA. ANA ROSA CLOQUET DA SILVA – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC- Campinas,

Pela competência, dedicação e parceria.

Ao Prof. Dr. João Miguel Teixeira de Godoy,

Pelo acolhimento e desenvolvimento iniciais desse projeto e pela confiança desde as pesquisas da Iniciação Científica na graduação em História.

À Profa. Dra. Ana Rosa Cloquet da Silva,

Pela orientação e pela experiência acadêmica compartilhada que viabilizaram a conclusão dessa pesquisa.

À banca examinadora,

Pelo aceite e pela indispensável contribuição.

Aos colegas do curso de mestrado,

Pela amizade e abertura para novas temáticas e discussões.

À minha família e amigos, especialmente ao meu querido companheiro Vinícius e às nossas shih-tzus Balu e Pepita,

Pela vida e pela caminhada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.602516/2021-00.

RESUMO

Os debates contemporâneos sobre a diversidade sexual e os direitos das minorias sexuais nunca foram tão controversos quanto na atual conjuntura política brasileira, especialmente na sua relação com certos segmentos cristãos conservadores protestantes – mas não restritos a eles - tanto do ramo pentecostal quanto do ramo histórico, alinhados ao governo federal do ex-presidente Jair Bolsonaro. Favorecidos pela “onda conservadora” que o país atravessa, pela condição estrutural da relação entre religião e esfera pública no Brasil e pelas mídias digitais, suas ideias e ações abrem espaço para a atuação de inúmeros grupos cristãos conservadores, dentre eles, a organização *Exodus* Brasil, objeto desta pesquisa. Por meio de um mapeamento das redes digitais *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, bem como de *websites* e procedendo à análise do conteúdo discursivo ali publicado, buscou-se responder à pergunta: de que forma o conjunto de ministérios e líderes religiosos da *Exodus* Brasil responde à homossexualidade diante dos avanços da cidadania LGBTQIA+? Metodologicamente, empregamos a netnografia de Robert Kosinetz e a análise de discurso sugerida pela linguista Eni Orlandi. O objetivo principal da pesquisa é estimular a reflexão sobre as formas de regulação do religioso alinhadas à ampliação dos Direitos Humanos e de colaborar para o enfraquecimento das investidas discriminatórias de segmentos religiosos fundamentalistas homofóbicos, além de reforçar a importância da sexualidade e da religião na produção de identidades e subjetividades na contemporaneidade e, dessa forma, estimular a contribuição da área das Ciências da Religião e Teologia para o tema em toda a sua complexidade, uma vez que os estudos ainda são escassos e concentrados nos PPGs de Ciências da Religião, existindo um silenciamento nos programas de Teologia. O resultado da pesquisa mostrou que a *Exodus* Brasil tem pouco engajamento nas redes digitais, nas quais têm destaque somente a presidenta e o vice-presidente da organização. Não obstante, o impacto de suas posturas e opiniões não deve ser menosprezado, sobretudo em razão de se afinarem com as ideias ultraconservadoras do ex-presidente Jair Bolsonaro, claramente contrário aos investimentos em políticas públicas para a população LGBTQIA+ e promotor de uma imagem negativa das pessoas homossexuais. A negação e a renúncia da identidade homossexual proposta pelos ministérios e líderes da *Exodus* Brasil nos levaram a concluir que estamos diante de um caso de “masoquismo religioso” bergeriano, que não se apresenta somente na cordialidade com o sofrimento e na submissão à

“condenação divina”, mas que também obstrui o direito de escolha das pessoas homossexuais e lhes nega a felicidade. Deparamo-nos também com expressões de homofobia religiosa, que se revelaram tanto no bloqueio do avanço dos direitos LGBTQIA+ como na criação de cartilhas normativas moralizantes que regulam as relações sociais entre pastores e fiéis, atravessadas por relações de poder que favorecem assimetrias, hierarquias e mistificações.

Palavras-chave: homossexualidade; religião; evangélicos; redes sociais digitais.

ABSTRACT

Contemporary debates on sexual diversity and the rights of sexual minorities have never been as controversial as in the current Brazilian political situation, especially in their relationship with certain conservative Christian Protestant segments, both from the Pentecostal and the Historical branches – but not restricted to them - aligned with the federal government of ex-former president Jair Bolsonaro. Favored by the “conservative wave” that the country is going through, by the structural condition of the relationship between religion and the public sphere in Brazil and by digital media, their ideas and actions open space for the action of numerous conservative Christian groups, among them, the organization *Exodus* Brasil, object of this research. Through a mapping of the digital networks *Facebook*, *Instagram* and *Youtube*, as well as websites and the analysis of the discursive content published there, we sought to answer the question: how does the set of ministries and religious leaders of *Exodus* Brasil respond to homosexuality in the face of advances in LGBTQIA+ citizenship? Methodologically, we employed Robert Kosinetz's netnography and discourse analysis suggested by linguist Eni Orlandi. The main objective of the research is to stimulate reflection on the ways of regulating religion aligned with the expansion of Human Rights and to collaborate in weakening the discriminatory attacks of homophobic fundamentalist religious segments, in addition to reinforcing the importance of sexuality and religion in the production of identities and subjectivities in contemporaneity and, in this way, stimulate the contribution of the area of Sciences of Religion and Theology to the theme in all its complexity, since studies on the subject are still scarce and concentrated in PPGs of Sciences of Religion and there is a silence in Theology programs. The result of the research showed that *Exodus* Brasil has little engagement in digital networks, in which only the president and vice president of the organization are highlighted. However, the impact of their postures and opinions should not be overlooked, especially since they are in tune with the ultraconservative ideas of ex-former President Jair Bolsonaro, who is clearly opposed to investments in public policies for the LGBTQIA+ population and promotes a negative image of homosexual people. The denial and renunciation of the homosexual identity proposed by the ministries and leaders of *Exodus* Brasil led us to conclude that we are facing a case of Bergerian “religious masochism”, which does not present itself only in cordiality with suffering and submission to “divine condemnation”, but which also obstructs the right of choice of homosexual people

and denies them happiness. We are also faced with expressions of religious homophobia, which were revealed both in blocking the advancement of LGBTQIA+ rights and in the creation of moralizing normative booklets that regulate social relations between pastors and believers, crossed by power relations that favor asymmetries, hierarchies and mystifications.

Keywords: homosexuality; religion; evangelicals; digital social networks.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: Homossexualidades: abordagens, problemas e perspectivas	21
1.1 As homossexualidades como objeto das Ciências Humanas	22
1.2 O objeto "homossexualidades" e a área das Ciências da Religião e Teologia: estado da arte	37
Capítulo 2: Semeando a “boa terra”: características estruturais e conjunturais brasileiras e os frutos da Exodus Brasil	49
2.1 O nascimento mítico	49
2.2 Conservadorismo, cristianismo e direita política	56
2.3 "Ideologia de gênero" versus "Ideologia do gênesis"	62
2.4 “Reforma digital” e “Religião pública”: a midiatização da Exodus Brasil....	65
Capítulo 3: A Exodus Brasil no ciberespaço	70
3.1 A Exodus Brasil nas mídias digitais	70
3.1.1 Ministério Amor em Ação	73
3.1.2 ONG Avalanche Missões	76
3.1.3 Ministério Projeto Candeia	80
3.1.4 Ministério GAAP Brasil	82
3.1.5 Ministério Luz na Noite	83
3.1.6 Ministério Paz com Deus	86
3.1.7 Ministério Redenção Pedro II – RP2	89
3.1.8 Ministério SER - Sexualidade e Restauração	93
3.1.9 Resultados	95
Capítulo 4: As publicações de David Riker no Instagram	107
4.1 Uma breve biografia religiosa	107
4.2 “Por uma sexualidade bíblica!”	110
Considerações finais	128
Referências	131
ANEXOS	136

Introdução

Os debates sobre a diversidade sexual e os direitos das minorias sexuais nunca foram tão controversos quanto na atual conjuntura política brasileira, especialmente na sua relação com certos segmentos cristãos conservadores pentecostais e neopentecostais, liderados por pastores-celebridade como Silas Malafaia, Marco Feliciano e Magno Malta, entre outros. Na busca por atenção, visibilidade e influência, em nome das liberdades religiosa e de expressão, embasados por uma hermenêutica bíblica própria, eles se colocam publicamente contra a homoafetividade e vetam o ingresso de pessoas da comunidade LGBTQIA+ em suas igrejas. Estridentes e ruidosos, acreditam que a homossexualidade é “pecado” e opõem-se a quaisquer avanços conquistados pelas sexualidades não-normativas nos últimos anos, tanto no plano sociocultural, quanto no jurídico e político.

Mas não é somente dos ramos do protestantismo pentecostal que advêm as reações negativas à popularidade *gay*. Cristãos presbiterianos e batistas, alinhados ao governo federal do ex-presidente Jair Bolsonaro, também têm se colocado na esfera pública sobre a chamada “pauta de costumes”. Menos reativos do que o ramo pentecostal, mas não menos preocupados, suas posturas buscam nas leis e na intelectualidade cristã o respaldo para a afirmação da heteronormatividade e a volta dos homossexuais “para o armário”, ou seja, para a esfera privada. A ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, pastora batista, o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro e o atual ministro do Supremo Tribunal Federal André Mendonça - estes últimos atuantes em igrejas presbiterianas - são alguns desses exemplos de segmentos religiosos do protestantismo histórico.

Favorecidos pela “onda conservadora” pela qual o país atravessa, suas ideias e ações abrem espaço para a atuação de inúmeros grupos cristãos conservadores. Dentre eles, a organização interdenominacional *Exodus* Brasil, objeto desta pesquisa, que exerce atividade formal no Brasil, desde 1998. Ela é famosa por oferecer ajuda aos homossexuais cristãos em conflito com sua orientação sexual, por meio de ministérios de ajuda e de seus líderes religiosos. De modo geral, a resposta para o sofrimento está na renúncia da prática homossexual e na criação de uma “nova identidade em Cristo”.

De quais cristianismos estamos falando? Quais são as denominações religiosas ligadas a *Exodus* Brasil? A Igreja de Cristo em Fortaleza - CE; as Igrejas Batista Central, 3ª Igreja Presbiteriana e a Comunidade Cristã Caverna de Adulão, em Belo Horizonte – MG, as Igrejas Unida do Brasil, Presbiteriana em Alphaville, Presbiteriana em Jardim Camburi e Batista da Praia do Canto, em Vitória – ES; a Nova Igreja Batista em Boa Vista – RR; a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Londrina – PR; a Igreja Evangélica Manancial - Ministério Palavra Viva, em Lins – SP e a Igreja Presbiteriana Bereia, de Goiânia – GO, são algumas delas.

Defrontamo-nos, assim, com uma composição diversificada e específica de denominações religiosas, todas pertencentes a segmentos cristãos não católicos. Seriam protestantes? Evangélicos? Por um lado, em razão de seu caráter polemista, questionador e argumentativo, de um marcado posicionamento teológico diante da questão da diversidade sexual e que é crítico, à propósito, às posturas mais acolhedoras do Papa Francisco sobre o assunto¹, o grupo poderia ser chamado, de forma mais ampla, de “protestantes”. Mas encaixam-se no perfil de “evangélicos” também, “no sentido de favorecer uma certa unidade entre as denominações, preservando as diferenças de cada uma, mas também unindo em aspectos comuns” (GONÇALVES, 2022)².

Por outro ângulo, Pierucci (2000) define como “evangélico”, no caso brasileiro, tanto as correntes históricas como as pentecostais/neopentecostais do protestantismo. Burity (2018) enfatiza que “evangélico” é o nome para uma aliança religiosa de protestantes conservadores liderada por pentecostais e que “pentecostal” e “evangélico” não são termos sinônimos.

Em razão do termo “protestante” não ter “pegado” entre as igrejas brasileiras, assim como da grande variedade das características doutrinárias das denominações religiosas encontradas, que misturam aspectos históricos, reformados e de avivamento e das dificuldades impostas pela pesquisa digital, empregamos o termo “evangélico” para nos referenciarmos ao conjunto dos segmentos religiosos que compõem a *Exodus* Brasil. Portanto, o termo, embora não haja consenso em defini-

¹ Cf. F. C. Buttignol; J. M. T. Godoy. *As reformas bergoglianas: entre mudar para permanecer e permanecer para mudar*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/1036655>. Acesso em: 19 out. 2022.

² Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/evangelicos-ou-protestantes/>. Acesso em: 17 out. 2022.

lo, refere-se, aqui, a um emaranhado de diferentes tradições teológicas não católicas que não admitem a existência da diversidade sexual e de gênero, que reconhecem a autoridade última da Bíblia e a liberdade para sua livre e literal interpretação, que promovem a conversão à fé cristã e a comunicação entre pregador e fiel. Como bem observaram Natividade & Oliveira (2009, p. 206),

Trata-se de redes interdenominacionais evangélicas em que diferenças doutrinárias são postas de lado, que atraem inclusive a participação de católicos conservadores [e] um consenso relativo é suscitado por uma percepção dos “perigos” encarnados na “ameaça homossexual”.

Com sede em Londrina, no Paraná, a *Exodus Brasil* se descreve como uma das regiões da Aliança Global *Exodus* (AGE), uma organização cristã interdenominacional, sem fins lucrativos, “com o chamado para equipar cristãos para ministrar o poder transformador de Jesus Cristo através do Evangelho Completo no âmbito da identidade e sexualidade Humana”³. Ela é formada por uma rede de ministérios de ajuda que trabalha com aconselhamentos e mentorias para pessoas que vivem conflitos com a homossexualidade, seus familiares e cônjuges, desde a prevenção até a reabilitação.

Mas o que são esses ministérios? O que pretendem? Eles são presentes e atuantes nas plataformas digitais? Quem os administra? Por meio de um mapeamento das redes digitais *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, bem como de *websites* e procedendo à análise do conteúdo discursivo ali publicado, buscamos responder à principal questão desta pesquisa. Ou seja, de que forma o conjunto de ministérios e líderes religiosos da *Exodus Brasil* responde à diversidade sexual, especificamente à homossexualidade, diante dos avanços da cidadania LGBTQIA+? A partir desta questão, outras se desdobram, como por exemplo, que tipo de “modelo homossexual” é construído nestas redes e plataformas? De que forma isso afeta o alinhamento entre as carreiras homossexual e religiosa? Estaríamos diante de expressões homofóbicas? Buscamos responder estas perguntas ao longo deste trabalho.

Até o ano de 2021, o *site* oficial da *Exodus Brasil* disponibilizava uma lista com doze ministérios de ajuda. São eles:

³ Disponível em: <http://www.exodus.org.br/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

- 1) Ministério *Amor Em Ação*, de Fortaleza, no Ceará;
- 2) ONG *Avalanche Missões*, de Vitória, no Espírito Santo;
- 3) *Projeto Candeia*, da cidade Lins, no estado de São Paulo;
- 4) *Companheiros de Jugo*, da capital de Goiás, Goiânia;
- 5) *Grupo de Amigos - G.A.*, das capitais Rio de Janeiro e Brasília, além das cidades de Montes Claros e Juiz de Fora, ambas em Minas Gerais e a cidade de Mauá, na região metropolitana de São Paulo;
- 6) *Grupo de Amor, Aceitação e Perdão – GAAP*, de Boa Vista, Roraima;
- 7) *Identidade em Cristo*, de São Paulo, capital;
- 8) *Luz na Noite*, da cidade de Vitória, Espírito Santo;
- 9) *Paz com Deus*, de Londrina, no Paraná;
- 10) *Plenitude*, de Recife, Pernambuco;
- 11) *Redenção Pedro II – RP2*, de Belo Horizonte, Minas Gerais;
- 12) *Sexualidade e Restauração – SER*, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Metodologicamente, foi empregada a netnografia, como sugerida por Kozinets (2014, p. 9-10), isto é, “uma forma de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores”, a fim de mapearmos e coletarmos os dados *online* dos ministérios e líderes religiosos da *Exodus* Brasil. O método netnográfico sugere que as redes sociais digitais criam um senso de comunidade, enquanto “um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou ‘espaço’ interacional comum”, além de um senso subjetivo de pertencimento (KOZINETS, 2014, p. 16-17). As comunidades manifestam culturas que guiam o comportamento de determinados grupos de pessoas. Dessa forma, as redes digitais também são fontes de cultura, nas quais, além da troca de informações, há também uma troca de sistemas de significado.

Dessa forma, o mapeamento dos ministérios de ajuda no ciberespaço e nas redes sociais digitais *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, identificou que oito deles - ou seja, 2/3 do total - utilizam pelo menos uma rede social⁴ e metade deles possui *website* oficial. Também foram mapeados os líderes religiosos que coordenam os ministérios de ajuda, entre eles,

⁴ Somente os ministérios *Grupo de amigos G.A.*, *Identidade em Cristo*, *Plenitude* e *Companheiros de Jugo* não foram encontrados nas redes digitais selecionadas e nem em pesquisas na barra de pesquisa do navegador ou pelo *Google*.

- 1) Herbert da Silva Amorim, do Ministério Amor em Ação;
- 2) Andréa Vargas, da ONG Avalanche Missões;
- 3) Miriam Fróes, do Ministério Projeto Candeia;
- 4) Denise Andrade, do Ministério GAAP;
- 5) Débora Fonseca e Cunha, do Ministério Luz na Noite;
- 6) Willy Torresin, do Ministério Paz com Deus;
- 7) Márcia Elisa do Vale, do Ministério RP2;
- 8) David Riker, do Ministério SER.

Foi constatado que, pelo menos, sete deles possuem página no *Facebook* e no *Instagram*. Entre páginas, perfis, canais e *sites* oficiais dos ministérios e líderes, foram encontrados, no total, 41 pontos de acesso nos espaços digitais, por meio de cujo conteúdo foi possível investigar as possíveis respostas para as questões que essa pesquisa levanta.

Certamente, tais ministérios e líderes não representam a totalidade de apoiadores da *Exodus* Brasil, aos quais se somam líderes, missionários, igrejas, escritores e teólogos, configurando uma vasta e complexa rede interdenominacional. Não obstante, foram os “doze discípulos” acima descritos o ponto de partida desta pesquisa para a realização do mapeamento dos ministérios nas mídias digitais, enquanto novos lugares teológicos aos quais se juntam iniciativas como palestras, retiros, jornadas, congressos cristãos e laicos, encontros e treinamentos em variadas regiões brasileiras.

Para a análise do conteúdo discursivo, utilizamos algumas considerações da linguista Eni Orlandi, que chamam a atenção para as peculiaridades dos discursos religiosos, sobretudo os cristãos, nos quais: a) os representantes “falam a voz de Deus”, criando uma relação essencialmente assimétrica com os ouvintes; b) há a separação entre fiéis e infiéis, estabelecendo relações de poder; c) cria-se uma mistificação, por meio da qual “a apropriação da voz de Deus e/ou da divindade se faz sem que se explicita aos fiéis os mecanismos que levam à incorporação de voz, pois é como se o divino falasse” (ZANOTTO, 2018, p. 344). Tais peculiaridades nos levam a refletir sobre a construção social da realidade e seus mecanismos de legitimação. Além do conteúdo, Orlandi também chama a atenção para a forma discursiva, que articula sujeito, situação sócio-histórica e memória discursiva, levando em consideração: 1- Quem (sujeito, estatuto de autoridade do emissor), 2- Fala (qual o tom, a entonação e/ou a perspectiva da enunciação: ensina, inculca,

ameaça, ordena, manipula, etc.), 3- O quê (enunciado, conteúdo), 4- De onde (lugar próprio, lugar institucional), 5- Para quem (interlocutores) e 6- Quando (tempo, data, período, etc.).

Menos preocupados com a legitimidade da participação dos ministérios/atores religiosos na esfera pública, uma vez que ela já se encontra historicamente consolidada e como parte de um mercado religioso desregulado e concorrencial, temos como objetivos principais analisar a trajetória da *Exodus* no Brasil e os discursos veiculados pela mídia social digital por representantes do movimento, perquirindo o tratamento por estes dispensados ao tema da homossexualidade, a partir dos vínculos entre o religioso e o político; identificar as referências teológicas dos discursos analisados, bem como os significados que remetem a uma trajetória de longa duração do tema, que remete ao passado colonial, escravista e patriarcal da sociedade brasileira; identificar os conflitos sociais e políticos que, contingencialmente, significam os discursos analisados.

De forma mais abrangente e secundária, temos a pretensão de estimular a reflexão sobre as formas de regulação do religioso alinhadas à ampliação dos Direitos Humanos, assegurando, assim, à comunidade LGBTQIA+ direitos como a igualdade, o respeito, a não-violência e a liberdade, além de uma vida sexual segura e saudável, com proteção contra assédios e abusos, fortalecendo o papel dos sujeitos sexuais enquanto sujeitos históricos e de colaborar para o enfraquecimento das investidas discriminatórias de segmentos religiosos fundamentalistas homofóbicos no país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, de acordo com relatório recente do Grupo Gay da Bahia⁵. Queremos também reforçar a importância da sexualidade e da religião na produção de identidades e subjetividades na contemporaneidade e, dessa forma, estimular a contribuição da área das Ciências da Religião e Teologia para o tema em toda a sua complexidade, uma vez que os trabalhos sobre a diversidade sexual produzidos no âmbito desta área ainda são poucos.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos. No primeiro, realizamos um balanço bibliográfico do tema das homossexualidades nas Ciências Humanas, a partir da seleção de alguns autores brasileiros e europeus, enfatizando a perspectiva

⁵ Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

histórica, mas sem deixarmos de mencionar as abordagens socioantropológicas, que dominam o campo de estudos sobre o assunto, dando-lhe um caráter interdisciplinar.

Privilegiamos, assim, a teoria social da modernidade reflexiva de Anthony Giddens, os estudos antropológicos de Peter Fry e Luiz Mott, a perspectiva histórica de Ronaldo Vainfas, Michel Foucault e Philippe Ariès, a fim de evidenciar a homossexualidade e suas representações enquanto um produto histórico, condicionado social e culturalmente, trespassado por relações de poder e que carrega um aspecto negativo estrutural, reforçado nos discursos religiosos conservadores da atualidade. A ideia de modernidade reflexiva se torna instrumental para essa pesquisa no sentido de que é nela que os embates e conflitos entre o tradicional e o moderno acontecem.

Também investigamos no primeiro capítulo o “estado da arte” da relação entre religiões e homossexualidade, a partir de um levantamento dos artigos publicados nos periódicos de programas de pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia, de acordo com a classificação *Qualis* (2013-2016), dos estratos A1 ao B3, entre os anos 2013 e o primeiro semestre de 2021, com base no qual destacamos os estudos sobre o tema de alguns pesquisadores da área 44.

O segundo capítulo discutiu algumas categorias analíticas que nos pareceram operacionais para interpretar a realidade brasileira contemporânea, na qual a organização *Exodus* Brasil ganha força, legitimidade e visibilidade no campo religioso e nas mídias digitais. Dentre essas categorias, sobressaíram-se: mitologia, conservadorismo, “ideologia de gênero”, reforma digital e religião pública.

No terceiro capítulo investigamos como a organização *Exodus* Brasil, representada pelos seus ministérios de ajuda e respectivas lideranças, distribui-se nas plataformas digitais. Desse modo, procuramos identificar a existência de *sites* oficiais e sua presença nas mídias digitais *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, buscando evidenciar seu engajamento nas redes digitais e suas posturas sobre a homossexualidade e sobre as políticas de cidadanização LGBTQIA+, tendo como pano de fundo o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Privilegiamos, no quarto capítulo, a trajetória no *Instagram* do *influencer* e pastor batista da Igreja Central de Belo Horizonte David Riker - integrante do ministério Sexualidade e Restauração (SER) e vice-presidente da *Exodus* Brasil - a fim de investigarmos que tipo de “modelo homossexual” é construído nos seus

discursos e como tal noção reforça atitudes homofóbicas. Para isso, utilizamos a ideia de “masoquismo religioso” do sociólogo Peter Berger e de homofobia religiosa do antropólogo Marcelo Natividade, além de dialogar com as abordagens socioantropológicas e históricas citadas no primeiro capítulo do trabalho.

Enquanto as considerações finais dessa dissertação eram escritas, as eleições presidenciais no Brasil em 2022 marcaram um momento histórico de decisão e de luta entre a democracia representativa e as forças obscuras e neofascistas da extrema-direita, retratada pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Sob tal governo, encontrou-se continuamente ameaçada toda a história de luta por respeito, direitos e dignidade da comunidade LGBTQIA+ e, como veremos adiante, os líderes ministeriais da *Exodus* Brasil souberam oportunamente aproveitar a política homofóbica de Bolsonaro para fortalecer suas ideias e práticas sobre temas ligados à pauta de costumes. Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito novamente chefe do Executivo em 30 de outubro de 2022 e, surpreendentemente, após 24 anos de atuação no Brasil, a *Exodus* deixou de existir enquanto entidade jurídica. Foram estas as palavras publicadas no *Facebook* e no *site* oficial da organização, em 1º de novembro, um dia após o resultado oficial das eleições:

Queridos irmãos, amigos e parceiros que acompanham o *Exodus* Brasil: após um tempo de oração e busca a Deus, decidimos encerrar formalmente o *Exodus* Brasil, deixando de existir como CNPJ, com diretoria formada e legalizada. Essa informalidade nos dará melhores condições de contribuir com quem chega até nós de maneira voluntária. Toda a diretoria e assembleia até aqui continua convicta de seu papel em mostrar que é possível viver uma sexualidade saudável à luz da bíblia sagrada. Ministerialmente, estamos melhorando nossas rotas e estratégias para servirmos com mais liberdade, ampliando a visão pautada na palavra de Deus”⁶.

A mensagem encerra com uma citação bíblica de 2 Coríntios, 1:10, que associa esperança, homossexualidade e morte: “Ele nos livrou e continuará nos livrando de tal perigo de morte. Nele temos depositado a nossa esperança de que continuará a livrar-nos”.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/exodusbr>. Acesso em 04 jan. 2023.

Imprescindível recordar que o ano de 2021 não foi generoso com a família *Exodus*. Embora atuasse de forma independente, a *Exodus* Brasil era parte da Aliança Global *Exodus*, a qual sofreu dois importantes reveses em 2021. Com sede no Canadá, o escritório da organização suspendeu as atividades em junho, em razão da vigência da lei federal *Bill C-6*, que proibiu as "terapias de conversão" em crianças e adolescentes no país. No mesmo mês, a plataforma de *streaming Netflix* lançou o documentário *Pray Away*, alertando sobre os malefícios de tais terapias reparativas. Tanto a lei canadense como o documentário tinham a organização *Exodus* em sua mira. Foi também em 2021 que a *Exodus* Brasil removeu do seu *site* uma lista com doze ministérios de ajuda brasileiros. Em novembro de 2022, junto ao encerramento da empresa *Exodus* Brasil, o *site* da Aliança Global *Exodus* foi também desativado.

A mensagem acima transcrita, dirigida aos amigos, irmãos e parceiros da *Exodus* Brasil, indica que a informalidade foi o caminho escolhido pelas forças superiores para a recém-desfeita organização, cujos ex-membros continuam convictos do seu importante papel no controle e na salvação das almas e consciências das pessoas homossexuais do pequeno planeta Terra. A informalidade, nesse sentido, melhoraria as "rotas e estratégias" dos ministérios de ajuda, dando-lhes mais liberdade e condições de contribuir com aqueles que os procurarem voluntariamente, além da função de ampliar a visão de Deus.

De qualquer forma, a escolha pela informalidade pode indicar uma aquietação após sucessivas derrotas, que se deram tanto em nível da sociedade civil como no âmbito político. Um recolhimento, uma contração, um tipo de silenciamento que embora envolva certo grau de passividade, tem também um grande poder de eloquência. Por um lado, pode impressionar como uma forma de resistência e oposição à agenda política progressista e aos desafios que os pluralismos das sociedades contemporâneas e reflexivas impõem, como o fato de que "a intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública" e que "as mudanças que [...] afetam a sexualidade são [...] revolucionárias e muito profundas (GIDDENS, 1993, p.11). Por outro, tal silenciamento, que também é intencional, pode lançar faíscas que inflamam o fanatismo e a violência, radicalizando e unificando as posturas conservadoras e religiosas negativas sobre a homossexualidade.

Reforçar o monitoramento sobre esses grupos de líderes e ministérios religiosos nas redes digitais torna-se, assim, uma tarefa constante e essencial, com a qual essa pesquisa buscou contribuir, como também com os estudos acadêmicos, dentro ou fora dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião, que relacionam religiões, sexualidades e comunicação e que, cada vez mais, tornam-se imprescindíveis e relevantes para dar visibilidade e trazer o diálogo sobre o tema.

Capítulo 1: Homossexualidades: abordagens, problemas e perspectivas

O tema das homossexualidades é relativamente novo no campo de estudos das Ciências Humanas. Antes considerado irrelevante e encarcerado nas áreas da psicologia e da medicina, foi a partir do final dos anos 1960 e durante os anos 1970 que os movimentos feminista e *gay* despertaram interesse nos meios acadêmicos no que diz respeito aos seus aspectos cultural e político, capazes de revelar a profunda complexidade e os variados significados das relações humanas. Nesse sentido, é correto afirmar que o campo da sexualidade está intimamente ligado ao de gênero e ambos se encontram atrelados aos movimentos sociais.

Atualmente, dentro da grande área das Ciências Humanas, a Psicologia ainda detém o maior número de estudos e publicações, seguida pelos estudos socioantropológicos e pela área da Educação. Os estudos históricos e das Ciências da Religião e Teologia ainda estão engatinhando nas pesquisas sobre o tema e, por esse motivo, esta pesquisa ganha ainda mais relevância.

No primeiro subitem deste capítulo, a partir da seleção de um elenco de autores, procuramos evidenciar principalmente as abordagens históricas sobre a homossexualidade e, quando possível, enfatizar sua relação com as religiões. Ao mesmo tempo, a menção de algumas perspectivas socioantropológicas foi inevitável. No segundo subitem, exploramos como o tema vem sendo abordado dentro da área das Ciências da Religião e Teologia, por meio de um levantamento de artigos publicados em revistas de programas de pós-graduação entre 2013 e 2021. Com base neste balanço sobre o tratamento que vem sendo dado ao tema das sexualidades, o capítulo visa situar o objeto eleito pela pesquisa na sua perspectiva histórica (contextual) e no campo de estudos configurado pela área das Ciências da Religião e Teologia.

1.1 As homossexualidades como objeto das Ciências Humanas

Esta pesquisa se insere na área das Ciências da Religião e Teologia, criada pela Portaria CAPES em 2016⁷. Desdobrando-se da Filosofia e da Teologia, a área assumiu autonomia e foi assim dividida em duas disciplinas desde sua concepção, dando aos programas de pós-graduação uma característica própria de interdisciplinaridade, além de atrair pesquisadores provenientes de diversos campos sociais, religiosos ou não. Certamente, o sociólogo das religiões Antônio Flávio Pierucci (1999) teria olhado de forma desconfiada para a área, uma vez que, na sua visão, ela favoreceria o “borramento” das fronteiras entre a religião e a ciência, incapacitando-nos diferenciar as esferas da existência. Uma visão essencialmente weberiana e criticada, no entanto, por dificultar um possível intercâmbio de ideias e de construção do saber dentro da área (CAMURÇA, 2001).

É a partir deste ambiente acadêmico em formação, plural e multidisciplinar, que discutiremos as relações entre religiões e sexualidades. Mais especificamente, sobre as respostas e reações de certos segmentos/atores religiosos conservadores à visibilidade e cidadanização das pessoas homossexuais na atualidade. Nosso foco é um conjunto de ministérios de ajuda da organização cristã interdenominacional *Exodus* Brasil e sua atuação em algumas plataformas digitais. Tal tema, a nosso ver, correlaciona-se com duas subáreas:

- a) as Ciências Empíricas da Religião, que buscam descrever os "fenômenos religiosos, espiritualidades, tradições de sabedoria ou filosofias de vida" dentro do campo religioso, "em diálogo com teorias e métodos de outras ciências constituídas"⁸, dentre as quais privilegiaremos a perspectiva histórica sobre a homossexualidade.

⁷ A pesquisa pertence à linha de pesquisa intitulada "Fenômeno religioso: instituição e práticas discursivas", que "estuda o fenômeno religioso em suas configurações institucionais, doutrinárias e vivenciais. Analisa suas formas de produção simbólica, ritual e textual na busca de sentido para a existência humana. Avalia o papel da Tradição na configuração e reconfiguração das diversas matrizes culturais religiosas, a partir das perspectivas histórica e hermenêutica, e na interface sociedade e cultura". Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao/programa-de-pos-graduacao-em-ciencias-da-religiao-mestrado/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>. Acesso em: 8 set. 2021.

b) a Ciência da Religião Aplicada, que trata do espaço público e de temas associados à diversidade, respeito e tolerância⁹, entre outros, uma vez que investigaremos os discursos de atores religiosos nas mídias digitais na formação da opinião pública sobre a homossexualidade, além de discutirmos a relação dos discursos com a modernidade reflexiva, que indiretamente envolve o Estado laico e os direitos essenciais à vida, as liberdades religiosa e de expressão, além do fundamentalismo religioso e da homofobia.

É preciso lembrar que a área das Ciências da Religião e Teologia está longe de abarcar a pluralidade de visões sobre o tema da homossexualidade, o qual se define também de forma fronteira, seja no que toca às esferas da realidade, seja no tocante à multidisciplinaridade, nas suas formas de abordagem. Querendo compreender como o tema da diversidade sexual havia sido pensado pela universidade brasileira, Machado & Piccolo (2010), realizaram um levantamento com base no banco de teses da CAPES, durante o período compreendido entre 1987 e 2006 e identificaram que a área das Ciências Humanas deteve 45% de todas as publicações sobre a diversidade sexual: em primeiro lugar com os estudos da Psicologia (43,9%), depois a Antropologia (15,3%), Educação (14,6%), Sociologia (13,4%) e História (4,5%). A Saúde Coletiva, a Medicina, as Letras e Linguística também privilegiaram o tema de forma significativa. A Teologia contribuiu com apenas 3,8% da produção total de dissertações e teses sobre o assunto.

Não é o nosso objetivo realizar um balanço bibliográfico geral ou mesmo uma análise exaustiva do tema. O que se visa é tão somente, a partir da seleção de um elenco de autores brasileiros e europeus, destacar o enfoque dado à sexualidade principalmente pela História¹⁰, sem deixarmos de mencionar algumas importantes contribuições do campo socioantropológico para o tema. Tratam-se, portanto, de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que evidenciam o quanto a diversidade sexual não só ganhou acolhimento e cidadania nos meios acadêmicos, enquanto objeto de estudo, mas também adquiriu certa tolerância na modernidade reflexiva e nas sociedades pós-tradicionais ocidentais (GIDDENS; BECK; LASH,

⁹ Nesse sentido, sobre as "políticas afirmativas de inclusão" para a composição do corpo docente dos programas da área, defendidas pela Portaria CAPES, para a qual há "dois importantes desafios [que] dizem respeito à assimetria por gênero e à assimetria étnico-racial", gostaríamos de lembrar que tais assimetrias deveriam incorporar também as dimensões de classe e sexo.

¹⁰ O presente trabalho se constrói na interação e diálogo com o grupo de pesquisa de "História das Religiões e Religiosidades no Brasil" do PPG de Ciências da Religião e Teologia da PUC-Campinas.

1997), quando, numa perspectiva de longo prazo, a “sociedade como um todo” parece tender “mais ou menos, com resistências, a se adaptar ao modelo da homossexualidade” (ARIÈS, 1987, p. 78).

Nos estudos da Sociologia, a modernidade “tardia” significaria uma nova mudança a modernidade passando a refletir sobre si mesma e buscando compreender “seus próprios excessos e espirais viciosas da subjugação destrutiva” (LASH, 1997, p. 137). Uma situação designada como “modernidade reflexiva”, que pressupõe o aumento da individualização e a diminuição do controle pela tradição e pela convenção, constituída pela crise da família nuclear e pela auto-organização das narrativas de vida, na qual o eu é construído coerente e reflexivamente, assim como os contextos institucionais mais amplos nos quais ele existe. Para tanto, argumenta-se, não apenas os estudos acadêmicos, como também “todo tipo de manuais, guias, obras terapêuticas e de autoajuda, contribuem para a reflexividade na modernidade” (GIDDENS, 2002, p. 10), quando a falta de sentido pessoal passa a ser um importante problema psíquico.

É também na modernidade “tardia” e reflexiva que a sexualidade se liberta do campo estritamente privado e passa para o domínio público, usando a linguagem da revolução. Para além do amor passional pré-moderno e do amor romântico do século XIX, surge a possibilidade do “relacionamento puro”, um relacionamento de igualdade sexual e emocional entre homens e mulheres. De sua emancipação depende a “sexualidade plástica”, descentralizada e livre das obrigações reprodutivas, o que abriu um abismo emocional entre os sexos. A sexualidade plástica foi a condição prévia da revolução sexual das últimas décadas e envolveu a revolução na autonomia sexual feminina e o florescimento das homossexualidades masculina e feminina.

Hoje em dia a "sexualidade" tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida variados. É algo que cada um de nós "tem", ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primária entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais (GIDDENS, 1993, p. 25).

As relações homossexuais encontraram terreno fértil para sua construção e desenvolvimento nas sociedades pós-tradicionais. Na ideia atual de

“relacionamento”, os *gays* foram precursores, quando comparados à maioria dos heterossexuais, na formação de relações independentes do modelo de casamento tradicional e na instituição de formas de convivência de igualdade entre os parceiros. Nesse sentido,

A "emergência" da homossexualidade é um processo muito real, com consequências importantes para a vida sexual em geral. Foi assinalado pela popularização da autodenominação *gay*, um exemplo daquele processo reflexivo em que um fenômeno social pode ser apropriado e transformado através do compromisso coletivo (GIDDENS, 1993, p. 24).

Ao mesmo tempo, tais possibilidades de mudança não devem se confundir com modelos evolucionistas ou teleológicos, propostas e restritas às sociedades do hemisfério norte pertencentes ao capitalismo central e abastadas materialmente. E muito menos tentar camuflar o preconceito e a violência sofridos pelos homossexuais. Giddens, embora não se aprofunde no assunto, reconhece que a modernidade também produz diferença, exclusão e marginalização. Ao invés de realização e emancipação, muitas instituições modernas criam desigualdades e supressão do eu. No entanto, a decisão por um “estilo de vida”, de acordo com o autor, acontece mesmo em condições de severa limitação material.

A transformação da intimidade, com a independência emocional e sexual da mulher e a saída das homossexualidades da clandestinidade, impactou positivamente os estudos acadêmicos sobre a sexualidade, até então praticamente inexistentes. No Brasil, a partir dos anos 1970, as Ciências Sociais, sobretudo a Antropologia, foram, sem dúvida, as pioneiras nos estudos sobre sexualidades e expressões de gênero não-normativas, especialmente com as obras *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*, de 1982, de Peter Fry e *O que é homossexualidade*, de 1983, do mesmo autor com Edward McRae. Obras que não somente deram ao pensamento socioantropológico brasileiro um “caráter original e precursor do pensamento crítico que mais tarde viria a ser batizado de teoria *queer*”, mas que também já demonstravam as “inquietações contemporâneas em relação a processos de naturalização das diferenças e a fechamentos identitários” (CARRARA & SIMÕES, 2007, p. 75-76).

Com o intuito de deslocar os estudos sobre a homossexualidade dos departamentos de Psicologia e Medicina para o campo de estudos culturais e

políticos, Fry e McRae expressam um pensamento claramente oposto às perspectivas universalizantes, homogeneizantes e essencialistas sobre o tema, quando afirmam que "não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades" (FRY & MACRAE, 1995, p. 10). De fato, o debate teórico socioantropológico da sexualidade é marcado pelo enfrentamento de duas posições - o essencialismo e o construtivismo social - debate esse que ganha ainda mais importância nos discursos antropológicos cristãos com base nos textos bíblicos sobre o gênero binário.

No essencialismo viceja a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual que conduz as ações. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora à manifestação de uma pulsão, de ordem psíquica, que busca se extravasar. O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual. O foco da argumentação é o de que existem formas culturalmente específicas, que o olhar ocidental chamaria de sexualidade, que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura (HEILBORN & BRANDÃO, 1999, p.3).

Sobre a associação entre religiões e homossexualidades, convém destacar as pesquisas de Peter Fry sobre os candomblés em Belém do Pará, na esteira dos trabalhos da antropóloga norteamericana Ruth Landes, no final dos anos 1930¹¹, a qual observara a existência de vários "homossexuais passivos" nos candomblés menos tradicionais da Bahia, religiões em cujos espaços encontravam possibilidades para extravasar sua feminilidade e ganhar prestígio.

Fry observou, como Landes, que os homossexuais tinham um papel de destaque em alguns terreiros, mas o termo "homossexualidade" precisava ser reavaliado, uma vez que aplicado exclusivamente aos "homossexuais passivos", reproduzindo um modelo taxonômico descrito pelo autor como "hierarquia de gênero", em cujo contexto social "a relação entre 'homens' e 'bichas' é análoga à

¹¹ As pesquisas de Ruth Landes geraram o artigo "Um matriarcado religioso e homossexualidade masculina", publicado em 1940.

que se estabelece entre 'homens' e 'mulheres', onde os papéis masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados” e “falam fundamentalmente sobre dominação e submissão e não sobre 'homossexualidade' em si” (FRY, 1982, p. 90). Um modelo que ainda predomina nas mentalidades da sociedade brasileira.

E Fry se pergunta: por que algumas religiões de possessão e adivinhação atrairiam e aceitariam pessoas desprezadas e marginalizadas? Há uma apreciação pelo lado teatral dos terreiros, com suas belas roupas e danças, além da atribuição de "poderes mágicos" a lugares e pessoas à margem da sociedade¹².

Não resta dúvida de que as religiões afro em geral representam um importante santuário para gays e lésbicas. Atualmente, exercem uma dupla resistência à crescente corrente fundamentalista evangélica, que mira seus ataques tanto contra os terreiros quanto contra os homossexuais (FRY, 2015, p. 29).

Trata-se de um campo de estudos ainda pouco explorado pelas Ciências da Religião e Teologia, se levarmos em conta as publicações nas revistas de pós-graduação nos últimos dez anos, como veremos adiante. Mas, em vez de uma dupla resistência, como mencionou Fry, diríamos que há uma tripla resistência. No Brasil, os candomblés são as religiões de matriz africana que mais sofrem violência em razão da intolerância religiosa¹³, estruturada pelo processo de colonização brasileiro e agravada pelas posturas discriminatórias de muitos pastores evangélicos, sobretudo os pentecostais e neopentecostais.

Na relação entre homossexualidade, religião católica e etnias no período colonial brasileiro, os trabalhos do antropólogo Luiz Mott (1986; 2005) e do historiador Ronaldo Vainfas (1986; 2011) são fundamentais. Eles elucidam não somente que as práticas homossexuais eram comuns no Brasil colônia (o “pecado

¹² Herdeiros acadêmicos de Peter Fry, a antropóloga Patrícia Birman discute masculinidade e feminilidade nos terreiros, o antropólogo Luís Felipe Rios observou que terreiros mais tradicionais tendem a rejeitar homens afeminados e o antropólogo Ralph Ribeiro Mesquita observou o preconceito com a AIDS nos terreiros.

¹³ Conforme informações disponibilizadas nos canais digitais dos jornais *Brasil de fato*, *Terra* e *Metrópoles*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/21/em-2021-foram-feitas-571-denuncias-de-violacao-a-liberdade-de-crenca-no-brasil>; <https://www.terra.com.br/nos/religoes-de-matriz-africana-sao-maiores-alvos-de-ataques-na-internet,f692b8bf8b82e18af853c84eb70567753uhqpi6c.html>; <https://www.metropoles.com/brasil/denuncias-de-intolerancia-religiosa-cresceram-141-no-brasil-em-2021>, entre outros. Acesso em: 04 abr. 2022.

nefando”¹⁴ não distinguia gênero, etnia ou posição social), como, a partir de suas pesquisas, percebemos como as formas discriminatórias ali construídas e as perseguições e mortes ali geradas pela inquisição católica ainda moldam as posturas negativas e a violência contra a comunidade LGBTQIA+ na sociedade brasileira contemporânea, contribuindo com o que chamamos de *homofobia* na cultura ocidental - o ódio à homossexualidade - com raízes na tradição judaico-cristã (MOTT, 2001; 2016).

Convém enfatizar que o termo *homossexualidade* foi escrito pela primeira vez em 1869, em dois panfletos publicados em Leipzig, atribuídos ao escritor austro-húngaro Karl-Maria Benkert, por meio dos quais acusava a lei prussiana, que criminalizava a sodomia, de violar os direitos do homem e de favorecer a chantagem e a extorsão de dinheiro de homossexuais (LIMA, 2021; MOTT, 2005). Um ano depois, em 1870, conta-nos Foucault, a partir de um artigo do psiquiatra alemão C. F. O. Westphal - *Arquivo para a Neurologia* - sobre “sensações sexuais contrárias”, a homossexualidade constituiu-se como categoria médica, psiquiátrica e psicológica e “apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2017, p. 48). Tal noção de homossexualidade era uma captura histórico-política que se tentou estabelecer quanto a uma forma de experiência, relação e prazer que se queria excluir (FOUCAULT, 2015).

Os estudos históricos e antropológicos de Luiz Mott que relacionam etnias africanas, escravidão e relações raciais entre homossexuais no Brasil colônia se contrapõem às afirmações de Gilberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala*, na qual o sociólogo afirma que foram os europeus que trouxeram o “homossexualismo” para o Brasil Colônia, por serem menos moderados que os africanos no seu apetite sexual. De acordo com Mott, além de associar escravidão à depravação e à desordem sexuais, Freyre nada fala sobre a homossexualidade entre os africanos, que era parte integrante da cultura de certas etnias africanas do Reino de Angola, Mixicongo, Manicongo e Guiné. (MOTT, 1986).

¹⁴ De acordo com o Dicionário Aurélio, “nefando” significa “indigno de se nomear, abominável, execrável; sacrílego; perverso”.

Também na perspectiva colonial, o historiador Ronaldo Vainfas, com a obra *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*, de 1989, especialmente no capítulo “O nefando e a colônia”, escreveu: "homens de todas as classes e raças, padres, autoridades, mulheres, crianças, as fontes inquisitoriais revelam-nos ampla variedade de indivíduos e ligames 'nefandos', como então se dizia, espalhados de norte a sul do Brasil" (VAINFAS, 2011, p. 687). Suas reflexões buscam entender a atuação da Igreja católica e da Contrarreforma, no contexto colonial e a multiplicidade étnica e cultural que o caracterizavam.

Convém lembrar que o interesse da disciplina histórica pela sexualidade começou nos anos 1980 e se deveu à ampliação do leque de temas, antes considerados irrelevantes - como o amor, o corpo, a doença, a loucura - pela História Social e pela História das Mentalidades francesas. No caso brasileiro, este novo enfoque sobre os costumes e atitudes sexuais, além de se debruçar sobre os modelos clássicos do sociólogo Gilberto Freyre e na postura crítica diante do modelo patriarcal brasileiro, reside no aproveitamento de estudos franceses de Philippe Ariès e J. J. Flandrin, nas discussões presentes nas obras de Michel Foucault e na releitura e descoberta de fontes inéditas na historiografia (VAINFAS, 1986).

Desse modo, os estudos históricos sobre sexualidade têm procurado aliar “a avaliação das estratégias disciplinares expressas em diferentes discursos normativos da sexualidade com a investigação das práticas sexuais vivenciadas” (ENGEL, 2012, p. 432), destacando-se a história da mulher e a história da homossexualidade. As contribuições desta última se dão tanto nos diferentes significados que as relações homossexuais adquirem dependendo do sexo, tempo, espaço e formas hierárquicas como, também, na reflexão sobre os limites que dividiam o mundo sexual do não-sexual, da relação entre sexo/procriação e sexo/prazer, ao penetrar em todos os setores da vida individual e social contemporânea.

Ainda no livro supracitado, Ronaldo Vainfas descreve inicialmente a história da sodomia na Europa que, “tão longa como a teologia moral cristã, foi antes de tudo a história de dilemas e incertezas” (VAINFAS, 2011, p. 691). Da Europa ao Brasil Colônia, foi somente a partir do século XVI que os nefandos entraram na mira do Santo Ofício, especialmente os homens brancos. Para com as mulheres, negros e índios parece ter havido certa tolerância. Segundo Vainfas, "numa visão de conjunto, as práticas do nefando na Colônia indicam-nos certo predomínio de relações nas

quais tão ou mais salientes que o desejo, o amor ou a opção homoerótica eram o eventual ardor juvenil, a promiscuidade dos hábitos e mesmo a exploração social e racista” (VAINFAS, 2011, p. 813).

Convém ressaltar que além da sodomia, a bigamia, a defesa da fornicação e a crítica ao celibato religioso também configuravam graves “erros morais”, passíveis de crime e processos. Vainfas conclui que:

Trópico dos pecados, assim seria o destino de nossa Colônia, malgrado o empenho dos inquisidores em transformar nossos moradores, escravos e mulheres em hereges de ocasião, gente suspeita de má-fé. Ficou-nos, porém, o sentimento de culpa — e nisso a célebre “pastoral do medo” triunfaria amplamente, ainda que no além-mar. Sua pretensão era decerto mais ambiciosa, e por isso fracassou, contrariada pelo sentido da colonização. Mas, deteriorando identidades, acirrando preconceitos e culpabilizando consciências, seu esforço não foi de todo vão. É o que nos sugere essa face, também ela trágica, de nossa história colonial (VAINFAS, 2011, p. 1600).

Com base nos estudos coloniais brasileiros de Mott e Vainfas, fica claro que as características do Estado colonial português na América foram determinantes na construção das ideias e das práticas da homossexualidade, enquanto um produto histórico condicionado social e culturalmente. O modelo da família patriarcal e suas formas hierárquicas, o sistema latifundiário, o papel moralizador da Igreja Católica, o racismo, a promiscuidade e a violência no Brasil Colônia criaram um ambiente pouco propício para a poesia, o romance, o afeto e o respeito homoafetivos, embora alguns poucos casos amorosos tenham sido relatados. Ao contrário, propiciaram o desenvolvimento de relacionamentos autoritários, assimétricos, abusivos e sádicos, que, por ainda inculcarem espíritos contemporâneos, são obstáculos reais e atuais para o reconhecimento e fortalecimento da diversidade e dos pluralismos que caracterizam a sociedade brasileira.

Além do contexto colonial, Vainfas contemplou reflexões sobre a ordem social emergente após o fim do escravismo brasileiro, por meio da análise de estratégias disciplinares empreendidas pelos setores intelectuais e/ou dirigentes para assegurar o controle social em um período de mudanças. As principais questões de tal eixo temático, concentrado nos séculos XIX e XX, são “a relação entre os padrões normatizadores e os comportamentos sexuais e afetivos; a problemática da

prostituição; e a relação entre sexualidade e loucura (ENGEL, 2012, p. 449), dialogando com as pesquisas de Michel Foucault.

O filósofo/historiador Michel Foucault influenciou enormemente os estudos brasileiros sobre o tema da sexualidade, tanto nos anos 1980, quanto na atualidade. A obra *História da Sexualidade: vontade de saber*, de 1976 - o primeiro volume de uma coleção de quatro volumes - segue como uma importante referência para o estudo a respeito das relações históricas entre poder e discurso sobre o sexo, sobretudo para os discursos religiosos, na conjuntura político-cultural brasileira atual.

Segundo o autor, foi a partir da Contrarreforma que os discursos sobre o sexo se multiplicaram, intensificando-se no século XVIII e XIX, provocando uma verdadeira “explosão discursiva”. Assim, pensar que as sociedades modernas industriais e burguesas sofreram de uma progressiva e intensa repressão sexual pareceria uma grande hipocrisia, uma vez que nunca se falou tanto sobre sexo, nunca se teve tanta vontade de saber sobre ele como nas impacientes e “perversas” sociedades modernas, ao mesmo tempo que procuram fazer dele um segredo.

Portanto, há uma mudança na pergunta “por que somos reprimidos?” para “por que dizemos que somos reprimidos?” Ou: “por que nos culpamos tanto por ter feito do sexo um pecado?” A “hipótese repressiva” deixa de ser o elemento básico para se pensar a sexualidade e as relações humanas. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: “uma rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder” (FOUCAULT, 2017, p.115), que tem como “cristal” o núcleo familiar.

Foucault também observou que o sexo é “matéria privilegiada da confissão”, na qual verdade e sexo se ligam:

A confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar [...] um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 2017, p. 68-69)

Nesse sentido, a salvação da homossexualidade passa pela confissão, enquanto parte de um conjunto de estratégias psicológicas usado por ministérios religiosos conservadores, entre os quais está a *Exodus* Brasil. O escritor e ativista norte-americano Garrard Conley conta em seu livro *Boy Erased: uma verdade anulada*, sobre sua rápida passagem por um dos programas de terapia reparativa oferecido pela *Exodus* nos Estados Unidos, no qual a confissão tem um papel importante no processo de cura da homossexualidade: “a confissão tem que ser feita antes da cura acontecer. [...] conte tudo e seja salvo” (CONLEY, 2019, p. 300).

De forma crítica, Anthony Giddens evidencia que Foucault pouco falou sobre o gênero sexual e manteve a discussão sobre a sexualidade no nível do discurso, além de ter desconsiderado o fascínio sexual da literatura de romance e do amor romântico do século XIX. Ademais, além do “poder-conhecimento” foucaultiano no processo de desenvolvimento sexual,

Devemos considerá-lo mais como um fenômeno de reflexividade institucional em constante movimento. É institucional por ser o elemento estrutural básico da atividade social nos ambientes modernos. É reflexivo no sentido de que os termos introduzidos para descrever a vida social habitualmente chegam e a transformam - não como um processo mecânico, nem necessariamente de uma maneira controlada, mas porque se tornam parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos (GIDDENS, 1993, p. 39).

Em vez de construída por uma “tecnologia” específica, uma sociedade de alta reflexividade se constitui pelo caráter “aberto” da auto-identidade e pela natureza reflexiva do corpo, em meio a uma quantidade enorme de recursos reflexivos: terapias e manuais de autoajuda, programas de televisão, artigos de revistas e, mais recentemente, as mídias digitais. Além disso, a substituição da “perversão” pelo “pluralismo” é parte de um conjunto de mudanças essenciais à expansão da modernidade.

Na Nova História francesa, a sexualidade tornou-se um dos principais eixos temáticos¹⁵ do campo da “vida privada”, cujo maior representante foi o historiador

¹⁵ O historiador Ronaldo Vainfas identificou os principais eixos temáticos da coleção da História da Vida Privada francesa, onde a sexualidade (juntamente aos temas de individualismo, intimidades e sentimentos pessoais) foi a segunda temática mais recorrente, ficando atrás somente do tema da “familiaridade”. A História da vida privada tem também sua versão brasileira, sob direção do

das mentalidades Philippe Ariès, com as obras *História da vida privada*, em parceria com Georges Duby, e *Sexualidades ocidentais*, ambas de 1985. O campo da vida privada é diferente da história do cotidiano, da individualidade ou da intimidade. Ela se opõe ao público, sendo o espaço da familiaridade, “habilitando o historiador a captar o movimento de progressiva privatização, reativa ao fortalecimento do Estado e à voracidade do espaço público, em detrimento do indivíduo” (VAINFAS, 1996, p. 11).

Com o aumento da visibilidade LGBTQIA+ nas mídias digitais, a participação da opinião pública na afirmação da diversidade sexual e o reconhecimento das identidades e dos direitos de cidadania das minorias sexuais pelas políticas de Estado, o “campo privado” parece ter perdido importância enquanto instrumento teórico e metodológico, dando lugar às abordagens da História social e cultural.

Não obstante, no capítulo “Reflexões sobre a história da homossexualidade”, da obra *Sexualidades Ocidentais*, Philippe Ariès relembra que foi a medicina do final do século XVIII e início do século XIX, herdeira do pensamento clerical, que inventou um “modelo” da pessoa homossexual. Uma “espécie” subumana, como também observou Foucault, identificada por traços físicos e psicológicos específicos. Não existia, até então, uma homossexualidade que se opunha à heterossexualidade. Obviamente que os homossexuais sempre existiram, no entanto, eram os comportamentos sexuais, e não uma identidade homossexual, que eram visados por religiosos e moralistas.

Condenados a viver na clandestinidade e reduzidos ao tipo “efeminado”, anormais e perigosos, os homossexuais eram então objeto de investigação e intervenção médicas, devendo ser submetidos a inspeções físicas e tratamentos psicológicos e afastados do convívio social. Nascia, assim, o “tipo homossexual”, que carregou até o último quarto do século XX as marcas da doença e da perversão, amenizadas, mas longe de serem apagadas, nas sociedades contemporâneas. O “bicha poc”, representada pelo rapaz jovem e geralmente pobre, com traços exageradamente femininos e de estilo “lacrador”, é o terror dos “bichas” machões e dos “bichas” discretos, além do repositório de ódio e preconceito de muitos que se dizem “heterossexuais raiz”.

historiador Fernando A. Novais, organizada em quatro volumes e lançada em 1997. Quanto ao tema da sexualidade, sobressai o capítulo *Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista*, de Ronaldo Vainfas.

De fato, o modelo homossexual adotado na atualidade, como observou Ariès, é o tipo viril, que rejeita o antigo rótulo efeminado e pedófilo. São os "bichas" sarados, esportistas, musculosos, comumente chamadas de *barbies*, ou que se vestem de couro no estilo sado-masoquista, ou mesmo os "bichas" maduros encorpados e peludos, os *ursos* - todos exalando muita testosterona e masculinidade, além de ocuparem quase todo o espaço nos *sites* pornográficos *gays*. Um modelo a ser mais aceito e, por isso, copiado, desejado e, às vezes, odiado pelos homossexuais que não se enquadram nele.

Os tipos masculinizados também indicam que, dos anos 1980 até hoje, houve uma diferenciação expressiva das tribos homossexuais, tão diversa quanto a imaginação e a criatividade humanas, como a própria sigla LGBTQIA+ confirma. Mas foi concomitante à emergência do modelo viril a saída dos homossexuais da clandestinidade, quando passaram a reivindicar seus direitos e diferenças. Nesse sentido, "a tolerância para com a homossexualidade seria proveniente de uma mudança de representação dos sexos, não apenas de suas funções, de seus papéis a nível profissional e familiar, mas de suas imagens simbólicas" (ARIÈS, 1987, p. 80).

Segundo Ariès, a juventude e a moda *unissex* também adotaram um modelo mais viril, sugerindo a existência de um paralelismo - embora separados cronologicamente - entre a história dos mitos da adolescência e da homossexualidade, de um tipo efeminado para um tipo viril. E que não afetou somente a homossexualidade masculina. As lésbicas, que muito vagarosamente vêm ganhando espaço nos estudos da história das sexualidades, na qual ainda predomina a homossexualidade masculina, também foram afetadas pelo modelo viril. Chamadas de *butches*, as lésbicas masculinas têm estilos variados: "caminhoneira", roqueira, esportista, intelectual, com cabelos curtos, tatuagens e de gravata. As *lesbian chics*, mais femininas e delicadas, acabam passando despercebidas.

Influências de uma sociedade machista? Vestígios de uma "hierarquia de gênero"? O "bicha" desmunhecado e afetado e as transexuais são as principais vítimas dos homicídios cometidos contra a comunidade LGBTQIA+. Sua existência é, por si só, uma agressão à heteronormatividade. De qualquer forma, podemos observar na atualidade uma ampliação das representações sexuais, para além do

tipo viril, que parece confirmar uma correspondência entre uma juventude plural e a diversidade sexual.

Na história da homossexualidade, Ariès chama a atenção para o fato dela ser a sexualidade em estado puro, uma “sexualidade-piloto” desvinculada das contaminações sentimentais e da procriação - e dessa forma não difere da heterossexualidade na atualidade -, revelando uma ruptura entre o mundo sexual inconsciente do Antigo Regime e da Idade Média e o mundo sexual consciente da modernidade, pansexual, no qual a sexualidade se difundiu por toda parte, além da genitália, invadindo diferentes corpos e espaços sociais. Consciência, autorreflexividade e autoidentidade são fortes características da modernidade.

Ariès também sugere uma possível relação entre homossexualidade e amizade nas sociedades contemporâneas: “progresso da homossexualidade e de seus mitos, recuo da amizade, extensão da adolescência, que se instala maciçamente no centro da sociedade como um todo: são características essenciais do nosso tempo, ligadas por uma - não sei dizer qual - correlação” (ARIÈS, 1987, p. 86). Se nas sociedades pré-modernas o convívio social, tanto na forma da amizade como das relações de trabalho, embasava-se em uma rede de sentimentalidades alheia à sexualidade, nas sociedades modernas a sexualidade invade o sentimento, agora captado pela família, e a amizade se torna uma característica da adolescência, declinando na fase adulta.

Na mesma obra, no capítulo *A homossexualidade masculina, ou: a felicidade de gueto*, Michael Pollack relaciona homossexualidade, carreira e mercado sexuais: “não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo” (POLLACK, 1987, p. 57). O primeiro sentimento homossexual, passando pela experiência e pela assunção da orientação sexual - o “sair do armário” -, seriam partes de um processo que poderia se estender por anos, depois do qual um mercado de trocas sexuais estaria disponível. Um mercado codificado, especializado, intenso e estereotipado no qual são enfatizados o número de parceiros e a frequência da atividade sexual, podendo gerar auto-segregações, desadaptações e infelicidades: “a maioria dos homossexuais permanece sujeita à gestão esquizofrênica de suas vidas” (POLLACK, 1987, p. 61).

A visão de Pollack merece algumas considerações. Certamente as carreiras homossexuais modificaram-se com a virada do século. O “sair do armário” transformou-se em um termo aparentemente anacrônico em um momento histórico

no qual a sexualidade é entendida por seu aspecto fluido e natural, com menos rótulos. A profusão de informações e o convívio social favorecem o aparecimento de uma diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, de forma cada vez mais precoce e com o apoio familiar. O “mercado do orgasmo” se expandiu com os aplicativos de paquera e pode ser exaustivo em razão da ausência de afetividade, mas também pode gerar amizades e relacionamentos duradouros. Outra questão é a relação entre carreira homossexual e religião: enquanto algumas igrejas mais conservadoras interrompem a carreira ao interditarem a prática homossexual, outras buscam reconciliá-la com a busca espiritual, como acontece nas “igrejas inclusivas”.

Procuramos, neste primeiro subitem, evidenciar algumas contribuições dos estudos históricos brasileiros e europeus sobre a homossexualidade, do contexto colonial à contemporaneidade e das pesquisas socioantropológicas, que sempre dominaram tal campo de estudos, mas, também, porque envolvem perspectivas históricas em certo grau. Como enfatizou o historiador e brasilianista James Green, pioneiro nos estudos LGBTQIA+ no Brasil, a disciplina de História está bastante atrasada quando comparada com a antropologia, a educação, a comunicação, a psicologia, a sociologia e a saúde pública. “Ainda hoje, depois de mobilizações maciças nas ruas e conquistas democráticas, dentro das universidades existe uma dupla moralidade. [...] Há uma resistência para levar à sério pesquisas sobre a homossexualidade que não aquelas de uma época distante (GREEN, 2012, p. 66).

Green sugere alguns caminhos para os novos historiadores: o aprofundamento dos estudos sobre homoerotismo para outras cidades brasileiras, além do Rio de Janeiro e São Paulo; uma investigação de jornais e periódicos e de processos criminais do século XIX, que ainda é uma incógnita; a exploração da homossexualidade no mundo artístico dos anos 1940 aos anos 1960; a investigação da relação entre sexualidade e história política brasileira; estudos sobre o lesbianismo no Brasil, que são quase inexistentes.

1.2 O objeto "homossexualidades" e a área das Ciências da Religião e Teologia: estado da arte

Neste subitem, analisamos quantitativa e qualitativamente a produção científica da área das Ciências da Religião e Teologia sobre o tema da homossexualidade. Para realizar este estudo bibliográfico, servimo-nos de alguns aspectos dos levantamentos sobre diversidade sexual realizados previamente por Machado & Piccolo (2010) e por Natividade & Oliveira (2013) para nortear os critérios de seleção, classificação e avaliação dos dados coletados para a nossa pesquisa.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo que os pesquisadores observaram uma evolução e ampliação das pesquisas sobre diversidade sexual em diferentes áreas ao longo do período estudado, notaram também que os estudos são poucos e que “ainda estão por ser realizados” (MACHADO & PICCOLO, 2010, p. 210; NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2013, p. 31). Acreditamos, assim, ser importante e contributivo às Ciências da Religião e Teologia atualizarmos o “estado da arte” sobre o assunto, sem nos esquecermos que o tema da diversidade sexual, longe de esgotar a sua discussão com base nesta área de pesquisa, dialoga com muitas outras áreas, especialmente a Psicologia, as Ciências Sociais, a História e a Teologia, mas, também, com a Medicina, a Linguística, as Letras, Artes e Educação. Isso se concretiza nesta pesquisa, produzida no âmbito das Ciências da Religião e Teologia.

A fim de levantar a produção recente e debates em constituição no campo intelectual brasileiro, os estudos sobre diversidade sexual e religião de Natividade & Oliveira (2013) elegeram como fontes primárias os artigos científicos e as comunicações apresentadas em eventos acadêmicos na área das Ciências Sociais, compreendidos entre 1997 e 2007. Machado & Piccolo (2010), querendo compreender como o tema da diversidade sexual tem sido pensado pela universidade brasileira, escolheram o banco de teses da CAPES, no período de 1987 a 2006. A fim de contribuirmos com esses estudos, selecionamos:

- um recorte temporal entre 2013 a 2021, por duas razões: foi a partir de 2013 que “recrudescer uma sinergia entre atores sociais, um amálgama de valores culturais e uma concertação de forças políticas que configuram o que tem sido nomeado de *onda conservadora*” (ALMEIDA, 2019, p. 207) e também o momento em que

intensificaram-se as investidas dos evangélicos sobre as pautas das minorias sexuais na secretaria de Direitos Humanos, sob a direção do pastor Marco Feliciano. Este movimento veio "na contramão da ampliação dos direitos", quando "os objetivos regimentais da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) são suplantados em muitos momentos por assuntos religiosos que entram na pauta das discussões", não proporcionando "grandes avanços nos temas que historicamente se desenvolvem ali" (ANTUNES FILHO; PINEZI; SILVA, 2019, p.196-197);

- a última classificação do banco de periódicos do Qualis da área 44, disponível na Plataforma Sucupira, do quadriênio 2013-2016, do estrato A1 ao B3, uma vez que as dissertações e teses defendidas geram artigos científicos em periódicos e diálogo dos seus autores com formadores de opinião, influenciando o debate nacional e a esfera política. Adicionalmente, os artigos são revisados pelos pares, selecionando e discutindo a temática. As revistas também são indexadas e classificadas de acordo com o fator de impacto, ampliando seu alcance.

Foram listados, inicialmente, os periódicos do estrato A1 ao B3 da área 44 da CAPES, que somaram duzentas e cinquenta e seis revistas. Interessou-nos somente a produção nacional e, removidos os periódicos internacionais e os que se repetiram na versão on-line e impressa, sobraram cento e trinta e quatro. Destes, com a ajuda do identificador ISSN, foram selecionados exclusivamente os periódicos pertencentes aos programas de pós-graduação (PPG) em Ciências da Religião e Teologia. Foram encontrados 27 periódicos: três deles pertencentes ao estrato A1, quatro ao estrato B2, oito periódicos relativos ao estrato B1, seis ao estrato B2 e mais seis concernentes ao estrato B3. Eles estão distribuídos entre 14 programas de pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) e 13 programas de Teologia, conforme descrito no Quadro 1:

Quadro 1 - Periódicos dos PPGs da Área 44 da CAPES

Nome do Periódico	Estrato
Estudos de Religião - UMESP - PPG Ciências da Religião	A1
Horizonte - PUC Minas - PPG Ciências da Religião	A1
Perspectiva Teológica - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia	A1
Estudos Teológicos - Faculdades EST (Escola Superior de Teologia) - São Leopoldo/RS	A2
Pistis & Praxis - UFPR - PPG Teologia	A2

Rever: Revista de Estudos da Religião - PUCSP - Ciência da Religião	A2
Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias PUCSP - PPG Teologia	A2
Atualidade Teológica - PUCRJ - PPG Teologia	B1
Caminhos - PUC Goiás - PPG Ciências da Religião	B1
Interações - PUC Minas - PPG Ciências da Religião	B1
Numen - UFJF - PPG Ciências da Religião	B1
Paralelus: Revista de Estudos de Religião - Unicap - PPG Ciências da Religião	B1
Reflexus - Faculdade Unida de Vitória - Curso de Teologia e PPG de Ciências das Religiões	B1
Revista de Cultura Teológica - PUCSP - PPG Teologia	B1
Caminhando - UEMESP - Escola de Teologia	B1
Ciências da Religião: História e Sociedade - Mackenzie	B2
Correlatio - UEMESP - Grupo de estudos Paul Tillich	B2
Protestantismo em Revista - Faculdades EST - São Leopoldo/RS	B2
Revista Eclesiástica Brasileira - Instituto Teológico Franciscano - Petrópolis/RJ	B2
Religare - UFPB - PPG Ciências das Religiões	B2
Último Andar - PUCSP - Programa de Ciência da Religião	B2
Identidade! Faculdades EST - São Leopoldo/RS	B3
Mandrágora: gênero e religião - UEMESP - Programa de Ciências da Religião	B3
Reflexão - PUC Campinas - PPG Ciências da Religião	B3
Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap	B3
Tear: Liturgia em Revista - Faculdades EST - São Leopoldo/RS	B3
Teocomunicação - PUCRS - PPG em Teologia	B3

A partir dos seguintes descritores: sexualidade, homossexualidade, homoafetividade, gay, LGBT, *queer*, diversidade sexual, direitos sexuais, homofobia e igreja inclusiva, inseridos no campo "busca" ou "pesquisa" no *website* da revista, buscamos identificar o maior número de trabalhos, entre artigos e resenhas, que se relacionassem com o tema em toda a sua complexidade, tanto política quanto cultural. Em 9 periódicos, dos quais 8 pertencem a programas de Teologia e 1 às Ciências da Religião, não obtivemos nenhum resultado e até o momento o *website* da revista *Parallelus* da UNICAP encontra-se em manutenção. Assim, nas 17 revistas restantes, foram encontradas 74 publicações (68 artigos e 6 resenhas) conforme a Tabela 1, a seguir:

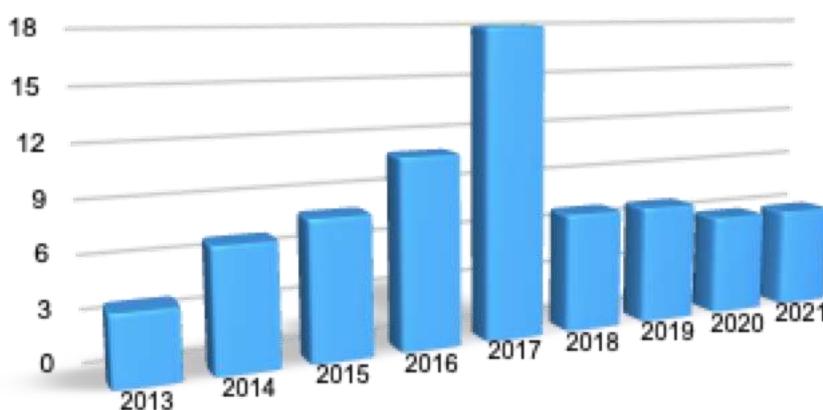
Tabela 1 - Distribuição do número de artigos e resenhas por periódico

Periódico	Artigo/Resenha
Paralelus: Revista de Estudos de Religião - Unicap - PPG Ciências da Religião	manut
Fronteiras: Revista de Teologia da Unicap	-
Pistis & Praxis - UFPR - PPG Teologia	-
Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias PUCSP - PPG Teologia	-
Atualidade Teológica - PUCRJ - PPG Teologia	-
Caminhos - PUC Goiás - PPG Ciências da Religião	-
Revista de Cultura Teológica - PUCSP - PPG Teologia	-
Protestantismo em Revista - Faculdades EST - São Leopoldo/RS	-
Tear: Liturgia em Revista - Faculdades EST - São Leopoldo/RS	-
Teocomunicação - PUCRS - PPG em Teologia	-
Mandrágora: gênero e religião - UMESP - Programa de Ciências da Religião	21/3
Estudos de Religião - UMESP - PPG Ciências da Religião	7/2
Correlatio - UMESP - Grupo de estudos Paul Tillich	6
Revista Eclesiástica Brasileira - Instituto Teológico Franciscano - Petrópolis/RJ	5
Religare - UFPB - PPG Ciências das Religiões	5
Numen - UFJF - PPG Ciências da Religião	4
Horizonte - PUC Minas - PPG Ciências da Religião	3/1
Último Andar - PUCSP - Programa de Ciência da Religião	3
Interações - PUC Minas - PPG Ciências da Religião	2
Estudos Teológicos - Faculdades EST (Escola Superior de Teologia) - São Leopoldo/RS	2
Reflexus - Faculdade Unida de Vitória - Curso de Teologia e PPG de Ciências das Religiões	2
Identidade! Faculdades EST - São Leopoldo/RS	2
Ciências da Religião: História e Sociedade - Mackenzie	2
Perspectiva Teológica - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia	1
Rever: Revista de Estudos da Religião - PUCSP - Ciência da Religião	1
Caminhando - UMESP - Escola de Teologia	1
Reflexão - PUC Campinas - PPG Ciências da Religião	1
TOTAL	68/6

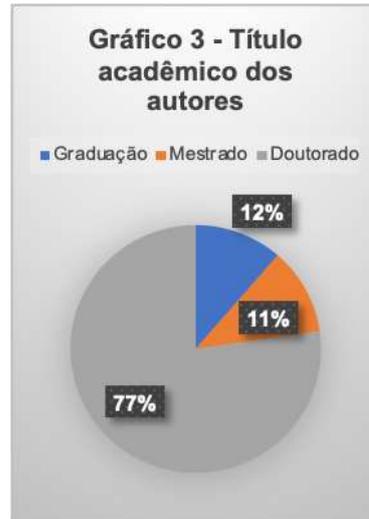
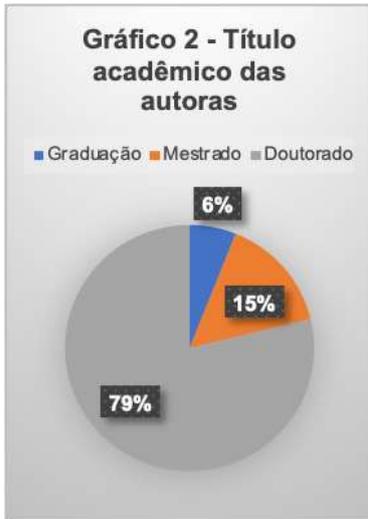
A revista *Mandrágora*, do grupo de estudos de gênero e religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) destacou-se com 21 artigos e 3 resenhas (25%), seguida pelas revistas *Estudos de Religião*, com 7 artigos e 2 resenhas, e *Correlatio*, com 6 artigos, ambas também da UMESP. Juntas, as três primeiras totalizaram 39 publicações, mais da metade da produção total. A

Universidade Metodista de São Paulo, representada por 4 revistas, lidera, assim, como a instituição com mais publicações: 40 trabalhos. Das 10 revistas vinculadas às Pontifícias Universidades Católicas - São Paulo (4), Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (1), Goiás (1), Rio Grande do Sul (1) e Campinas (1) - 5 delas não abordaram o tema, enquanto as outras 5 dividiram uma produção de apenas onze artigos científicos: PUC-Minas com seis artigos, PUC-SP com quatro e PUC-Campinas com um artigo publicado. As escolas e institutos de Teologia, como a Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e o Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis/RJ, contribuíram com 10 artigos. Das 3 revistas vinculadas às instituições públicas, a *Pistis & Praxis*, da Universidade Federal do Paraná não falou sobre o tema, enquanto as universidades federais da Paraíba e Juiz de Fora totalizaram 9 publicações. No Gráfico 1, podemos observar o número de publicações e o ano da publicação:

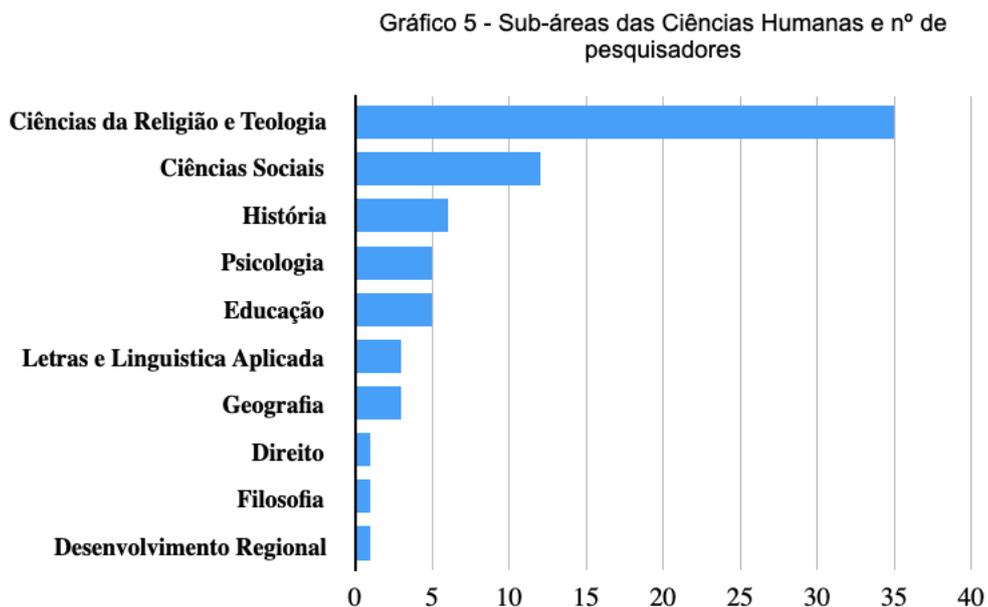
■ Gráfico 1: Distribuição do número de publicações entre 2013 e 2021



Participaram dessa produção 77 autores: 33 mulheres (42,8%) e 44 homens (57,2%), na sua maioria doutores ou doutorandos, conforme os gráficos 2, 3 e 4:



As áreas de formação dos pesquisadores são variadas (levamos em consideração o grau acadêmico mais elevado de cada autor(a)) e, embora quase 90% sejam formados na grande área das Ciências Humanas, podemos dividi-las nas seguintes subáreas, conforme o Gráfico 5:



A partir desta análise quantitativa inicial, pudemos identificar que o tema das homossexualidades, embora tenha ganhado “cidadania” entre os pesquisadores da área das Ciências da Religião e Teologia, teve maior acolhida nos programas de

pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) do que nos PPGs de Teologia. Observamos também que 2/3 dos autores que publicaram os resultados de suas pesquisas possuíam doutorado concluído ou em andamento. Notamos que a formação dos pesquisadores é variada, predominando a área das Ciências da Religião e Teologia em quase metade deste conjunto, que também se distribui entre as Ciências Sociais, História, Psicologia, Educação, Letras, Geografia, Direito, Filosofia e Ciências da Saúde, confirmando o status interdisciplinar do assunto e da área.

As contribuições da História para a área das Ciências da Religião e Teologia restringiram-se a apenas seis autores: três homens e três mulheres, entre os quais um mestrando, dois doutores e três pós-doutores na área. Os temas abordados relacionaram homossexualidade com religião, política, gênero, "ideologia de gênero", teologia, aborto, laicidade e fundamentalismo religioso. Adicionalmente, fora da área das Ciências Humanas, identificamos pesquisadores das áreas das Ciências da Saúde, Saúde Coletiva e Logoterapia.

Para uma análise qualitativa, partimos das palavras-chave encontradas e que, em razão da grande quantidade, levou-nos a criar um conjunto de categorias relacionadas ao tema escolhido, dentro das quais pudéssemos inseri-las, respeitando a coerência e conexão entre elas. De acordo com Engler (2011, p. 273), "categorias são classes mais gerais que reúnem conceitos, com os últimos servindo efetivamente como propriedades dos primeiros. Conceitos são construções que combinam características ou particularidades de um conjunto de códigos, que são os termos e frases iniciais descritivos e interpretativos que rotulam elementos de dados". Ou, dito de outra forma, categorias são ferramentas teóricas utilizadas para interpretar a realidade, enquanto conceitos são palavras que carregam significados, comportando uma semântica que deve ser decifrada em termos dos seus usos contingenciais e históricos (KOSELLECK, 2006). Organizamos, assim, as palavras-chave em 11 categorias, tendo como referência a classificação criada por Machado & Piccolo (2010): política, gênero, diversidade sexual, heterossexualidade, homofobia, HIV/Aids, religião, teologia inclusiva, parceria civil, política sexual e sexualidade, de acordo com o Quadro 2:

Quadro 2 - Categorias e palavras-chave

Categorias	Palavras-chave
Política	Laicidade (7)*, Política (6), Direitos Humanos (2), Câmara dos Deputados (2), Judiciário, CDHM, comportamento político, parlamentares evangélicos, Frente Parlamentar Evangélica, Marco Feliciano, Estado, Estado laico, laicidade do Estado, Congresso Nacional, democracia, minoria social, Escola sem Partido, Jair Bolsonaro, Esfera Pública, Espaço público, relações de poder, igualdade
Gênero	Gênero (18), estudos de gênero, identidades de gênero e sexologia, mulheres
Diversidade sexual	Homossexualidade (13), LGBT (5), Teologia Queer (4), diversidade (3), orientação sexual (2), princípio pluralista (2), Comunidade LGBT, Teoria Queer, transgênero, livre orientação sexual, pluralismo, ex-gay, vida bicha, ambiguidade
Heterossexualidade	Família (2), heteronomia, heterodiscursividade, família tradicional
Homofobia	Ideologia de gênero (7), homofobia, armário, exclusão social, homofobia religiosa, fobia de gênero, pânico moral, guerra cultural, violência, polêmica como interincompreensão, kit gay, <i>fake news</i> , discursos religiosos punitivos/discriminatórios; cura e libertação de homossexuais e de travestis, medicalização da homossexualidade, ser afetado, respeito, acolhida, diálogo
HIV/Aids	Soropositividade
Religião	Religião (24), Evangélicos (3), Igreja Católica (3), cristianismo (3), Bispos (2), Bíblia (2), Lei Natural (2), catolicismo (2), padres (2), Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) (2), ensino religioso (2), fundamentalismo religioso (2), Espiritualidade, Pregação protestante, Protestantismo brasileiro, batistas, Igreja Universal do Reino de Deus, Anglicanismo, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Evangélica, Igreja, Juventude católica, Sínodo dos Bispos, Seminário, Formação seminarística, seminaristas, Teologia da Libertação, tradicionalismo católico, tradicionalismo, conservadorismos religiosos, identidade religiosa, liberdade religiosa, Ética sexual, Ética moral, Teologia, Teologia pastoral, Formação teológica, pastoral da diversidade, Antigo Testamento, Levítico, teologia pública, tradição judaico-cristã, Padre Paulo Ricardo, Rubem Alves, Marcella Althaus-Reid, amor incondicional, demônico, crenças grupais, sinais dos tempos, Ciências da religião
Teologia inclusiva	Grupo Religioso Inclusivo, Igrejas inclusivas, Teologia Inclusiva
Parceria civil	Uniões homoafetivas
Política sexual	Direitos sexuais (2), cidadania (2), direitos reprodutivos (2), políticas públicas, cidadania LGBT, aborto
Sexualidade	Sexualidade (14); corporeidade (2), magia, sexo, corpo
Sem categoria	Educação (3), Periferias existenciais (2), Representações sociais, Etnografia Sociológica, vivências, Temas transversais, Processos intergrupais, Ciberespaço, Redes eletrônicas, Espaço, especificidade, singularidade, drogas

* (n): número de citações

Os três conceitos que mais apareceram foram religião, gênero e sexualidade (seguido da homossexualidade), confirmando que "o campo da sexualidade mantém uma relação íntima com o de gênero, cujo desenvolvimento está estreitamente

ligado aos movimentos sociais, como o feminista e o de liberação homossexual” (HEILBORN & BRANDÃO, 1999, p. 2). Das 11 categorias criadas, três delas contém a maioria das palavras-chave, que são as categorias Religião, Política e Homofobia.

A categoria “Religião” evidenciou que os estudos da homossexualidade se concentraram no cristianismo, tanto no catolicismo quanto no protestantismo. Não encontramos, entre as publicações selecionadas e o recorte temporal escolhido, nenhum estudo relacionado às religiões afro-brasileiras e indígenas, ao espiritismo e ao judaísmo. Dessa forma, a heterogeneidade dos discursos que a homossexualidade adquire, dependendo da tradição religiosa à qual está associada, fica obscurecida por uma abordagem exclusivamente cristã. As palavras-chave também sugerem um enfoque nos estudos sobre o ensino religioso e formação teológica, além dos aspectos tradicionais, conservadores e éticos das instituições.

A diversidade dos sujeitos sexuais é cada vez mais reconhecida pelos estudiosos, preocupados em orientar suas investigações pelos marcos da política de reconhecimento das diferenças e das minorias sociais e pelos valores oriundos da ideologia dos direitos humanos,

Ou seja, é como se essa esfera de valores estivesse balizando, ou no mínimo influenciando, uma parte significativa da produção científica brasileira sobre a sexualidade humana e, mais recentemente, sobre diversidade sexual. Não há, entretanto, um consenso em torno de conceitos, mas um processo de discussão datado e informado pela hegemonia do ideário dos direitos individuais e das minorias no Ocidente (MACHADO & PICCOLO, 2010, p. 236).

Nesse sentido, os termos ordenados na categoria “política” e “política sexual” parecem confirmar tal articulação entre as pesquisas e a gramática dos Direitos Humanos. Adicionalmente, destacaram-se nesse campo a atuação dos evangélicos e o aspecto laico do Estado.

Como havíamos observado anteriormente, a maioria das revistas dos programas de pós-graduação em Teologia nada falou sobre as homossexualidades. Não obstante, despertou o nosso interesse o fato de que a categoria “homofobia” tenha sido uma das mais relevantes nas publicações dos PPGs de Ciências da Religião, especialmente nas críticas à chamada “ideologia de gênero”, mas também explícita em termos como fobia, violência, polêmica, pânico e guerra.

Observamos que as publicações dos PPGs em Ciências da Religião totalizaram cinquenta e um artigos e seis resenhas, enquanto os PPGs em Teologia publicaram somente dezessete artigos, ou seja, o total de artigos publicados pela primeira representou exatamente o triplo da segunda, excluídas as resenhas.

O espaço temporal definido para esta pesquisa, entre 2013 e primeiro semestre de 2021, representou uma limitação. Ficaram de fora importantes dossiês sobre sexualidade: da revista Estudos Teológicos da EST/RS, de 1999, com o tema “Homossexualidade”; da revista Rever, de 2006, “Religião e sexualidade: discussões em curso” e o dossiê “Religião e sexualidade” da revista Mandrágora, de 2012. Observamos também que o ano de 2017 obteve o maior número de publicações, decorrentes, sobretudo, de artigos da Revista Mandrágora, que concentrou dez das dezoito publicações, ao mesmo tempo que foi o ano no qual houve um maior número de periódicos (9) com pelo menos uma publicação sobre o tema, como demonstra a Tabela 3. Já o ano de 2013 teve o menor número de publicações, somente quatro, concentradas em duas revistas.

Tabela 2 - Número de publicações por ano dos periódicos (2013-2021)

Periódicos	Publicações	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Mandrágora: gênero e religião	24			5	3	10	3		1	2
Estudos de Religião	9	3	2		2		1	1		
Correlatio	6		1	1	1	1	2			
Revista Eclesiástica Brasileira	5	1				1		1	2	
Religare	5				1			3	1	
Horizonte	4		1	1		1			1	
Numen	4		1		1	1				1
Último Andar	3		1		2					
Estudos Teológicos	2									2
Interações	2					1				1
Reflexus	2					1		1		
Ciências da Religião: História e Sociedade	2		1	1						
Identidade!	2					1	1			
Perspectiva Teológica	1				1					
Rever	1								1	
Caminhando	1					1				

Reflexão	1							1		
Total de publicações	74	4	7	8	11	18	7	7	6	6
Número de periódicos		2	6	4	7	9	4	5	5	4

Obs: os periódicos em negrito pertencem aos PPGs de Teologia

Nesse sentido, a média da produção anual, antes e depois de 2017, foi 7,5 e 6,5, respectivamente. Se considerarmos todo o período estudado, a média sobe para 8,2 publicações/ano, distribuídos de forma bastante heterogênea.

Entre os principais pesquisadores cujos temas de pesquisa relacionam teologia, religião, diversidade sexual, igrejas inclusivas e estudos *queer*, gostaríamos de destacar os trabalhos de André Sidnei Musskopf e Ana Ester Pádua Freire, entre tantos outros importantes pesquisadores.

André Musskopf, mestre e doutor em Teologia, foi ordenado pastor em 2022 pela Igreja Batista Nazareth, de Salvador, e é autor de inúmeras obras como “Uma brecha no armário: propostas para um teologia gay” (2015), “Talar rosa: homossexuais e o ministério na Igreja” (2005) e “Via(da)gens teológicas” (2019), além de possuir uma vasta publicação de artigos. Atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de Ciência da Religião.

A reverenda Ana Ester Pádua Freire, que é jornalista, teóloga, mestre e doutora em Ciências da Religião, considera-se uma pesquisadora independente da teologia indecente de Marcella Althaus-Reid, um dos principais nomes da Teologia *Queer* da América Latina e dos estudos que relacionam cristianismo, Bíblia e sexualidade. Ela é ministra ordenada pelas Igrejas da Comunidade Metropolitana.

Assim, os dados obtidos e analisados neste levantamento evidenciaram que os estudos sobre a homossexualidade na área 44 da CAPES ainda são escassos. Não obstante, a sua relação com os temas da sexualidade, gênero, política e homofobia demonstrou a atualização deste debate, mesmo que ainda concentrado em programas de Ciências da Religião e em pesquisadores doutores ou em doutoramento. De forma similar às observações de Machado & Piccolo (2010), verificamos que, embora o tema da homofobia tenha ganhado projeção nos mais recentes estudos acadêmicos, ainda existe um silenciamento sobre o tópico, sobretudo nos programas de pós-graduação em Teologia, que participa na construção - nesse caso negativa - da homofobia como questão social ao mesmo

tempo que minimiza a importância da religião e da sexualidade na composição das experiências e subjetividades humanas.

Capítulo 2: Semeando a “boa terra”: características estruturais e conjunturais brasileiras e os frutos da *Exodus* Brasil

Neste capítulo, elegemos e descrevemos algumas categorias analíticas a partir das quais se torna possível interpretar a realidade brasileira contemporânea na qual a organização *Exodus* Brasil ganha força, legitimidade e visibilidade em um campo religioso disputado e dinâmico. Dentre estas categorias, destacamos: mitologia, conservadorismo, “ideologia de gênero”, reforma digital e religião pública, as quais nos parecem operativas para interpretar a atual combinação entre passagens bíblicas, usadas ideologicamente, “onda conservadora”, mídias digitais e espaço público, na criação de um terreno fértil para a produção desinibida de discursos religiosos que atacam a homossexualidade e que agrega diferentes pessoas de variadas denominações religiosas e que compartilham da mesma visão negativa sobre as minorias sexuais.

Partimos, assim, do “nascimento mítico” da organização *Exodus*, destinada à salvação das pessoas homossexuais na Terra. Os mitos bíblicos da origem e da criação do mundo e da humanidade são fartamente utilizados para expressar os “planos de Deus” e da *Exodus* Brasil para a sexualidade humana, fortalecidos por uma maré conservadora que agita o mundo ocidental desde o final dos anos 1960 e por uma “onda conservadora” que atingiu o Brasil em 2013, cujo ápice foi a eleição de um presidente ultraconservador e de extrema-direita em 2018, declaradamente homofóbico¹⁶. Ao mito e ao conservadorismo se uniram duas tradições: aquela midiática e comunicacional inerente às correntes protestantes desde a Reforma, e aquela da religião pública, inseparável da própria configuração histórica do campo religioso brasileiro. Nessa “boa terra” a *Exodus* Brasil semeia e colhe seus frutos, na contramão dos direitos e da democracia brasileira.

2.1 O nascimento mítico

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu

¹⁶ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

que a luz era boa, e Deus separou a luz das trevas (Bíblia de Jerusalém, Gn 1:1-4)

No princípio, Deus estendeu a mão para homens e mulheres homossexuais em cada continente ao redor do mundo. Estendendo a mão com graça e verdade, Deus trouxe esperança, cura e transformação para homens e mulheres afetados pela homossexualidade. Então, Ele os chamou para deixá-Lo trabalhar por meio deles para levar Sua graça e verdade a outros ao redor do mundo (Mito da criação da organização Exodus¹⁷).

É assim, imbuída de mistério e no papel de atriz coadjuvante de um mito bíblico adaptado e atualizado, que foi criada a organização cristã estadunidense *Exodus*¹⁸, nos anos 1970, enquanto uma história que começa da mesma forma que a história do mundo registrada no Gênesis.

Conhecida no meio cristão protestante por sua abordagem conservadora da homossexualidade, ela explica que Deus ama todas as pessoas, mesmo aquelas que não seguem o projeto dele tocante ao sexo e à sexualidade, embora isso traga consequências físicas, emocionais, relacionais e espirituais. Nesse sentido, faria parte da vida cristã a organização da vida sexual, pois o problema não seria comportamental, não seria a orientação sexual, mas a desconexão com o divino, com o coração. O foco não estaria na mudança da homossexualidade para a heterossexualidade, mas na aquisição de uma nova identidade em Cristo, não pelos próprios esforços, pois sozinhos todos são impotentes, mas aceitando a morte e ressurreição de Jesus, que redime todos os pecados. Assim,

Algumas pessoas, quando usam a palavra *mudança* no contexto de práticas e atração pelo mesmo sexo, referem-se à mudança de comportamento e atração sexuais - o foco sendo colocado na mudança do comportamento sexual de alguém por meio dos seus esforços. Deus tem uma mudança bem maior em mente. Deus diz que ele transforma pecadores em santos a fim de que Ele possa se tornar um com eles¹⁹.

¹⁷ Disponível em: <https://www.exodusglobalalliance.org/howwegotstartedc88.php>. Acesso em: 30 abr. 2021

¹⁸ Optamos pelo uso do substantivo feminino para nos referirmos à Exodus, em razão da associação do nome com uma organização, cuja rede de indivíduos/ministérios especialistas em sexualidade adquire diferentes nomes a depender do lugar ou do propósito: Exodus Internacional, Exodus Brasil, Aliança Global Exodus, etc.)

¹⁹ Disponível em: <https://www.exodusglobalalliance.org/exodus-international-c1447.php>. Acesso em: 9 mar. 2022.

Por meio da identificação com Cristo, o homossexual (assim como o heterossexual pecador) ganharia vida, ou seja, a natureza e a identidade divinas. Na visão da *Exodus*, é papel da Igreja acolher com compaixão aqueles e aquelas que sofrem o impacto da homossexualidade. As pessoas abatidas e desanimadas por "problemas de atração pelo mesmo sexo, violação sexual ou pecado sexual" e que "lutam contra o pecado, a doença, desesperadamente necessitadas de integridade" receberiam, assim, a transformação, a cura, a liberdade e a verdade em Cristo por meio do conhecimento e da prática do Evangelho e do aconselhamento bíblico, lançando, assim, desafios únicos para pastores, conselheiros e outros líderes cristãos leigos.

Desde 1969, com a revolta de *Stonewall* em Nova York, os movimentos contra a opressão *gay* intensificaram-se, exigindo direitos e adquirindo popularidade. A homossexualidade havia sido classificada como uma doença mental no final do século XIX pelos psiquiatras alemães R. Von Krafft-Ebing e A. Von Schenck-Notzing. A sua retirada do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) em 1973 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) representou um "ato simbólico que marcou uma reviravolta nas relações de forças entre as diferentes teorias da sexualidade" (POLLACK, 1987, p. 55) e que resultou em uma mudança na abordagem da homossexualidade. As teorias classificatórias e explicativas até então predominantes deram lugar às teorias sobre os estilos de vida e a melhoria das condições sociais dos homossexuais, interesse este derivado da liberalização geral dos costumes sexuais, que se "inscreve em um duplo movimento tendencial de autonomização relativa [diferenciação entre interesse e reprodução sexuais] e de racionalização da sexualidade [contabilidade do prazer]" (POLLACK, 1987, p. 57).

A criação da organização *Exodus* Internacional, em 1976, como consequência da união de sessenta e seis ministérios religiosos estadunidenses concordantes sobre uma visão bíblica do pecado da homossexualidade²⁰, foi uma resposta de conservadores cristãos à decisão da APA e ao crescimento da visibilidade *gay*, à emergência da homossexualidade na modernidade "tardia", em uma sociedade de alta reflexividade na qual ganharam espaço questões atreladas à autoidentidade e ao corpo, inseridas em um "projeto reflexivo do eu" (GIDDENS, 1992).

²⁰ Cf. Cleber Macedo: *A "cura gay" desde 1950*.

Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=12812#opinioao>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

Naquele mesmo ano, além da publicação do primeiro volume da "História da Sexualidade" de Michel Foucault, foi criado no Brasil o CPPC: o "Corpo dos Psicólogos e Psiquiatras Cristãos"²¹, "a partir de inquietações espirituais e dos desafios intelectuais de algumas pessoas" diante da esquerda acadêmica racionalista e marxista, quando ser religioso significava ser "subdesenvolvido intelectualmente, anticientífico, retrógrado e exótico"²². No entanto, tal rótulo sobre os psicólogos e psiquiatras cristãos, na interpretação oficial do CPPC, vem desaparecendo e os cursos de pós-graduação em Ciências da Religião são também responsáveis por isso. Dessa forma,

A época das inquisições e exclusões tendem a diminuir entre vastos setores dos dois campos [psicologia-religião] permitindo uma relação mutuamente fecundante. A grande frequência de psicólogos hoje nos cursos de Pós-graduação em Ciências da Religião e de pastores cursando psicologia mostra uma confluência de interesses realmente plural e uma saudável distensão de mentes²³.

A "psicóloga cristã" Esly Regina de Carvalho foi uma das fundadoras inquietas do CPPC. Ainda em 1982, ela organizou o "Encontro Cristão sobre Homossexualidade" e participou diretamente da criação da *Exodus America Latina*, em 1994. É doutora em Psicologia e autora do livro *Homossexualismo. Abordagens cristãs*, de 1998, o mesmo ano da fundação da *Exodus Brasil*, celebrada com o "3º Encontro Cristão sobre Homossexualismo", organizado pela *Exodus Brasil* na cidade de Viçosa, em Minas Gerais. À época, o jornal Folha de São Paulo noticiou que, de acordo com o CPPC, tratou-se de uma iniciativa destinada a ajudar os homossexuais descontentes com a orientação sexual, com fins informativos para entender melhor o "homossexualismo" e as soluções oferecidas pela conversão religiosa. O Grupo Gay da Bahia, liderado pelo antropólogo Luiz Mott, assim como a Associação Brasileira de gays, lésbicas e travestis (ABGLT) contestaram o encontro, alegando a participação indevida de profissionais que buscavam curar o que não é doença e denunciando as torturas psicológicas e trabalhos forçados como parte das

²¹ Para um aprofundamento da atuação do CPPC no Brasil recomendo a dissertação de Cleber Macedo: A "clínica pastoral" dos psicólogos cristãos no Brasil (2017), disponível em <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/4385/1/Dissertacao%20Cleber%20Macedo.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2021.

²² Disponível em: <https://cppc.org.br/a-organizacao>. Acesso em: 6 mar. 2022.

²³ Disponível em: <https://cppc.org.br/a-organizacao>. Acesso em: 6 mar. 2022.

terapias libertadoras do "homossexualismo"²⁴. Um ano antes, em 1997, ocorreu a primeira Parada Gay do Brasil, na cidade de São Paulo, com o *slogan*, "somos muitos, estamos em todos os lugares e em todas as profissões".

O CPPC tem relações conflituosas com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro, criado em 1971. Em 2022, após uma longa jornada de embates iniciada em 1999, quando o CFP, por meio da Resolução nº 01/1999, formalizou o entendimento de que "as práticas homossexuais não constituem doença, distúrbio ou perversão, e não podem ser tratadas como patologias", ocorreu a cassação do registro da "psicóloga cristã" Rosângela Justino - uma importante parceira da *Exodus*. O Conselho Federal de Psicologia, por meio da resolução 13/2007, esclarece que a "Psicologia Cristã" não consta como uma de suas especialidades²⁵. Na contramão da ciência, um dos objetivos da *Exodus* é criar uma rede de psicólogos/psicanalistas-pastores/missionários, homens e mulheres, especialistas em sexualidade humana e bíblica, por meio da qual o mito genésico acima citado é transformado em rito e as palavras materializam-se em ações.

Por meio da apropriação e da atualização dos primeiros versículos do Gênesis, "o mito por excelência da nossa tradição cultural"²⁶ cristã-ocidental, a narrativa mítica sobre a criação da *Exodus* nada tem de inocente ao desejar contribuir para um conjunto de mitos ligados à regulação da sexualidade em geral e, de forma específica, à interdição da prática homossexual. Os mitos bíblicos da criação e da queda, nas suas versões originais, são utilizados com frequência - e com sucesso - para reforçar o modelo tradicional heterossexual e monogâmico e excluir - com *justa causa* - a homossexualidade. São, por isso, bastante apreciados por segmentos religiosos fundamentalistas e/ou conservadores e são fundamentais para o universo da linguagem da experiência religiosa.

Vale destacar que a relação entre mito e cristianismo nem sempre foi amistosa. Considerados "fábulas"²⁷ pelos Pais da Igreja, eles foram associados ao

²⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff11069830.htm>. Acesso em: 24 jan. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://site.cfp.org.br/formacao-em-psicologia-crista-comunicado-do-cfp/#:~:text=Comunicado%20do%20CFP%20sobre%20forma%C3%A7%C3%A3o%20em%20E2%80%9CPsicologia%20Crist%C3%A3%E2%80%9D&text=2.,3.>. Acesso em: 9 mar. 2022.

²⁶ G. P. Caprettini, G. Ferraro e G. Firolamo, "Mythos/Logos", em *Enciclopedia Einaudi* (16 vols.), Turim, Einaudi, 1977-1984, vol. 9, p. 683 apud Franco Jr., Hilário, 1996, p.48.

²⁷ Algumas passagens da Bíblia de Jerusalém confirmam o aspecto negativo dos mitos enquanto fábulas: "[...] Nem se ocuparem com *fábulas* e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as

paganismo, à mentira e aos costumes populares, visão esta fortalecida pelo pensamento cristão racionalizante do século XII e pelo Iluminismo europeu, cujo espírito científico e pragmático corroborou a falta de sentido dos mitos.

O século XIX, herdeiro do racionalismo iluminista, foi também bastante crítico com o mito²⁸. Somente a partir do último quarto do século XX, os estudos sobre os mitos na sua relação com a construção das realidades e imaginários religiosos e/ou sociais ganharam força nos meios acadêmicos, especialmente com os antropólogos, linguistas, psicólogos, historiadores e cientistas da religião. Mas até onde avançou-se academicamente na questão que relaciona mitologia e cristianismo, a saber: por que não ver no cristianismo uma mitologia dentre outras?

Os estudos desenvolvidos pela História cultural e pela História das mentalidades, a partir dos anos 1990, embasam-se na ideia de que "os relatos bíblicos - o Gênese, o Dilúvio, a Encarnação, a Ressurreição do Filho de Deus, o Apocalipse, o Juízo final - constituem uma mitologia, a primeira, a mais completa e ainda hoje a mais fundamental para as culturas ocidentais", cabendo ao historiador acentuar que "é próprio do mito estar em movimento, se *transformar* ao sabor de suas estruturas lógicas e sobretudo das situações históricas nas quais evolui" (SCHMITT, 1996, p. 14).

Importante pesquisador da mitologia cristã popular medieval, o historiador Hilário Franco Júnior (1996) indicou que "a Bíblia é o grande repertório mitológico do cristianismo. É a *Odisseia* cristã. [...] A Bíblia cristã reúne textos de origem oral e escrita elaborados ao longo de mais de mil anos e atribui sua autoria última à maior de todas as personagens míticas, Deus" (FRANCO Jr., 1996, p. 61). Para ele, os mitos são permanências de longa duração, "extremamente úteis ao historiador" e

discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé" (1Tm 1:4); "Rejeita, porém, as *fábulas* ímpias, coisas de pessoas caducas" (1Tm 4:7); "Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as *fábulas*" (2Tm 4:4); "E não fiquem dando ouvidos a *fábulas* judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade" (Tt 1:14); Para concluir, "com efeito, não foi seguindo *fábulas* sutis, mas por termos sido testemunhas oculares da sua majestade, que vos demos a conhecer o poder e a Vinda do nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Pe 1:16). Com base nesses trechos, entende-se que as fábulas conduzem a discussões, são ímpias, sutis e desviantes do caminho da fé.

²⁸ Filósofos, mitólogos, etnólogos, psicólogos, antropólogos, historiadores e teólogos europeus, sobretudo os alemães, não lhe pouparam críticas: "representação imaginativa, primitivo, subjetivo, irreal e anterior ao pensamento lógico" (Wilhelm Wundt); "irracional e degradante" (Andrew Lang); "o pensamento lógico é diferente do pensamento mítico" (Wilhelm Schmidt, Lucien Lévy-Bruhl, Ernst Cassirer); "as representações míticas obscurecem a mensagem" (Rudolf Bultman); "a verdade da religião e das mitologias não reside na 'objetividade' de seus conteúdos, mas na realidade psicológica que revelam" (Carl Gustav Jung); "uma realidade objetiva inacessível à lógica" (Mircea Eliade) (CROATTO, 2010).

que devem ser entendidos na relação com outros mitos. Sua abordagem é necessariamente interdisciplinar, com múltiplas possibilidades de interpretação, apresentando-se de diferentes formas²⁹, ampliando, assim, a perspectiva fenomenológica centrada exclusivamente nos mitos da criação e mitos das origens. E se o mito não traz dados objetivos, em contrapartida, ele fornece ao historiador dos imaginários dados sutis e importantes sobre instituições, valores, hábitos, sentimentos e crenças, relevantes para a compreensão das realidades interna e externa de uma sociedade em particular. Segundo Franco,

Mito é uma forma narrativa que busca explicar de forma própria fenômenos importantes para a sociedade que o cria, adota ou adapta. [...] Que não exclui categorias racionais, porém está baseada sobretudo na sensibilidade e intuição. [...] É um relato historiográfico muito moderno, pois narra e analisa o passado com a pretensão - pelo menos inconsciente - de fornecer aos seus ouvintes e leitores uma visão global do universo ao estabelecer relações entre as instâncias divinas e humanas, ao destacar as articulações e oposições entre mundo natural e mundo cultural, ao fazer comparações entre povos, personagens e fenômenos. (FRANCO JR., 1996, p. 23).

Toda a mitologia possui uma função psicológica de trabalho profundo com as emoções, uma função pedagógica quanto aos valores sociais e morais e uma função anagógica que concilia códigos culturais, o sagrado e o profano.

Além destas importantes funções, os estudos do historiador Maranhão Filho problematizam aquilo que talvez seja a função mais importante dos mitos na contemporaneidade brasileira, mediante os avanços dos direitos sexuais pela comunidade LGBTQIA+: sua função ideológica, promovida por atores políticos e/ou religiosos conservadores, contra a chamada “ideologia de gênero”. A esta função, o autor deu o nome de “ideologia do gênesis”³⁰ (MARANHÃO FILHO, 2018; 2021). A emergência da extrema-direita no Brasil, representada por diferentes atores políticos

²⁹ Além destes, Franco Jr. supôs uma tipologia dos mitos medievais, dividida em: a) *mitos etiológicos*: relatam as origens do mundo e do homem, de fenômenos divinos, naturais e sociais; b) *mitos hierofânicos*: tratam das manifestações de anjos, demônios, santos, heróis e feiticeiros, no papel de protetores, tentadores, milagreiros, combatentes, etc. c) *mitos messiânicos*: narram personagens históricas ou imaginárias salvadoras da sociedade cristã; d) *mitos escatológicos*: os quais criticam o tempo histórico, ao descreverem fenômenos e/ou pessoas ligados ao fim dos Tempos; e) *mitos edênicos*: falam do Éden perdido ou do Paraíso recuperado ou conquistado.

³⁰ A “ideologia do gênesis” pressupõe a existência somente dos sexos masculino e feminino, criados por Deus e hierarquizados por meio das ideias do Gênesis bíblico no qual a mulher veio da costela do homem, sendo este superior àquela.

distribuídos, sobretudo, pelas esferas dos poderes executivo e legislativo e resultante da “onda conservadora” que o país atravessa desde 2013, dá ainda mais eficácia e visibilidade aos discursos mitológicos, como o da criação da *Exodus*.

2.2 Conservadorismo, cristianismo e direita política

Conforme mencionado previamente, a criação da *Exodus* foi organizada por cristãos conservadores estadunidenses que acreditam na cura e na transformação da homossexualidade, em resposta ao movimento então em curso de sua despatologização e visibilidade. Cabe ressaltar que nem todos os cristãos são conservadores e nem todos os conservadores são cristãos. Assim sendo, o termo *conservadorismo* será empregado nesta pesquisa para se referir a um conjunto de posturas religiosas que busca destacar as diferenças e desigualdades entre as pessoas (cristão/não-cristão, crente/não-crente, cristão-bíblico/não-bíblico, heterossexual/não-heterossexual), fervorosa e negativamente reativo aos avanços dos direitos sexuais da população LGBTQIA+ - e, dessa forma, aos direitos humanos -, o que aproxima o evangelismo da direita política, sem necessariamente participar ou se limitar ao campo político. De forma complementar, o *conservadorismo* é um conjunto de posturas e discursos que se opõe às interpretações bíblicas ou não-bíblicas de aceitação e inclusão dos homossexuais dentro ou fora das igrejas, com o único objetivo de interditar a prática homossexual.

De acordo com o Dicionário de Política, o *conservadorismo* é mais facilmente usado como adjetivo do que como substantivo, em razão da dificuldade de conceituá-lo. Enquanto adjetivo, no Dicionário Aurélio, “diz-se daquele que em política é favorável à conservação da situação vigente, opondo-se a reformas radicais”. Uma definição do tipo funcional idêntica à da Ciência Política, mas que, como nesta, perde em especificidade. Designar-lhe um caráter universal atenua a carga emotiva que acompanha o termo, encobrendo sua ambiguidade e a polaridade inerente da modernidade entre conservadorismo e progressismo.

O conteúdo do conservadorismo só se pode explicar, portanto, com base na história, tido em conta seu ser alternativo em relação ao progressismo e a natureza dinâmica deste. Em sua origem histórica, ambos os termos são inseparáveis do processo de laicização do pensamento político europeu que, fazendo da sociedade o lugar da

completa autorrealização do homem, transformou a ação política em instrumento libertador da humanidade. (BOBBIO, 2000, p. 243)

Trata-se de uma relação impensável, inconcebível para o pensamento cristão, estático e a-histórico. O irlandês Edmund Burke (1729-1797) foi um dos maiores representantes do conservadorismo nascente e reativo aos ideais iluministas individualistas, científicos e racionais e às rupturas hierárquicas e transcendentais causadas pela Revolução Francesa. Ao mesmo tempo, entretanto, como um homem europeu que experienciava as mudanças culturais, econômicas e políticas iniciadas no séc. XVI, ele reconhecia a “mundanização da vida” e a possibilidade do homem se autorrealizar em uma sociedade com demandas e regras particulares, sem excluir o transcendente. E foi a partir desta base comum que se desenvolveu a dialética conservadorismo-progressismo, a qual corresponde a duas formas diferentes de interpretar a função política.

A tese radical fazia do homem uma criatura exclusivamente histórica e capaz de se amoldar, na vida prática, a níveis de conhecimento cada vez mais elevados e, correspondentemente, a forma sempre novas e mais frutíferas, porque racionais, de convivência social; a tese conservadora considerava a natureza humana não modificável pela ação prática, porquanto mergulhava suas raízes em uma realidade sobre-humana, a vontade divina, não podendo, por conseguinte, nem o conhecimento, nem ação política serem totalmente libertativos (BOBBIO, 2000, p. 244)

Ainda na perspectiva da Ciência Política, entre 1986 e 1987, durante o processo de redemocratização no Brasil, o sociólogo Antônio Flávio Pierucci estudou a estreita relação entre o conservadorismo e a direita política. Por meio de uma pesquisa junto à população de alguns bairros de classe média baixa na cidade de São Paulo, identificou que a direita metropolitana possuía uma série de convicções conservadoras. Um tipo de mentalidade similar à dos ingleses conservadores dos anos 1940, ambos obcecados por afirmar e destacar as diferenças entre os grupos humanos. A seguir, algumas delas:

As pessoas não-brancas são inferiores.
A miscigenação deve ser desencorajada.
As mulheres não são iguais aos homens em inteligência.
Todos os seres humanos não nascem com as mesmas potencialidades.
A educação sexual não deve ser dada a todos, meninos e meninas.

Não é errado que aos homens seja permitida maior liberdade sexual que às mulheres.

A educação religiosa deveria ser obrigatória.

As leis contra o aborto não devem ser abolidas.

Somente com o retorno à religião pode a civilização ter esperança de sobreviver.

A guerra é inerente à natureza humana (PIERUCCI, 1990, p. 8-9).

Historicamente, a primeira direita política surgiu em reação aos ideais republicanos de igualdade e fraternidade, universalismo e igualitarismo da Revolução Francesa³¹, anunciando aos tempos modernos “a certeza de que os seres humanos não são iguais porque não nascem iguais e portanto não podem ser tratados como iguais”, pois “as diferenças explicam as desigualdades de fato e reclamam a desigualdade (legítima) de direito (PIERUCCI, 1990, p. 11). Falar sobre os Direitos Humanos com este tipo de direita provocava (e ainda provoca) reações inflamadas e hipertensas.

A análise textual das convicções conservadoras da direita política (nesse caso, a paulistana), acima descritas, revelou uma preocupação maior com a conservação e a restauração sociais (conservantismo social) do que com a política: uma inquietação que carrega algumas semelhanças com a da direita contrarrevolucionária do final do séc. XVIII.

Mais do que no campo político *stricto sensu*, as direitas se constituem e se difundem no campo metapolítico das relações sociais quotidianas e da luta cultural. Daí seu fôlego de gato de dois séculos depois e seu charme que se revigora por toda a parte neste fim de milênio, enquanto tudo que é sólido se desmancha no ar (PIERUCCI, 1990, p. 10).

"Charme" que disfarça o medo e a agressividade aos "diferentes" em nome da “autodefesa cultural” (frente às ameaças do feminismo, do assassino, do homossexual, do nordestino) e que, na extremidade do leque político, tende a promover causas anti-igualitárias radicais e soluções autoritárias. De qualquer forma, pode-se afirmar que o direitismo é um fenômeno social total, que combina práticas (de distinção, intolerância, desprezo), discursos, princípios e soluções e que, desde o seu início defende a bandeira das diferenças, da qual apropriaram-se,

³¹ O historiador francês René Rémond foi quem melhor estudou o surgimento da direita política francesa pós-Revolução Francesa e da Nova História Política.

de forma inocente, os “novos movimentos sociais” nos anos 1980, borrando as diferenças entre a esquerda e a direita políticas. Daí surgiu o título do artigo aqui utilizado e publicado por Pierucci em 1990: *Ciladas da diferença*.

A articulação entre direita política, conservadorismo e cristianismo se fortaleceu com a “onda conservadora” que o Brasil atravessa, desde 2013 de forma mais pronunciada e que se radicalizou nos anos do governo de Jair Bolsonaro e que é parte de um processo mais amplo, globalizado - uma “maré conservadora” - que ganhou força no final dos anos 1960, contra as pautas identitárias, multiculturais, democratizantes e plurais (ALMEIDA, 2017), que buscavam a superação das diferenças entre pessoas “superiores” e “inferiores”, em termos de etnia, nacionalidade, poder econômico e político, papéis históricos, com a legitimação dos governos.

De forma complementar, as crises e guerras causadas pelo formato neoliberal do capitalismo nos anos 1990 promoveram diásporas para o norte geográfico, acentuando a tensão entre os diferentes povos, que se agravou com os ataques terroristas entre 2001 e 2005. A crise econômica de 2008 submeteu o Estado às forças políticas ultraliberais e ultradireitistas, completamente antipopulares. Com a “primavera árabe” e a criação do Estado Islâmico cresceram o pânico e a intolerância entre os povos, acentuados pela crise migratória europeia (BURITY, 2018).

No Brasil, além da interferência dos processos globais anteriormente mencionados, desde 1987 já havia uma forte reação dos evangélicos às medidas consideradas constitucionalmente anticristãs durante os trabalhos parlamentares. Por isso, concentraram os seus interesses em comissões específicas. Seus alvos foram a *Comissão da Família, Educação e Cultura* e suas subcomissões e a *Comissão de Soberania e Direitos do Homem e da Mulher*. Na primeira, impuseram teses fundamentalistas, projetaram-se criando uma “imagem de marca” e trataram o aborto de forma leviana. Sempre que possível com a presença da mídia. Na segunda, compareceram a fim de destruir a “emenda dos viados”. Substituíram as palavras “orientação” e “identidade” por “desvio”, além de discriminarem os direitos dos gays, vistos como incomparáveis aos direitos da sociedade patriarcal que defendiam (PIERUCCI, 1996).

Com os avanços das pautas minoritárias (afrodescendentes, feministas, religiosas, LGBTQIA+), no contexto do governo do ex-presidente Lula a partir de

2003, a despeito da decisão da população em mantê-lo como presidente, aumentaram as frustrações e decepções da ala conservadora, culminando em uma crise hegemônica em 2013 com as “jornadas de junho” somadas à má gestão da ex-presidenta Dilma Roussef e à não aceitação de sua reeleição em 2014, que levou ao processo de *impeachment* e ao golpe político-jurídico de 2016.

O lunatismo de alguns evangélicos por comissões ligadas às “pautas dos costumes” e o descaso com as minorias sexuais fortaleceram-se com a gestão do Conselho de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) pelo deputado federal e pastor Marco Feliciano em 2013, durante o governo Dilma Roussef e com a indicação da pastora batista Damares Alves para ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos pelo governo de Jair Bolsonaro. São lideranças político-religiosas com o propósito de criar tensões entre a liberdade religiosa, o feminismo e a comunidade LGBTQIA+ na esfera dos Direitos Humanos, numa batalha acirrada em torno da percepção da sexualidade humana. Ao discutir a relação entre diversidade religiosa e diversidade sexual, Musskopf (2013, p. 170) observou que,

Especialmente no âmbito dos direitos humanos, é necessário pensar a inter-relação do direito à liberdade religiosa e outros direitos fundamentais, como a livre orientação sexual e identidade de gênero. O que se tem visto é, entre outros argumentos, a invocação do direito à liberdade religiosa como elemento para o questionamento de políticas públicas e a aprovação de leis que protejam a diversidade sexual e promovam a cidadania e os direitos humanos das pessoas LGBT.

Em 2019, Damares Alves recebeu o *Movimento de Ex-Gays no Brasil* (MEGB), liderado pela coordenadora do ministério Candeia, parceiro da organização cristã *Exodus* Brasil, Miriam Fróes. Seu objetivo era incluir os *ex-gays* na pauta dos Direitos Humanos e das minorias sexuais, tentativas estas que iniciaram com Marco Feliciano e os debates sobre a chamada “cura gay”. Os *ex-gays*, nesse caso, também sofreriam discriminação e seria dever do Estado protegê-los.

O envolvimento do MEGB com o ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos e a ala ultraconservadora do governo Bolsonaro apresentou duas novas frentes de batalha, como bem observou Gonçalves (2019). A primeira delas é a criação de novas identidades, estabelecendo divisões que garantam que *ex-gays* pleiteiem o direito de serem reconhecidos enquanto parte do conjunto de minorias sociais. A segunda frente diz respeito "a uma disputa que visa reformular a noção de

direitos humanos e a quem ela se destina" (GONÇALVES, 2019, p. 191). A desqualificação dos Direitos Humanos pela extrema-direita ultraconservadora busca atingir os partidos da esquerda política, acusados de influenciar a pasta política e ideologicamente. Pouco sensibilizada por políticas de combate ao racismo, à violência das mulheres, à homofobia e transfobia, entre outras, a única preocupação da extrema-direita cristã e tradicionalista é restituir os valores da "família" e os "verdadeiros direitos humanos".

Convém lembrar que a ex-ministra participou da fundação da ANAJURE (Associação Nacional de Juristas Evangélicos), com posições firmes e ambíguas quanto à homossexualidade. Ao mesmo tempo que se dizem contra qualquer tipo de discriminação, defendem que a liberdade religiosa deve ser respeitada, ou seja, a liberdade de expressar sua postura bíblica e conservadora sobre a sexualidade, exposta em notas públicas acerca das declarações homofóbicas pelo ministro do STF André Mendonça e o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, em 2020. Nas duas notas, a ANAJURE defendeu o exercício da liberdade religiosa e da liberdade de expressão³².

Tais casos são exemplos de como a liberdade religiosa, enquanto “garantia do livre exercício de professar qualquer religião”, não só é aplicada de forma variada por diferentes países, grupos políticos e sociais, como também é “exercida em relação a outros direitos”. Por isso, recebe limites legais, como no caso da lei brasileira que criminaliza a homotransfobia, sancionada pelo Supremo Tribunal Federal em 2019. Alegando “preconceito reverso” ou “cristofobia”, lideranças e políticos evangélicos conservadores, que se consideram uma “maioria cristã”, dizem sofrer intolerância e perseguição religiosas de uma minoria, uma vez que o pronunciamento público da interdição da homossexualidade configuraria como crime de racismo (VITAL, 2021)³³.

³² Na sua *Carta de Teses e Princípios*, especialmente na Diretriz VII, "Da sexualidade, valorização da família e preservação da vida", a ANAJURE esclarece que quaisquer uniões não-heteroafetivas ou poligâmicas devem ser respeitadas e restritas ao âmbito privado, não reconhecidas publicamente enquanto casamento ou instituição familiar; que os registros públicos devem obedecer a ordem do gênero binário natural; que as terapias de reversão sexual devem ser aplicadas livremente por profissionais àqueles que as procuram por escolha própria, religiosos ou não; que a vida humana tem início na concepção, colocando-se contra o aborto em qualquer fase da gestação; que é responsabilidade do Estado “proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual”.

³³ Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/liberdade-religiosa/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Como bem observou Almeida (2019, p. 211), "olhando retrospectivamente, as questões de gênero conquistaram muita visibilidade e legitimidade nas três últimas décadas no Brasil. Assim, em relação aos costumes, mais do que uma onda, houve uma reação conservadora". Burity (2018, p. 21) complementa,

Conservadorismo que teve na crescente presença pública de certos atores religiosos nas últimas décadas tanto um sinal de sobrevivência como de reforço deliberado, capaz de ir absorvendo novos conteúdos com o passar do tempo. Em suma, há conservadorismo, e, mais uma vez, "a religião" parece ser uma participante aguerrida e temivelmente protagonista de sua produção.

Assim, as investidas contínuas de políticos e juristas evangélicos em heteronormatizar a sexualidade buscam disputar o poder, influenciar a política e a ciência e instituir uma cartilha moral. Para todos os efeitos, foi para garantir a "liberdade de expressão religiosa" que a ANAJURE e o Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR) foram criados.

2.3 "Ideologia de gênero" versus "Ideologia do gênesis"

Os temas "progressistas" da contemporaneidade ligados à comunidade LGBTQIA+, mas não restritos a ela, amoldam, num movimento dialético, o conteúdo que define o conservadorismo, sobretudo religioso, à direita política e ligado à pauta de costumes. A este respeito, Burity argumenta,

Parece-me claro que grande parte da *elite parlamentar evangélica* (esmagadoramente pentecostal) é profundamente conservadora na atual legislatura [brasileira], tanto em termos de valores morais quanto políticos. Numa palavra, politicamente de direita" (BURITY, 2018, p. 44).

Tal dialética se revela nas oposições entre família tradicional e casamento gay; heteronormatividade compulsória e livre orientação sexual; "ideologia do gênesis" e identidade de gênero; liberdade religiosa e criminalização da homofobia; reprodução e prazer; encantamento e secularização; religião e laicidade; privado e público; tradição e modernidade.

Neste contexto, os mitos sobre "a formação do homem e da mulher" e sobre "o relato do paraíso" são alguns dos capítulos bíblicos do Gênesis preferidos dos

cristãos políticos e/ou conservadores para atacar a diversidade sexual e os estudos de gênero. Talvez uma das razões para se agarrarem a eles seja porque, diferentemente dos países de tradição reformada, no Brasil os protestantes brasileiros não podem evocar um mito fundante, o qual pertence à Igreja Católica, autoidentificada com as origens da nação brasileira: uma “nação católica” em razão de uma “maioria católica”. Não obstante, os protestantes brasileiros “atravessam esse fosso” por meio da defesa dos costumes tradicionais, por se acharem representar uma “maioria moral” (PIERUCCI, 1996). Dessa forma, os mitos genésicos são parte essencial e viva desta autodefesa moral e cultural, que busca criar uma identidade grupal e uma visão de mundo comunitária, da mesma forma que a ideologia.

Na “ideologia de gênese”, “crê-se que há somente dois sexos concebidos por Deus (masculino e feminino), devidamente hierarquizados a partir das ideias de que a mulher veio da costela do homem e de que esse é o cabeça da relação” (MARANHÃO FILHO, 2021, p. 621). Tal visão afeta diretamente as noções modernas de sexo, gênero, sexualidade, orientação sexual, família e casamento. Não valeria, neste caso, a ideia de gênero e a expressão da masculinidade e da feminilidade assentadas em fatores psicossociais e culturais; nem a concepção de identidade de gênero que traduz o sentimento individual de vinculação ao universo masculino ou feminino, podendo coincidir, ou não, com a conformação biológica da pessoa; nem a perspectiva de sexualidade humana que revela as vocações afetivas e desígnios amorosos, encontrando expressão nas relações de desejo e de paixão e que evidencia a orientação sexual das pessoas. (Supremo Tribunal Federal, 2020). Tudo isso se reduziria à chamada “ideologia de gênero”³⁴.

De acordo com Maranhão Filho, a “ideologia do gênese” serviria de veículo para o “dispositivo da cis-heteronorma”, numa perspectiva foucaultiana da sexualidade enquanto um dispositivo histórico. Diversos atores políticos evangélicos da atualidade, especialmente o ex-deputado Magno Malta, da Assembléia de Deus, além daqueles supracitados, todos alinhados à política ultraconservadora do presidente Jair Bolsonaro - são promotores fervorosos da “ideologia do gênese” e peritos em criar obstáculos para o avanço das políticas públicas ligadas à

³⁴ Cf. Lorena Mochel. *Ideologia de gênero*. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/ideologia-de-genero/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

comunidade LGBTQIA+. Como já havia observado o antropólogo Marcelo Natividade,

Políticas públicas voltadas à população LGBT são percebidas como ameaça à "sociedade" e à "família cristã", expressão de um "complô" que articularia o movimento gay, o Estado e instâncias da sociedade civil. Os ideais de "sociedade" e "família" cultivados neste imaginário cristão são acionados para legitimar assimetrias de *status*, numa tentativa de suprimir as sexualidades dissidentes e fixar numa posição subordinada o lugar social das pessoas que as vivenciam (NATIVIDADE, 2009, p. 206).

Percebe-se que a patrulha da "ideologia do gênesis" estabeleceu como inimigos quaisquer instituições, pessoas ou movimentos sociais que promovam a "ideologia de gênero" e ameacem a "família", criando um ambiente perfeito de guerra, do tipo "Cruzadas Religiosas", nesse caso moralistas, além de estados de pânico. Se ela de fato existe, uma vez que não é consensual sua aceitação na sociedade, a "ideologia de gênero" quer desvalorizar os estudos feministas e *queer*, que vêm ganhando força e visibilidade. Assim,

Busca a banalização e desvirtuação da discussão teórica sobre "gênero" [e] consistiria na vigência dos estereótipos que associam automaticamente cada sexo biológico a um conjunto determinado de comportamentos, sensibilidades e papéis sociais. Ideologia, afinal, remete à *naturalização do social*. Mobilizada por grupos conservadores, no entanto, a expressão "ideologia de gênero" significa exatamente o combate aos papéis estereotipados. Trata-se, assim, de uma ofensiva contra a desnaturalização dos papéis sociais de gênero (MIGUEL, 2021).

As posturas políticas que se apropriam da "mito-ideologia do gênesis" certamente reforçam e são reforçadas em retorno pelas posições negativas dos ministérios de ajuda da *Exodus* Brasil quanto à homossexualidade, tão bem explícitas e animadas nas mídias digitais, mesmo com o "encerramento" das atividades da *Exodus* Internacional em 2013, após uma trajetória polêmica de 37 anos. Atualmente quem a representa, embora se diga diferente em propósitos e ações, é seu "conselho de liderança global", a Aliança Global *Exodus* (AGE), cujo escritório no Canadá suspendeu as atividades em 30 de junho de 2021, em razão da

vigência da lei federal *Bill C-6*³⁵, que proibiu as "terapias de conversão" no país³⁶. Embora não possa mais atuar no Canadá, suas atividades continuam a todo vapor no Brasil, Paraguai, Peru, Equador, México, Austrália, Nova Zelândia e região do Pacífico. O ministério brasileiro parece ser a "menina dos olhos" da AGE.

Se o apóstolo Paulo inaugurou as grandes tendências do que viria a ser a moral cristã e as atitudes negativas diante da homossexualidade (ARIÉS, 1985), o mito da criação da *Exodus* representaria uma conclusão, o fechamento de um ciclo que seria a própria redenção dos homossexuais, apenas confirmando que a negação da homossexualidade é um exemplo das permanências da longa duração histórica.

2.4 “Reforma digital” e “Religião pública”: a midiatização da Exodus Brasil

Não são somente a revitalização dos mitos bíblicos e a “onda conservadora” que beneficiam a *Exodus* Brasil. Na contemporaneidade, além do espaço público estatal, as mídias digitais são um espaço público privilegiado para a combinação entre conservadorismo, direita política e religião, impulsionando o processo de midiatização religiosa e muitas vezes potencializando a intolerância, a vingança e a fobia no campo das relações interpessoais, especialmente com temas relacionados à pauta de costumes (ALMEIDA, 2019).

As mídias digitais caracterizam a modernidade tardia e dinâmica, quando o ritmo das mudanças está extremamente acelerado e ondas de transformação globais virtualmente se interconectam. Assiste-se, assim, a uma separação entre espaço e tempo: o acesso às mídias digitais pode ser feito a qualquer hora, de qualquer lugar da superfície terrestre, "deslocando as relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-

³⁵ Disponível em:

https://lop.parl.ca/sites/PublicWebsite/default/en_CA/ResearchPublications/LegislativeSummaries/432/C6E. Acesso em: 30 abr 2021.

³⁶ Por ser “uma prática que busca mudar a orientação sexual de um indivíduo para heterossexual, reprimir ou reduzir a atração não-heterossexual ou comportamentos sexuais, ou mudar a identidade de gênero de um indivíduo a fim de que corresponda ao sexo atribuído no nascimento”. Além de causar prejuízo às pessoas, sobretudo às crianças, a terapia de conversão cria *mitos* [grifo nosso] e estereótipos sobre a orientação sexual e identidade de gênero, como a noção de que elas podem e deveriam ser mudadas. A lei passou a considerar a “terapia de conversão” um crime de ofensa e tem especificamente na sua mira a AGE.

espaço” (GIDDENS, 1991, p. 24). Elas se configuram como “pontos de acesso”, isto é, pontos de conexão entre leigos e especialistas, onde a confiança se torna um elemento básico para impulsionar a autorrealização, em um contexto histórico de transformação da intimidade e de abertura do eu para o outro.

A presença e atuação dos protestantes, conservadores ou não, nas mídias digitais inserem-se no que a teóloga estadunidense Elizabeth Drescher (2011) chamou de “Reforma Digital”, isto é, um processo de midiatização religiosa que se iniciou com a publicação das teses de Martinho Lutero durante a Reforma Protestante e que na contemporaneidade significa:

Uma revitalização da Igreja impulsionada geralmente por espiritualidades ad hoc de fiéis comuns que integram práticas de acesso, conexão, participação, criatividade e colaboração, encorajadas pelo uso disseminado de novas mídias sociais digitais em todos os aspectos da vida diária, incluindo a vida da fé (DRESCHER, 2011, p. 3).

Revitalização cujas mudanças nos níveis eclesiástico e social sejam talvez as mais profundas que a Igreja já tenha vivido, isto é, uma mudança radical no *habitus*³⁷ dominante. O *habitus* digital, constituído na modernidade reflexiva, caracteriza-se pelo imediatismo, pela transparência, interatividade, co-criatividade, integração e, principalmente, a improvisação, quando as regras são sempre revistas e a mudança é desejada e imprevisível. “Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado” (GIDDENS, 1991, p. 40).

A Reforma Digital é um processo que busca atualizar a essência da midiatização da Reforma Protestante implantada pelo pensamento luterano, que valorizava a dependência entre pregador (emissor) e ouvinte (receptor) - sobretudo

³⁷ *Habitus* significa "uma matriz de crenças, disposições, preferências, comportamentos, posturas, gestos, fontes materiais, e assim por diante, que caracterizam a cultura de um tempo e local específicos. Um entendimento comum de 'como as coisas funcionam por aqui'" (DRESCHER, 2011, p. 12). Conceito este que a autora emprestou do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para o qual um *habitus* é um capital de técnicas, referências e crenças que permitem que um campo funcione. Ele se estrutura pelas relações de força "entre os agentes ou as instituições engajadas na luta", da distribuição e acúmulo do capital específico. Todo campo tem um capital específico, que não significa dinheiro, mas um conjunto de recursos disponibilizado para alcançar seus troféus. Nesse sentido, a estrutura está sempre em jogo, uma luta cujo espaço é o campo, que tem por objeto "o monopólio da violência legítima (autoridade específica)", que significa conservar (ortodoxia) ou subverter (heresia) a estrutura da distribuição do capital específico.

os anseios teológicos deste último - e reconhecia que "a reflexão teológica não poderia acontecer apenas na esfera institucional e desvinculada do debate público" (BUDKE, 2016, p. 262) Nesse sentido, o papel desempenhado pelas pessoas na concretização de uma rede intercomunicacional de cooperação e de grande alcance social foi primordial, a partir de uma "cultura de compartilhamento" que trazia autonomia e democratização da informação. Muitas destas pessoas certamente buscavam liberdade de expressão religiosa e não somente uma reflexão e interpretação dos textos sagrados. Assim,

Podemos ver a Reforma histórica como um processo comunicacional, e não meramente teológico ou religioso. [...] A teologia deixava de ser um assunto de exclusividade da Igreja e do clero institucionalizado e passava a compor o cotidiano das pessoas, descentralizando, assim, a comunicação religiosa e, principalmente, o saber teológico em relação à instituição católica e seus representantes autorizados (PUNTEL & SBARDELOTTO, 2017, p. 354-355)

Drescher considera-se uma "otimista digital", sem deixar de ser realista com o poder de violência e *fake news* propagados nas mídias sociais. Adicionalmente, a qualidade das interações nas mídias digitais é mais importante do que o número de seguidores. Um tipo de interação que se move "em direção ao social e não ao estritamente homilético (arte de pregar) e informacional. [...] Consistente com o estilo geral de comunicação do protestantismo tradicional, pois reflete uma eclesiologia protestante mais distribuída e menos hierárquica (DRESCHER, 2011, p. 166). É neste contexto novo e revolucionário de Reforma Digital que é problematizado e reconhecido o aparecimento de novos lugares teológicos, com a emergência de novos sujeitos teológicos e de novas sínteses teológicas, que buscam dialogar com o mundo contemporâneo e com as sociedades pluralistas (PUNTEL & SBARDELOTTO, 2017).

O que está em jogo é uma renovação e redefinição dos papéis pastorais da Igreja Protestante estruturalmente em desintegração. As mídias digitais, ao reinventarem formas de sociabilidade e de organização comunitária, excedem a si mesmas, reconfigurando as próprias instituições religiosas. A decisão de líderes e leigos de participarem ou não dessas novas ferramentas digitais podem influenciar decisivamente na sobrevivência da Igreja.

Acredito que seremos capazes de enriquecer relacionamentos e construir comunidades que nos permitirão viver mais generosamente os compromissos de nossa fé. As oportunidades para isso nos espaços espirituais criados pelas mídias sociais digitais à medida que se estendem aos relacionamentos e comunidades face a face são enormes (DRESCHER, 2011, p. 181).

Ainda que os líderes e os ministérios religiosos que formam a *Exodus* Brasil provenham de diferentes denominações religiosas e atuem de forma diversificada nas plataformas digitais, ao mesmo tempo que alinhados em suas posturas conservadoras sobre a sexualidade, poderíamos caracterizá-los enquanto “religiões públicas”?

Se considerarmos "uma nova abordagem na qual as 'religiões públicas' não sejam mais tomadas como a presença (indevida) das religiões na esfera pública, mas sim como diferentes formas de produção de públicos e de publicidade pelos atores religiosos por meio de variadas tecnologias/artefatos de visibilidade" (MONTERO, 2016, p. 129-130), a resposta é afirmativa, uma vez que o debate da relação entre religião e sexualidade vem ganhando cada vez mais espaço nas mídias digitais, impactando a opinião pública sobre o assunto e atraindo inúmeros seguidores. Discursar sobre a sexualidade, nesse caso, significaria explicá-la a partir de uma cosmovisão teocêntrica, inserindo-a num jogo de linguagens e imagens religiosas, diferentes das abordagens científicas da medicina, da psicologia e da antropologia sobre o assunto.

Além do mais, a "religião pública", de acordo com Paula Montero, é uma condição estrutural do modo como a relação entre religião e esfera pública se constituiu no Brasil. Desse modo, revela-se um conceito pertinente para esta pesquisa na medida em que a atuação da *Exodus* reforça essas tendências que não são atuais. Tanto a sociedade civil, como a política, quanto o aparato estatal (as três dimensões da religião pública) já estão moldados pela e para sua presença em um campo tradicionalmente dominado pelo catolicismo mas que passou a ser disputado por pentecostais, neopentecostais, evangélicos e protestantes conservadores. A "religião pública", por ser uma marca estrutural, junto às condições do contexto atual da “onda conservadora” e da “reforma digital”, cria um campo religioso do qual a *Exodus* Brasil se apropria e a partir do qual se legitima e ganha visibilidade. Seu aspecto interdenominacional, conservador e homofóbico só tem projeção e

visibilidade pública por se encaixar em um campo religioso que historicamente se constituiu nessa perspectiva da religião pública. A pesquisadora Magali Cunha (2019) evidencia que a "religião pública" extrapola as fronteiras institucionais e simbólicas, permitindo que o outro-religioso e o não-religioso interajam na vivência religiosa. Nesse sentido, o religioso vai ao secular e o secular vai ao religioso, em um intercâmbio que pode levar a confrontos ou à formação de alianças antes impensáveis.

A presença dos ministérios de ajuda e de seus líderes nas mídias e redes sociais digitais sugere a adesão da *Exodus* Brasil aos novos espaços teológicos digitais, por meio dos quais a organização vem adquirindo maior visibilidade e público, ampliando a participação no debate público em assuntos veiculados à política, à ciência e à religião, tema este que aprofundaremos no próximo capítulo.

Capítulo 3: A *Exodus* Brasil no ciberespaço

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar a organização cristã *Exodus* Brasil no ciberespaço. Assim, ele foi estruturado em dois subitens. No primeiro, por meio de uma netnografia, descrevemos a distribuição dos ministérios de ajuda e líderes da *Exodus* Brasil pelas mídias digitais *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, buscando evidenciar o sistema de significados por detrás de suas posturas teológicas e políticas sobre a homossexualidade. Interessou-nos também conhecer quais ministérios e líderes são os mais atuantes e presentes nas redes digitais, por meio de um monitoramento realizado entre maio de 2021 e setembro de 2022, a fim de observarmos a evolução do número de seguidores, de publicações e de visualizações da nossa amostra, especialmente do *Instagram*. Adicionalmente, analisamos a formação/atuação profissional e a denominação religiosa dos líderes ministeriais.

Desse modo, o capítulo quis evidenciar, a partir dos objetos e fontes eleitos, como determinados segmentos do protestantismo brasileiro constroem noções de gênero, sexualidade e identidade nas mídias digitais na atualidade, especialmente em razão dos avanços dos direitos LGBTQIA+ e da publicidade de questões ligadas à sexualidade e à intimidade. Nesse sentido, a negação da homossexualidade por parte dos ministérios e líderes religiosos da *Exodus* Brasil, embora justificada em nome da liberdade religiosa e do acolhimento aos homossexuais, apresentou formas sutis e simbólicas de homofobia religiosa.

3.1 A *Exodus* Brasil nas mídias digitais

Atualmente com sede em Londrina, no Paraná, a *Exodus* Brasil se descreve como "uma das regiões da Aliança Global *Exodus* (AGE), uma organização cristã interdenominacional, sem fins lucrativos, com o chamado para equipar cristãos para ministrar o poder transformador de Jesus Cristo através do Evangelho Completo no âmbito da identidade e sexualidade Humana"³⁸. Ela é formada por uma rede de ministérios de ajuda que trabalha com aconselhamentos e mentorias para pessoas que vivem conflitos com a homossexualidade, seus familiares e cônjuges, desde a

³⁸ Disponível em: <http://www.exodus.org.br/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

prevenção até a reabilitação. Até o ano de 2021, o *site* oficial da organização disponibilizava uma lista com doze ministérios. São eles:

- 13) *Ministério Amor Em Ação*, de Fortaleza, no Ceará;
- 14) *ONG Avalanche Missões*, de Vitória, no Espírito Santo;
- 15) *Projeto Candeia*, da cidade Lins, no estado de São Paulo;
- 16) *Companheiros de Jugo*, da capital de Goiás, Goiânia;
- 17) *Grupo de Amigos - G.A.*, das capitais Rio de Janeiro e Brasília, além das cidades de Montes Claros e Juiz de Fora, ambas em Minas Gerais e a cidade de Mauá, na região metropolitana de São Paulo;
- 18) *Grupo de Amor, Aceitação e Perdão – GAAP*, de Boa Vista, Roraima;
- 19) *Identidade em Cristo*, de São Paulo, capital;
- 20) *Luz na Noite*, da cidade de Vitória, Espírito Santo;
- 21) *Paz com Deus*, de Londrina, no Paraná;
- 22) *Plenitude*, de Recife, Pernambuco;
- 23) *Redenção Pedro II – RP2*, de Belo Horizonte, Minas Gerais;
- 24) *Sexualidade e Restauração – SER*, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Certamente, tais ministérios não representam a totalidade de ministérios apoiadores da *Exodus Brasil*, aos quais se somam líderes, missionários, igrejas, escritores e teólogos, configurando uma vasta e complexa rede interdenominacional. Não obstante, foram os “doze discípulos” acima descritos o ponto de partida desta pesquisa para a realização do mapeamento dos ministérios nas mídias digitais, enquanto novos lugares teológicos aos quais se juntam iniciativas como palestras, retiros, jornadas, congressos cristãos e laicos, encontros e treinamentos em variadas regiões brasileiras.

O mapeamento dos ministérios de ajuda no ciberespaço e nas redes sociais digitais *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, identificou que oito deles - ou seja, 2/3 do total - utilizam pelo menos uma rede social. Somente os ministérios *Grupo de amigos G.A.*, *Identidade em Cristo*, *Plenitude* e *Companheiros de Jugo* não foram encontrados nas redes digitais selecionadas e nem em pesquisas na barra de pesquisa do navegador ou pelo *Google*. Dos oito ministérios encontrados, metade deles, a *ONG Avalanche Missões* e os ministérios *Projeto Candeia*, *Luz na Noite* e *Paz com Deus*, além da presença em pelo menos uma rede social digital, possuem

websites oficiais próprios. Foi constatado que 7 ministérios possuem página/perfil no *Facebook* (87,5%), também 7 deles (87,5%) têm perfil no *Instagram* e apenas três (37,5%) tem canal no *Youtube*, conforme ilustrado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição dos ministérios da *Exodus* Brasil nas redes sociais digitais e ciberespaço

Ministério	Facebook	Instagram	Youtube	Website
Amor em Ação	Não	Sim	Não	Não
Avalanche Missões	Sim	Sim	Sim	Sim
Projeto Candeia	Sim	Não	Não	Sim
GAAP Brasil	Sim	Sim	Não	Não
Luz na Noite	Sim	Sim	Sim	Sim
Paz com Deus	Sim	Sim	Não	Sim
Redenção Pedro II	Sim	Sim	Não	Não
Sexualidade e Restauração	Sim	Sim	Sim	Não

O mapeamento dos ministérios de ajuda, ao mesmo tempo em que mostrou sua distribuição pelas redes sociais digitais escolhidas, também revelou quem são os líderes religiosos - ou os especialistas em “sexualidade bíblica” - que os coordenam:

- 9) Herbert da Silva Amorim, do Ministério Amor em Ação;
- 10) Andréa Vargas, da ONG Avalanche Missões;
- 11) Miriam Fróes, do Ministério Projeto Candeia;
- 12) Denise Andrade, do Ministério GAAP;
- 13) Débora Fonseca e Cunha, do Ministério Luz na Noite;
- 14) Willy Torresin, do Ministério Paz com Deus;
- 15) Márcia Elisa do Vale, do Ministério RP2;
- 16) David Riker, do Ministério SER.

O mapeamento digital também mostrou que, exceto Débora Fonseca e Cunha, do Ministério Luz na Noite, que não possui nenhuma página, perfil ou canal digital, os sete outros coordenadores utilizam, ao menos, duas redes sociais digitais. Todos possuem página no *Facebook* e no *Instagram*. Quatro deles têm canal no *Youtube* (57,14%) e somente Andrea Vargas tem um *website*, intitulado “Estante da Andrea”, como descrito no Quadro 4.

Quadro 4 – Distribuição dos coordenadores dos ministérios parceiros da *Exodus* Brasil nas redes sociais digitais e no ciberespaço

Líder ministerial	<i>Facebook</i>	<i>Instagram</i>	<i>Youtube</i>	<i>Website</i>
Herbert Amorim	Sim	Sim	Sim	Não
Andréa Vargas	Sim	Sim	Sim	Sim
Miriam Fróes	Sim	Sim	Sim	Não
Denise Andrade	Sim	Sim	Não	Não
Willy Torresin	Sim	Sim	Sim	Não
Márcia Elisa do Vale	Sim	Sim	Não	Não
David Riker	Sim	Sim	Não	Não

Com base no método netnográfico e nas informações contidas nas páginas dos ministérios nas redes digitais e *sites* oficiais, buscou-se identificar a formação e atuação profissionais dos líderes ministeriais, suas posturas mais gerais sobre a homossexualidade e as dinâmicas do número de publicações no *feed* de notícias e do número de seguidores no *Instagram*; do número de seguidores e de publicações na *timeline* no *Facebook*; do número de inscritos, vídeos e visualizações no *Youtube*. O período de monitoramento destas páginas desdobrou-se entre maio de 2021 e setembro de 2022.

3.1.1 Ministério Amor em Ação

O ministério Amor em Ação está localizado em Fortaleza, no Ceará. Criado em 2003, desde então quem o coordena é o pastor Herbert Silva de Amorim, da Igreja de Cristo no Brasil (ICB). Ele tem formação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV), onde posteriormente se especializou em aconselhamento cristão e psicologia pastoral. Estudou também Terapia Comunitária Integrativa no MSMCBJ (Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim) e formou-se recentemente em Psicanálise Clínica. Ele iniciou sua carreira pastoral na Igreja de Cristo (IC) Parque Genibau, em Fortaleza, onde atuou por 11 anos, “ministrando a palavra e cuidando”. Desde janeiro de 2019 é pastor, conselheiro cristão e psicólogo pastoral da IC Maraponga, também na capital cearense.

Ele possui duas páginas no *Facebook*. Em uma delas, criada em abril de 2009 e com 65 seguidores, Herbert se apresenta como “terapeuta integrativo e psicólogo pastoral”³⁹. Na outra⁴⁰, criada em julho de 2016 e dedicada a “compartilhar momentos e atividades, em família, amigos e Igreja”, com 353 seguidores, encontra-se a personalidade pastor. Enquanto nesta predominam fotografias e vídeos sobre atividades alegres e pacíficas com a família, com os amigos e especialmente com a Igreja, naquela o terapeuta reflete sobre cristianismo, futebol, televisão, música, animais, desigualdade social, educação sexual, liberdade religiosa e, claro, sobre política tanto geral quanto local, sendo este um assunto que o psicanalista e o pastor não dispensam.

Por meio de um sistema de associações e oposições entre as palavras, é possível identificar, quando o assunto é política e costumes, as preferências e aversões, os amigos e inimigos do pastor e psicanalista nas publicações do *Facebook*.

Ao lado da “bandagem” e da decadência moral estão a Rede Globo, o PT, especialmente o ex-presidente Lula, a Venezuela, a China, o comunismo, o STF, as artistas Pablo Vittar e Anitta, o deputado estadual transgênero Thammy Miranda, o ex-deputado federal Jean Willys, as universidades federais e o *lockdown* durante a pandemia da COVID-19. Todos, na sua visão, são parte de uma rede progressista ameaçadora e desestabilizadora da ordem tradicional.

Em contraposição, ao lado de Deus estariam o “Brasil”, os times do Fortaleza e do Palmeiras, os cachorros, os pobres, Jair Bolsonaro, Damares Alves, a família tradicional, a Rede Record, o SBT, a rádio Jovem Pan, a ivermectina para o tratamento da COVID-19 e a conversão de índios, muçulmanos e budistas ao cristianismo. Herbert Amorim se vê como um combatente da injustiça, das desigualdades sociais e, paradoxalmente, do socialismo.

De perfil nostálgico, tradicionalista, patriota e militarista, ele se preocupa com a educação sexual nas escolas e é um adepto do programa/projeto de lei “Escola sem partido”, “que procura restabelecer [...] um certo tipo de cristianismo fundamentalista como centro organizador da vida e das instituições sociais”, gerando desconfiança entre professores e alunos, abalando os processos de construção de

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/herbertdeamorim>. Acesso em: 29 mar. 2022.

⁴⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim/?ref=page_internal. Acesso em: 05 set. 2022.

conhecimento e o diálogo entre as alteridades na sociedade brasileira diversa e plural⁴¹. Com efeito, tal programa é um ataque frontal às liberdades democráticas.

Seu canal no *Youtube* foi criado em janeiro de 2007 e possui 136 vídeos⁴², com 85 inscritos e um total de 33.605 visualizações. No *Instagram*⁴³ são 2.171 seguidores, com um pouco mais de mil publicações, desde a sua criação em novembro de 2012. Em tais mídias, costuma retratar a vida diária com a família e com a Igreja, havendo pouquíssimas publicações sobre o tema da sexualidade e muitas sobre política. De acordo com a Tabela 3, com base em uma comparação entre maio de 2021 e setembro de 2022, nota-se que a página do *Youtube* se manteve estável, enquanto no *Instagram* houve um aumento nos números de seguidores e de publicações no *feed* de notícias, indicando uma presença constante de Herbert neste tipo de mídia.

Tabela 3 – Métricas do canal e do perfil do pastor Herbert Amorim no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Youtube</i>	83 inscritos 136 vídeos 33.104 visualizações	82 inscritos 136 vídeos 33.403 visualizações	85 inscritos 136 vídeos 33.605 visualizações
<i>Instagram</i>	1.938 seguidores 610 publicações	2.036 seguidores 988 publicações	2.171 seguidores 1.119 publicações

O ministério *Amor em Ação* atua somente no *Instagram*⁴⁴, cujo perfil foi criado em janeiro de 2019. Com 101 seguidores, as publicações associam negativamente a homossexualidade com pautas político-identitárias da agenda progressista, uma vez que a única identidade real seria a espiritual; com os problemas emocionais, em uma relação de causa-efeito na qual a dependência emocional, o abuso sexual, a depressão e a ansiedade contribuem como causas da orientação homossexual. Durante o período de 16 meses de monitoramento, como mostra a Tabela 4, o número de publicações e de seguidores não mudou.

⁴¹ “Escola sem partido”. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/escola-sem-partido/>. Acesso em 17 out. 2022.

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/herbertsilva>. Acesso em 7 set. 2022.

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/herbertamorim/>. Acesso em 7 set. 2022.

⁴⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/ministerio_amoremacao/. Acesso em: 01 out. 2022.

Tabela 4 – Métricas do perfil do Ministério Amor em Ação no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Instagram</i>	101 seguidores 93 publicações	103 seguidores 93 publicações	101 seguidores 93 publicações

3.1.2 ONG Avalanche Missões

A ONG Avalanche Missões é o maior e melhor articulado dos ministérios afiliados da *Exodus* Brasil. Situado em Vitória, capital do Espírito Santo, foi fundado por Diniz Braga, da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil, em 2004 e se descreve como uma escola para o enfrentamento das problemáticas urbanas, com “diversas iniciativas de ensino, trabalho, pesquisa e desenvolvimento de assuntos complexos e ainda negligenciados, muitas vezes recheados com tabus e preconceitos, dentro da atual cultura cristã⁴⁵.”

Sua missão e cosmovisão revelam uma verdadeira batalha espiritual, na qual guerreiros cristãos buscam reabilitar um mundo corrupto e injusto. Adeptos do monoteísmo e da Trindade, creem no ciclo de implantação do Reino de Cristo, iniciado com a Igreja e que se encerrará com o retorno Dele. Acreditam na vida eterna, no fato de que todas as pessoas são pecadoras e condenadas, dependentes da graça de Deus e de Jesus Cristo para o perdão. Para a ONG, deve-se amar a Deus sobre todas as coisas, o tempo todo, além do amor ao próximo.

Por meio dos obreiros, professores e voluntários, a ONG procura ser bastante ativa socialmente e trabalha em projetos variados⁴⁶, em diferentes campos, entre eles:

- cultural, com o chamado “Cultura Clube” e o “Festival de Artes”;
- político: na Defesa dos Direitos da Mulher e no Conselho dos Direitos Humanos, no nível estadual, e no nível municipal participam na prevenção da violência sexual de crianças e adolescentes, dos Conselhos Municipais de Turismo, Saúde e Direitos Humanos;

⁴⁵ Disponível em: <https://avalanchemissoes.org/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <https://avalanchemissoes.org/Geral/projetos/>. Acesso em: 01 out. 2022.

- comportamental: com o “Projeto Sentinela”, que visa a “exercitar a fé cristã, através da oração pela sexualidade dos cristãos brasileiros e pelos ministérios de ajuda na área da sexualidade [e] abalar as colunas do sistema de leviandade instalado no Brasil”;
- socioeducativo: em parceria com Centros de Referência de Assistência Social (CREAS) municipais;
- acolhimento de refugiados;
- esportes, com o “Avalanche Team”.

Além desses projetos, a ONG oferece uma diversidade de cursos a partir das chamadas “escolas” de Aconselhamento em Sexualidade, Artes e Comunicação, Autocuidado, Compulsões, Cosmovisão, Desenvolvimento Humanitário, Ecologia Humana, Imersão em Dependência Química, Imersão em Missões Urbanas, Imersão no Islã, Masculinidade, Moda Consciente, entre outros. A ONG conta com o apoio da *Exodus* Brasil, das igrejas Presbiteriana em Alphaville, Presbiteriana em Jardim Camburi e Batista da Praia do Canto, todas localizadas na cidade de Vitória.

Na Tabela 5, é possível observar que a ONG Avalanche Missões possui em torno de 47 mil seguidores no Facebook⁴⁷ desde a sua criação em dezembro de 2010. Seu canal no *Youtube*⁴⁸ foi fundado em abril do mesmo ano e conta com quase 11 mil inscritos. Já na rede social *Instagram*⁴⁹, iniciada em abril de 2014, a ONG possui de 39,2 mil seguidores. Foi possível observar que entre maio de 2021 e setembro de 2022 houve um decréscimo do nº de seguidores no *Facebook*, enquanto o *Youtube* e o *Instagram* apresentaram um leve aumento dos seguidores, publicações e visualizações.

Tabela 5 – Métricas da página, canal e perfil da ONG Avalanche Missões no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Mai/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	47.982 seguidores	47.268 seguidores	47.244 seguidores

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/avalanchemissoes>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Avalanchemissoes>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/avalanchemissoes/>. Acesso em: 01 out. 2022.

<i>Youtube</i>	10 mil inscritos 79 vídeos 107.775 visualizações	10,5 mil inscritos 87 vídeos 110.278 visualizações	10,9 mil inscritos 99 vídeos 114.981 visualizações
<i>Instagram</i>	37,4 mil seguidores 1.051 publicações	38,3 mil seguidores 1.114 publicações	39,2 mil seguidores 1.170 publicações

Andrea Vargas⁵⁰ é cofundadora da ONG Avalanche Missões e missionária da Igreja Missionária Unida do Brasil, cuja origem remonta historicamente aos movimentos anabatistas, mas com influências avivalistas também. Uma igreja genuinamente evangélica, bíblica e missionária⁵¹. Ela é também a presidenta da *Exodus* Brasil. É formada em Administração de Empresas pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP), com ênfase em Mercadologia, em Estudos Bíblicos pela *Living Faith Bible College*, no Canadá), especialista em aconselhamento cristão pelo Centro de Educação Teológica Batista do Estado do Espírito Santo - CETEBES) e pós-graduada em Terapia Familiar Sistêmica pela Associação Brasileira de Psicanálise Clínica do Espírito Santo (ABPC/ES).

Na Avalanche Missões, ela ministra, com o apoio de profissionais psicólogos, a Escola de Sexualidade, com seminários sobre sexualidade e dependência emocional, vício sexual e abuso sexual infantil, além de oferecer cursos sobre autocuidado, compulsões e missões urbanas. Eles são dirigidos para diferentes segmentos religiosos do protestantismo histórico e pentecostal, entre os quais, segmentos da Assembléia de Deus, da Igreja Metodista e da ARCA, com foco nos jovens e casais cristãos.

Na seção "livraria" do *site* oficial da *Exodus* Brasil⁵², está à venda uma coleção de quatro DVDs, estrelados por Vargas, intitulada "Introdução à sexualidade humana à luz da Bíblia", que aborda temas ligados ao vício sexual, dependência emocional, ajustamento sexual no casamento e orientação sexual dos filhos. Além desta coleção, Andrea Vargas produziu um DVD chamado "Uma conversa franca sobre homossexualidade", baseada "na retórica bíblica, na literatura cristã e na sua caminhada no aconselhamento cristão" e que esclarece "questões referentes à

⁵⁰ Disponível em: <http://estantedaandrea.com>. Acesso em: 29 mar. 2022.

⁵¹ Disponível em: <http://www.imus.com.br/igreja.php>. Acesso em: 18 out. 2022.

⁵² Disponível em: <https://www.exodus.org.br/livraria/>. Acesso em: 15 set. 2021.

construção da homossexualidade, abordando: adoecimento familiar, distorções de papéis e confusões de gênero”.

Criada em agosto de 2015, com 20 mil seguidores, sua página no *Facebook*⁵³ a descreve como “alguém que procura seguir os passos do Cristo e que, por isso, não se conforma com as barbáries contra o ser humano e o planeta”⁵⁴. Ela se diz especialista em identidade humana. O canal no *Youtube*⁵⁵ surgiu em setembro de 2013 e, embora contenha poucos vídeos, que abordam sobretudo sexualidade e teologia, mas também dá dicas de livros e recebe convidados, o número de visualizações cresceu significativamente, duplicando entre maio de 2021 e setembro de 2022 e é o mais alto do grupo de líderes ministeriais parceiros da *Exodus* Brasil. Aberta em junho de 2017, sua conta no *Instagram*⁵⁶ vem ganhando seguidores, apostando mais em *stories* do que em publicações no *feed* de notícias. Importante ressaltar que tanto a ONG *Avalanche* como Vargas não falam sobre temas políticos nas redes sociais digitais.

Na Tabela 6 é possível identificar a evolução do número de seguidores, de publicações e visualizações em algumas redes sociais digitais da missionária Andrea Vargas, despontando como a grande estrela da *Exodus* Brasil.

Tabela 6 – Métricas da página, canal e perfil da missionária Andréa Vargas no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	20.801 seguidores	20.685 seguidores	20.000 seguidores
<i>Youtube</i>	24,1 mil inscritos 23 vídeos 182.535 visualizações	29,3 mil inscritos 23 vídeos 274.656 visualizações	33,9 mil inscritos 23 vídeos 362.745 visualizações
<i>Instagram</i>	60,4 mil seguidores 121 publicações	67,2 mil seguidores 165 publicações	75,3 mil seguidores 191 publicações

⁵³ Disponível em: <https://www.facebook.com/andreaediniz>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁵⁴ VARGAS, Andrea. **Apresentação**. Facebook: Andréa Vargas. Disponível em: <https://www.facebook.com/andreaediniz/about>. Acesso em: 15 out. 2022.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AndreaVargas>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/andreavargasinsta/>. Acesso em: 01 out. 2022.

3.1.3 Ministério Projeto Candeia⁵⁷

O ministério Projeto Candeia é liderado por Miriam Fróes, pastora da Igreja Evangélica Manancial - Ministério Palavra Viva, na cidade Lins, interior de São Paulo. Ela é formada em Gestão Logística pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e em Teologia pelo Instituto Teológico Quadrangular, de São Paulo. É também especialista em Terapia de Casais e Família na Visão Sistêmica e palestrante de diversos temas, entre eles, a sexualidade humana. O ministério pode ser encontrado somente no *Facebook*⁵⁸, no qual criou uma página em dezembro de 2020, com 80 seguidores em setembro de 2022. Mas desde novembro de 2014, Miriam tem página no *Instagram*⁵⁹, atualmente com 431 seguidores e 69 publicações (entre maio de 2021 e março de 2022 foram removidas 59 publicações do seu *feed* de notícias). No *Youtube*⁶⁰ desde maio de 2013, conta com 145 inscritos e 12 vídeos publicados, totalizando 9.037 visualizações, um salto quantitativo muito expressivo se comparado às apenas 88 visualizações observadas em maio do mesmo ano, de acordo com a Tabela 7. Miriam é mais ativa nas publicações no *Facebook*⁶¹, rede na qual possui uma conta desde 2010 e na qual declara apoio explícito ao governo extremista de Jair Bolsonaro e aos valores conservadores, em oposição à esquerda política e a tudo que ela representa: ex-presidentes Lula e Dilma Roussef, o progressismo, o comunismo, o socialismo, o Supremo Tribunal Federal, Papa Francisco e religiões afro-brasileiras.

Cabe ressaltar que suas publicações na *timeline do Facebook* não são diárias, podendo haver, por exemplo, um intervalo de três dias entre as publicações ou haver três publicações em um mesmo dia. Nesse sentido, embora atue na mídia, Miriam é pouco presente, não se encaixando no perfil de uma *influencer* de destaque, o que não significa não ter influência no círculo interno de relacionamentos. Não obstante, há, ainda assim, um conteúdo discursivo e imagético publicado significativo.

⁵⁷ Disponível em: <http://expordaverdade.blogspot.com/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁵⁸ Disponível em: <https://web.facebook.com/Projeto-Candeia-102550928403770>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/miriam.froes.1/>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqCd-9VXo8yQKQ3nH8FqF6g>. Acesso em 01 out. 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/miriam.froes.1>. Acesso em: 01 out. 2022.

Tabela 7 – Métricas da página, canal e perfil da pastora Miriam Fróes no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	2,3 mil amigos	342 seguidores	2,3 mil amigos 351 seguidores
<i>Youtube</i>	17 inscritos 4 vídeos 58 visualizações	31 inscritos 7 vídeos 88 visualizações	145 inscritos 12 vídeos 9.037 visualizações
<i>Instagram</i>	377 seguidores 102 publicações	405 seguidores 43 publicações	431 seguidores 69 publicações

Além de ser um dos membros fundadores da *Exodus* Brasil, Miriam é também fundadora e líder do MEGB - Movimento Ex-Gays do Brasil, que tem somente uma página no *Facebook*⁶², com 990 membros em 01/10/2022. No caso do *Exodus* Brasil, além de uma presença crescente dos ministérios e dos líderes religiosos afiliados nas mídias digitais desde 2007, o ano de 2019 representou um marco e um momento propício para a articulação da organização com o aparato estatal e com certas lideranças políticas, quando a pastora Miriam Fróes procurou o ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos em Brasília, então gerido por Damares Alves. Mais do que ser aceita, reconhecida e visível para Deus, Miriam, enquanto uma *ex-gay*, desejava a proteção do Estado.

Com base em um levantamento das publicações de Miriam Froes no *Facebook* entre janeiro de 2019 e abril de 2022, entende-se que ser “*ex-gay*” não só significa a negação das identidades LGBTQIA+ e a criação de uma nova identidade descolada daquela comunidade, como também indica o seu alinhamento com a direita política brasileira ultraconservadora, que busca disputar e redefinir a noção de Direitos Humanos. Noção esta que vem sendo acusada de “satânica” e sinônimo de esquerda política, progressismo e comunismo, ao mesmo tempo que injeta novo combustível na rivalidade entre as posições do Conselho Federal de Psicologia e coletivos religiosos conservadores, destacadamente presentes em pautas relativas às diferenças e desigualdades entre as pessoas (cristãos/não-cristãos, heterossexuais/homossexuais) e na oposição aos avanços da cidadanização LGBTQIA+.

⁶² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/525485677995587>. Acesso em: 01 out. 2022.

3.1.4 Ministério GAAP Brasil

Apresentando-se como um ministério de restauração biopsicossocial e espiritual, o Grupo de Amor, Aceitação e Perdão - GAAP, situado em Boa Vista, no estado de Roraima, diz-se interdenominacional e atuante "especialmente no campo da identidade - área que afeta a sexualidade", com uma visão que consiste em "tornar a igreja de Jesus Cristo uma comunidade terapêutica [utilizando] processos terapêuticos teocêntricos, tendo a Bíblia Sagrada como norteador da conduta⁶³". Sua conta no *Facebook*, aberta em outubro de 2012, é seguida por 948 pessoas. Um levantamento das publicações na *timeline* mostrou uma tendência do GAAP em prestigiar e promover outros ministérios e líderes religiosos da *Exodus* Brasil, convidando seus seguidores para participarem de cursos de aconselhamento cristão sobre sexualidade com a pastora evangélica Miriam Fróes, do ministério Projeto Candeia, do MEGB, conforme tratado no item anterior, com a advogada e terapeuta Débora Fonseca, líder do ministério Luz na Noite e com a "psicóloga cristã" Brena Riker, esposa de David Riker, vice-presidente da *Exodus* Brasil e líder do ministério Sexualidade e Restauração - SER.

Os testemunhos de ex-transgêneros sobre os arrependimentos que a redesignação sexual pode trazer e como os cristãos deveriam lidar com a "ideologia de gênero" estão entre as publicações mais frequentes. Em janeiro de 2021, o ministério abriu uma página no *Instagram*⁶⁴, com a finalidade de apoiar "igrejas, ministérios, família e indivíduos que buscam voluntariamente ajuda". Atualmente, a página conta com 467 seguidores e 73 publicações. De modo geral, a frequência das publicações nessas redes sociais digitais é baixa, assim como o número de seguidores, de acordo com a Tabela 8.

Tabela 8 – Métricas da página e perfil do Ministério GAAP no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	951 seguidores	953 seguidores	948 seguidores

⁶³GAAP Brasil. **Apresentação.** Facebook: GAAP Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/gaapbrasil>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/gaapbrasil/>. Acesso em: 01 out. 2022.

<i>Instagram</i>	340 seguidores 38 publicações	434 seguidores 57 publicações	467 seguidores 73 publicações
------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------

O GAAP é liderado por Denise de Oliveira Andrade, missionária da Nova Igreja Batista de Boa Vista e graduanda em psicologia, cumprindo, assim, em suas palavras, o seu chamado específico na área de Restauração Emocional e Espiritual. Apesar das dificuldades para encontrá-la nas redes sociais digitais, Denise Andrade tem contas no *Facebook*⁶⁵, desde janeiro de 2013 com 1,5 mil amigos e no *Instagram*⁶⁶, desde outubro de 2017, com um aumento insignificante no número de seguidores e de publicações entre março e setembro de 2022, como mostra a Tabela 9.

Tabela 9 – Métricas da página e perfil da missionária Denise Andrade no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Maió/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	-	1,5 mil amigos	1,5 mil amigos
<i>Instagram</i>	-	758 seguidores 156 publicações	786 seguidores 164 publicações

3.1.5 Ministério Luz na Noite

Em seu *site* oficial⁶⁷, a Missão Luz na Noite, fundada em 2001 e localizada em Vitória no Espírito Santo, coloca-se como uma "missão de apoio aos que desejam voluntariamente abandonar a prática da homossexualidade", oferecendo inúmeros textos informativos, áudios e vídeos, além da divulgação de eventos sobre o tema da sexualidade. Conforme a Tabela 10, a seguir, sua página no *Instagram*⁶⁸ tem atualmente 4.567 seguidores e, desde a sua criação em agosto de 2018, conta com 310 publicações, com a meta de "ajudar cristãos em conflito e sofrimento com sua sexualidade". No *Facebook*⁶⁹, com página fundada em outubro de 2011, há 3.100

⁶⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/denisedeoliveiraandrade.andrade>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/d.niseandrade/>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <http://luznanoite.com.br>. Acesso em: 29 mar. 2022.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/luznanoite/>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/LuzNaNoite>. Acesso em: 01 out. 2022.

seguidores. Com canal no *Youtube*⁷⁰ desde março de 2013, são 838 inscritos e 33 vídeos publicados, com um total de 10.296 visualizações. Durante o período monitorado, houve uma ligeira queda no número de seguidores no *Facebook* e no *Instagram* e um aumento dos inscritos e das visualizações no canal do *Youtube*.

Tabela 10 – Métricas da página, canal e perfil do Ministério Luz na Noite no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Maio/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	3.207 seguidores	3.184 seguidores	3.100 seguidores
<i>Youtube</i>	733 inscritos 33 vídeos 8.199 visualizações	796 inscritos 33 vídeos 9.513 visualizações	838 inscritos 33 vídeos 10.296 visualizações
<i>Instagram</i>	4.652 seguidores 304 publicações	4.628 seguidores 310 publicações	4.567 seguidores 310 publicações

O ministério é liderado pela missionária Débora Fonseca e Cunha, autora dos livros “Aconselhando cristãos em luta com a homossexualidade”, “fruto de leitura, pesquisa e estudo cuidadoso por parte da autora, aliado à sua sólida experiência pessoal como fundadora e líder de um ministério de aconselhamento na área da sexualidade” (2ª edição atualizada em dezembro de 2021) e “Uma fera em busca de sentido”, indicado para aqueles que estão “passando por algum conflito em relação à sua sexualidade ou aconselhando alguém que sofre com tais questionamentos, fantasmas e pré-conceitos”, ambos lançados pela Abba Press Editora e à venda na seção “livraria” do site da *Exodus Brasil*⁷¹.

Advogada e psicóloga, Débora é missionária da Igreja Presbiteriana em Jardim Camburi e começou os trabalhos em sexualidade com a evangelização dos profissionais do sexo na orla do Camburi. Para ela, a homossexualidade é uma construção de influências provenientes da família, da sociedade e da cultura. Sua visão é de que somos muito mais do que os nossos impulsos e sentimentos. Ela não atua nas redes digitais. A Igreja Batista da Praia do Canto e o JOCUM (Jovens com uma missão), ambos em Vitória, são importantes parceiros do ministério.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Miss%C3%A3oLuzNaNoite/videos>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://www.exodus.org.br/?s=debora+fonseca&submit=Search>. Acesso em: 17 set. 2022.

As principais ações da Luz na Noite, descritas no *site* oficial do ministério, são: a) aconselhamentos bíblicos para a restauração da sexualidade; b) cursos gratuitos on-line sobre sexualidade; c) devocionais (apostilas) sobre dependência emocional e afetiva, pornografia, perigos da internet, vício sexual, masturbação e sobre os propósitos de Deus para a sexualidade, já que ele é o criador da identidade sexual e dos órgãos genitais; d) contratação de palestras e ministrações; e) evangelismo em pontos de prostituição; f) o Grupo Luz na Família, que busca apoiar e interceder junto aos familiares de homossexuais com reuniões presenciais, entre outros.

Entre os artigos e estudos publicados no *site* do ministério, chama a atenção o esforço de apresentar as raízes da homossexualidade, sejam elas familiares, sociais ou culturais, uma vez se parte do pressuposto de que ninguém nasce *gay*. Nesse sentido, no texto “o que fazer ao descobrir que alguém da minha família está homossexual?”, a homossexualidade é vista como um estado passageiro e uma situação de estresse e de potencial destruição da família, sendo “o mais apropriado deixar que seu filho rebelde saiba que seus pais se magoam com suas atitudes”. O amor e as orações pelos filhos devem prevalecer. No entanto, “após [os pais] deixarem bem claros os seus pontos de vista, é hora de ficar na retaguarda” e “ter cuidado de resguardar seu casamento”⁷².

Os textos também enfatizam a importância da Igreja na construção da sexualidade da criança e no papel daquela diante da homossexualidade. Cabe ressaltar que os planos de Deus para a sexualidade humana, de acordo com as crenças do ministério, tem três propósitos: a) a relação sexual é um privilégio exclusivo do casamento, entre homem e mulher, com fidelidade mútua e por toda a vida, onde o casal desfruta, entre outras coisas, de unidade, comunicação, prazer e procriação; b) a pureza em todas as áreas, inclusive a moral e sexual, com razões positivas para a abstinência sexual pré-conjugal; c) a “intimidade com Deus” e a restauração sexual.

Assim, a negação da homossexualidade e a produção de discursos negativos e patologizantes, com a promessa de restauração e cura dos conflitos sexuais por

⁷²Disponível em:

<http://www.luznanoite.com.br/apostilas/OQueFazerDescobrirAlguemFamiliaHomossexual.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

meio de uma interpretação heteronormativa, purificadora e disciplinadora dos textos bíblicos são uma prioridade para a atuação do ministério na área da sexualidade.

3.1.6 Ministério Paz com Deus⁷³

O ministério Paz com Deus localiza-se em Londrina, no Paraná. Além de um *site* próprio, sua página no *Facebook*⁷⁴ tem 2.306 seguidores e funciona desde setembro de 2013. No *Instagram*⁷⁵ desde junho de 2017, há atualmente 714 seguidores e 103 publicações no *feed*. É um ministério cristão que tem o apoio da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Londrina e o objetivo de "ajudar as pessoas que nos procuram pedindo ajuda, por experimentarem conflitos em sua sexualidade, que consideram incompatíveis com seu sistema de crenças", por meio de aconselhamento, treinamento e seminários para igrejas e grupos que desejam iniciar um grupo de apoio, retiros e produção de materiais, como artigos diversos, *websites*, vídeos, testemunhos, livros e DVDs. Assim como pudemos observar na ONG Avalanche Missões e no ministério Luz na Noite, o ministério Paz com Deus também teve, como demonstra a Tabela 11, durante o período estudado, uma ligeira queda no número de seguidores na rede social digital *Facebook*. Houve um pequeno aumento de seguidores no *Instagram*, rede na qual o número de publicações manteve-se estável, indicando que talvez exista pouco interesse do ministério em investir em publicidade por meio das redes sociais digitais.

Tabela 11 – Métricas da página e perfil do Ministério Paz com Deus no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Maió/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	2.312 seguidores	2.293 seguidores	2.306 seguidores
<i>Instagram</i>	603 seguidores 100 publicações	621 seguidores 100 publicações	714 seguidores 103 publicações

O porta-voz do ministério Paz com Deus é Willy Torresin de Oliveira, missionário da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Londrina e autor do livro

⁷³ Disponível em: <https://www.pazcomdeus.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/MinisterioPazcomDeus>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁷⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/paz_comdeus/. Acesso em: 01 out. 2022.

Quem sou eu? Como o Evangelho Completo devolve a verdadeira identidade, pela Editora Victory. Neste livro ele analisa "qual é o verdadeiro problema do ser humano", "trata do 'evangelho parcial' e da confusão acerca da nossa identidade [e] como o apóstolo Paulo ensinou um 'evangelho completo', uma nova identidade e vida abundante e vitoriosa".

Willy estudou Literatura de Língua Inglesa na Universidade Estadual de Londrina e trabalha atualmente no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos. Segundo a Tabela 12, ele tem 1.073 seguidores no *Instagram*⁷⁶, com apenas 8 publicações desde maio de 2020. Sua página no *Facebook*⁷⁷, inaugurada em março de 2011, tem 1,8 mil amigos e traz na *timeline* declarações de admiração pelo governo atual do presidente Jair Bolsonaro, especialmente por seu filho, o deputado estadual Eduardo Bolsonaro. Ataques ao Supremo Tribunal Federal, ao Tribunal Superior Eleitoral e ao ex-presidente Lula também são constantes, junto a elogios ao deputado federal Arthur Lira e às deputadas federais Carla Zambelli e Bia Kicis. Seu alinhamento político com a extrema direita brasileira é evidente. Com 766 inscritos no *Youtube*⁷⁸, criado em novembro de 2012, há 18 vídeos, totalizando 9.074 visualizações.

Tabela 12 – Métricas da página, canal e perfil do missionário Willy Torresin no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

Rede Social	Mai/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	1,8 mil amigos	-	1,8 mil amigos
<i>Youtube</i>	540 inscritos 14 vídeos 4.741 visualizações	663 inscritos 18 vídeos 7.651 visualizações	766 inscritos 18 vídeos 9.074 visualizações
<i>Instagram</i>	849 seguidores 7 publicações	957 seguidores 8 publicações	1.073 seguidores 8 publicações

No *site* oficial do ministério Paz com Deus, na seção *Identidade & Sexualidade*, encontramos dois artigos e quatro vídeos produzidos por ele.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/willytorresin/>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/willy.t.deoliveira>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC19zGouQehCkjocfVv8lO1g>. Acesso em: 01 out. 2022.

Analizamos um deles⁷⁹, no qual o conferencista fala do livro *O resto do Evangelho*, dos autores Dan Stone e David Gregory⁸⁰.

Para Willy, o papel da Igreja "verdadeira" na transformação e na restauração do indivíduo é fundamental e, por isso, é preciso ter cuidado com as igrejas "legalistas" e da "graça barata" (inclusivas). No Éden bíblico, os planos temporal e espiritual eram simultâneos. A Queda e o pecado os dividiram e somente a fé poderia novamente reuni-los. No mundo espiritual, o ser humano seria uma obra-prima de Deus, enquanto no mundo temporal, a identidade seria feita por rótulos, experiências ilusórias, práticas, abusos e pecados. Segundo Willy, Jesus quer que os dois mundos sejam simultaneamente experimentados por meio da fé.

Assim como a pastora Miriam Fróes, citada anteriormente, Willy se autointitula "ex-homossexual", servindo como um exemplo real e eficaz da possibilidade de reorientação sexual por meio da conversão religiosa. No seu entendimento, a orientação homossexual pertence ao mundo físico, que é maligno e mortal. Nele, sua identidade continua sendo gay, com desejos e sentimentos homossexuais. No entanto, e ao mesmo tempo, sua verdadeira identidade é espiritual. A fim de alcançá-la, o "velho homem", que vive na exterioridade, teria que morrer para os velhos hábitos, isto é, a velha natureza humana morre com Cristo, ainda que os desejos homossexuais permaneçam.

Dessa forma, apropriando-se de uma interpretação conservadora das cosmologias e doutrinas bíblicas da criação, queda e redenção, Willy adquire autoridade moral e espiritual para defender a heteronormatividade. Ele conclui que se deve escolher entre a palavra de Deus e as identificações terrenas. Embora as tentações persistam, é necessário lembrar do "novo homem", que não se identifica com as emoções e pensamentos mundanos, que são passageiros. A nova identidade está completa em Cristo. É preciso mudar a orientação espiritual e não a orientação sexual, trilhando um caminho que envolve a repressão do desejo, o controle sobre o pecado e a morte do egocentrismo.

Willy Torresin produziu uma variedade de materiais educativos sobre sexualidade bíblica, como DVDs, CDs e *pendrives*, que abordam temas sobre o

⁷⁹ Disponível em: <https://www.pazcomdeus.com.br/videos-identidade-e-sexualidade>. Acesso em: 20 jan. 2022.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.exodus.org.br/produto/o-resto-do-evangelho-quando-parte-do-evangelho-nao-e-pregado/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

papel da Igreja na redenção da sexualidade, o papel da família na formação da identidade, as causas dos desvios na sexualidade, além de um testemunho pessoal de transformação de sua orientação sexual.

3.1.7 Ministério Redenção Pedro II – RP2

Localizado na capital mineira de Belo Horizonte, o ministério Redenção Pedro II possui página no *Facebook*⁸¹ desde novembro de 2013 e tem atualmente 492 seguidores. No *Instagram*⁸², inaugurou sua página em dezembro de 2018, presentemente com 519 seguidores e 252 publicações. Descreve-se como um ministério que trabalha na área da sexualidade a partir de duas vertentes: a do evangelismo de travestis da avenida Pedro II em Belo Horizonte e a do ensino sobre o tema da sexualidade à luz da Bíblia. Ele trabalha em parceria com a Igreja Presbiteriana Bereia de Goiânia/GO, a Comunidade Cristã Caverna Adulão e a 3ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte.

No quesito gênero e sexualidade, as publicações costumam abordar assuntos ligados às consideradas “desordens sexuais”, como a pornografia, a prostituição, a dependência, a compulsão e o vício sexuais, às quais todos os cristãos estão sujeitos, causando-os grande sofrimento, uma vez que são também desordens identitárias, desalinhadas da moral sexual tal qual ensinada na Bíblia. Além disso, a importância do papel dos pais na formação da identidade dos filhos, os perigos da “ideologia de gênero”, depoimentos de ex-transgêneros, a educação sexual no ensino público e o feminismo pela ótica da direita conservadora, estão entre outros temas tratados.

Uma imagem publicada na rede social digital *Instagram*⁸³ retrata a “ordem bíblica da família”, uma ordem hierarquizante, vertical e funcional. Nela, o marido deve proteger, liderar e prover a família, enquanto a esposa deve confortar, ensinar e nutrir e os filhos devem amar e obedecer os pais. Jesus está acima de todos, como um grande guarda-chuva.

⁸¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁸² Disponível em: https://www.instagram.com/ministerio_rp2/. Acesso em: 01 out. 2022.

⁸³ Ministério RP2. **Ordem Bíblica da Família**. Belo Horizonte, 06 jan. 2019. Instagram: ministerio_rp2. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsUltBNgw57/>. Acesso em: 29 jan. 2023. Sugiro ao leitor que insira a data da publicação no “filtro de publicação” disponibilizado pelo Facebook, no canto superior direito da página inicial, a fim de localizar a publicação.

É imprescindível evidenciar as publicações que defendem a liberdade de expressão religiosa para condenar a prática homossexual, os movimentos de diversidade e a criminalização da homofobia⁸⁴. Uma vez que a visão bíblica e conservadora do ministério nega a diversidade sexual, o Estado deveria ser constantemente denunciado por impor condições que obrigam as pessoas crentes e/ou conservadoras a concordarem com a existência de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, como mostram os títulos de alguns *posts* publicados no *Facebook*: "professor é demitido por não chamar aluno pelo artigo transgênero"⁸⁵; "ONG cristã é forçada a agenciar adoções para casais gays"⁸⁶; "confeiteiro cristão volta ao tribunal por se recusar a fazer bolo gay"⁸⁷, "as leis não podem mudar a realidade heterossexual humana"⁸⁸; "justiça proíbe pai de tratar filha como menina após ela se declarar menino"⁸⁹; "transexual é ordenado ao ministério pastoral em Igreja Batista nos EUA"⁹⁰. Todos esses casos ocorreram nos Estados Unidos.

As ameaças ao universo crente não se restringem ao território estadunidense, como nos casos em que a "certidão de nascimento poderá ter opção 'gênero X' em Minas Gerais"⁹¹; "Cuba tira casamento gay da nova Constituição após protestos

⁸⁴ Ministério RP2. "**Barroso diz que religiões não devem ser punidas por condenar a homossexualidade**". Belo Horizonte, 22 fev. 2019. Instagram: ministerio_rp2. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BuMO7Mng1B/>. Acesso em: 29 jan. 2023. **STF pode proibir pastores de pregarem contra homossexualidade nos cultos**. Belo Horizonte, 02 jun. 2019. Instagram: ministerio_rp2. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByOnMoUDsVb/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁸⁵ Ministério RP2. **Professor é demitido por não chamar aluno pelo artigo transgênero**. Belo Horizonte, 10 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁸⁶ Ministério RP2. **ONG cristã é forçada a agenciar adoções para casais gays**. Belo Horizonte, 11 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁸⁷ Ministério RP2. **Confeiteiro cristão volta ao tribunal por se recusar a fazer bolo gay**. Belo Horizonte, 21 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁸⁸ Ministério RP2. **As leis não podem mudar a realidade heterossexual humana**. Belo Horizonte, 23 abr. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁸⁹ Ministério RP2. **Justiça proíbe pai de tratar filha como menina após ela se declarar menino**. Belo Horizonte, 29 abr. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁰ Ministério RP2. **Transexual é ordenado ao ministério pastoral em Igreja Batista nos EUA**. Belo Horizonte, 27 mar. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹¹ Ministério RP2. **Certidão de nascimento poderá ter opção "gênero X" em Minas Gerais**. Belo Horizonte, 15 fev. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

evangélicos”⁹²; “Suprema Corte do Canadá determina que os direitos LGBT devem se sobrepôr a crenças religiosas”⁹³; “escolas da França substituirão ‘pai’ e ‘mãe’ por ‘genitor 1’ e ‘genitor 2’”⁹⁴; “bandeira LGBT deverá ser hasteada em várias escolas primárias canadenses a partir de junho”⁹⁵, entre outras. O pânico é geral e local.

A fim de reforçar suas investidas contra o Estado brasileiro progressista, o ministério RP2 costuma apoiar e ser respaldado pelas posições do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, o IBDR e da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, a ANAJURE. Em uma publicação de janeiro de 2019, há uma menção sobre a advogada Ângela Gandra Martins Silva, filha de Ives Gandra da Silva Martins, presidente de honra do IBDR, quando foi anunciada como a titular da Secretaria Nacional da Família, órgão vinculado ao ministério da então ministra Damares Alves. Já em setembro do mesmo ano, o ministério criticou a ordem do Supremo Tribunal Federal quanto ao reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, “exercendo uma função que cabe ao Legislativo”, da mesma forma quando, em junho de 2019, enquadrou como “crime de racismo” a homofobia. Na época, a ANAJURE se manifestou, repudiando o posicionamento do STF ao mesmo tempo em que defendeu o ex-ministro da educação Milton Ribeiro quando este falou ao jornal Estadão que a homossexualidade estava associada a desajustes familiares.

As posições políticas do ministério RP2 são também bastante claras. Com base em uma investigação das publicações efetuadas entre dezembro de 2018 e novembro de 2021 no *Instagram*, foi possível perceber seu alinhamento com a extrema direita política do governo de Jair Bolsonaro, especialmente sobre os assuntos ligados às pautas moral e de costumes. Sobre sua posição contra o aborto,

⁹² Ministério RP2. **Cuba tira casamento gay da nova Constituição após protestos evangélicos.** Belo Horizonte, 21 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹³ Ministério RP2. **Suprema Corte do Canadá determina que os direitos LGBT devem se sobrepôr a crenças religiosas.** Belo Horizonte, 24 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁴ Ministério RP2. **Escolas da França substituirão ‘pai’ e ‘mãe’ por ‘genitor 1’ e ‘genitor 2’.** Belo Horizonte, 18 fev. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁵ Ministério RP2. **Bandeira LGBT deverá ser hasteada em várias escolas primárias canadenses a partir de junho.** Belo Horizonte, 22 ago. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

o ministério teceu elogios à ex-ministra da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, Damares Alves⁹⁶ e ao ex-presidente norteamericano Donald Trump⁹⁷.

As críticas e oposições à “ideologia de gênero” feitas pelo ex-chanceler Ernesto Araújo⁹⁸, pelo presidente Jair Messias Bolsonaro⁹⁹ e pela deputada estadual de Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo¹⁰⁰ também tiveram destaque.

O ministério RP2 tem poucos seguidores no *Facebook* e no *Instagram*. Durante maio de 2021 e setembro de 2022, de acordo com a Tabela 13, praticamente este número se manteve estável, assim como as publicações nessa última rede social digital.

Tabela 13 – Métricas da página e perfil do Ministério RP2 no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Maió/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	484 seguidores	492 seguidores	490 seguidores
<i>Instagram</i>	-	515 seguidores 252 publicações	518 seguidores 253 publicações

Coordenado por Márcia Elisa R. do Vale, psicóloga formada pela Universidade Federal de Minas Gerais e com trabalho fundamentado nos preceitos da terapia Gestalt e da Abordagem Centrada na Pessoa, ela atua profissionalmente tanto no *Facebook*¹⁰¹, desde outubro de 2013 e com 2.043 seguidores (houve uma perda de 16 seguidores durante o período de monitoramento da rede), quanto no

⁹⁶ Ministério RP2. **Futura Ministra dos Direitos Humanos defende aprovação do Estatuto do Nascituro**. Belo Horizonte, 11 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁷ Ministério RP2. **Trump faz discurso contra o aborto: “toda criança é um presente de Deus”**. Belo Horizonte, 28 jan. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁸ Ministério RP2. **Chanceler indicado por Bolsonaro promete se opor à ideologia de gênero e aborto até na ONU**. Belo Horizonte, 13 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁹⁹ Ministério RP2. **Bolsonaro inaugura escola e critica ideologia de gênero: “nasce homem ou nasce mulher”**. Belo Horizonte, 18 dez. 2018. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

¹⁰⁰ Ministério RP2. **SC: Governo tira ideologia de gênero das escolas públicas**. Belo Horizonte, 31 ago. 2019. Facebook: ministeriorp2. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

¹⁰¹ Disponível em: https://www.facebook.com/marciaelisapsi/?ref=page_internal. Acesso em: 01 out. 2022.

*Instagram*¹⁰², desde maio de 2018 e com 798 seguidores e 372 publicações, segundo a Tabela 14.

Tabela 14 – Métricas da página e perfil da missionária Márcia Elisa no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Maió/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	2.059 seguidores	2.048 seguidores	2.043 seguidores
<i>Instagram</i>	-	796 seguidores 367 publicações	798 seguidores 372 publicações

3.1.8 Ministério SER - Sexualidade e Restauração

O ministério Sexualidade e Restauração (SER), de Belo Horizonte, Minas Gerais, tem 5.775 seguidores no *Facebook*¹⁰³, onde atua desde fevereiro de 2012. No *Instagram*¹⁰⁴ desde julho de 2018, o ministério atraiu 4.741 seguidores publicando no *feed* de notícias conteúdos sobre educação sexual das crianças, violência sexual na infância, identidade, sexualidade e gênero, masculinidade e feminilidade, combate à pornografia, entre outros. Já no *Youtube*, o canal está ativo desde setembro de 2012¹⁰⁵ e possui 5,64 mil inscritos, no qual podem ser encontrados 84 vídeos com um pouco mais de 20.000 visualizações. Nesta mesma mídia digital, o ministério se descreve como "um instrumento de ensino e capacitação da Igreja no que se refere às questões ligadas à sexualidade [que] de forma interdenominacional, busca a prevenção e o enfrentamento dos desafios atuais, bem como a restauração da visão de Deus sobre a sexualidade". O acompanhamento das redes sociais digitais do ministério mostrou, conforme a Tabela 15, uma queda no número de seguidores do *Facebook* e um aumento no *Instagram* e no *Youtube*.

Tabela 15 – Métricas da página, canal e perfil do Ministério SER no *Facebook*, no *Youtube* e no *Instagram*

¹⁰² Disponível em: <https://www.instagram.com/marciaelisapsicologa/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.facebook.com/ministerioseroficial>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/ministerioseroficial/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/DavidRikerCanal/about>. Acesso em: 01 out. 2022.

Rede Social	Mai/2021	Março/2022	Setembro/2022
<i>Facebook</i>	5.848 seguidores	5.777 seguidores	5.775 seguidores
<i>Youtube</i>	2,37 mil inscritos 80 vídeos 5.316 visualizações	4,3 mil inscritos 83 vídeos 14.259 visualizações	5.64 mil inscritos 84 vídeos 21.641 visualizações
<i>Instagram</i>	4.574 seguidores 372 publicações	5.017 seguidores 381 publicações	4.741 seguidores 381 publicações

Seu coordenador é David Riker, vice-presidente da *Exodus* Brasil e pastor da Igreja Batista Central em Belo Horizonte. Formado em Teologia e Filosofia e pós-graduando em sexualidade humana (CBI-EUA), Riker oferece serviços de mentoria em sexualidade e relacionamentos, visando “fornecer uma escuta qualificada e um acompanhamento pessoal para melhor aplicar os princípios do Evangelho” em tais áreas. “É individual e segue a lógica do aconselhamento bíblico. Público-alvo: cristãos com demandas nos âmbitos acima citados”¹⁰⁶.

No *Facebook*¹⁰⁷ desde setembro de 2017, a página possui 4.720 seguidores, um número que se manteve praticamente estável durante o período estudado. Já no *Instagram*¹⁰⁸, desde maio de 2012, o número de seguidores saltou de 18,6 mil em maio de 2021 para 106 mil seguidores em setembro de 2022, com publicações e *stories* diários. Em razão desse aumento significativo no número de seguidores, conferindo-lhe grande visibilidade, por participar da diretoria da *Exodus* Brasil como vice-presidente, por trabalhar com sexualidade bíblica há mais de 15 anos e por ser o líder religioso da *Exodus* Brasil mais engajado nas redes digitais, reservamos o próximo capítulo para explorarmos suas posturas sobre a homossexualidade. A Tabela 16 mostra a evolução do número de seguidores e de publicações no *Facebook* e no *Instagram*.

Tabela 16 – Métricas da página e perfil do pastor David Riker no *Facebook* e no *Instagram*

Rede Social	Mai/2021	Março/2022	Setembro/2022
-------------	----------	------------	---------------

¹⁰⁶ RIKER, David. **Como funciona a mentoria? É pra que? Explica melhor. Stories.** Belo Horizonte, 03 fev. 2022. Instagram: david_riker. Acesso em: 03 fev. 2022. Conforme descrito no Anexo A.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/davidrikerser>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁰⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/david_riker/. Acesso em: 01 out. 2022.

<i>Facebook</i>	4.657 seguidores	4.720 seguidores	4.794 seguidores
<i>Instagram</i>	18,7 mil seguidores 2.010 publicações	66 mil seguidores 2.857 publicações	106 mil seguidores 3.220 publicações

3.1.9 Resultados

No grupo de líderes ministeriais da *Exodus* Brasil predomina a presença de mulheres, sendo que, de cinco delas, quatro são missionárias cisgêneros e uma pastora “ex-gay”, três são psicólogas e duas são terapeutas. No segmento masculino, há dois pastores cisgêneros - um especialista em psicanálise e outro em sexualidade humana - e um missionário “ex-gay”, que é professor e escritor. Dos oito, três deles são formados em Teologia.

Deparamo-nos aqui, de fato, com um sistema especialista em sexualidade e relacionamentos que agrega psicólogas, terapeutas, missionários e pastores cristãos. Um sistema de competência profissional que organiza áreas da vida social, auxiliando na auto-organização das narrativas da vida na modernidade (GIDDENS, 1997).

O protagonismo das mulheres no grupo, psicólogas ou terapeutas, além de se alinhar com o número brutalmente maior de psicólogas do que de psicólogos no Brasil¹⁰⁹, pode indicar que, tradicional e historicamente, o domínio da linguagem emocional e sexual, isto é, do campo da intimidade, sempre pertenceu ao gênero feminino. Tendo suportado o controle de seus corpos pela religião e depois pela Psicanálise masculina e neurótica do século XIX, na modernidade reflexiva, do “relacionamento puro” e do “amor confluyente”, as mulheres continuam à frente dos homens nas questões de autoidentidade e de reconstrução emocional (GIDDENS, 1993)¹¹⁰. Fato este favorecido pela visão teológica essencialista, na qual o amor, o afeto e o cuidado sempre foram características do “gênio” feminino, que seria mais desenvolvido emocionalmente e oposto e complementar à “essência” masculina, que

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹¹⁰ Tal conclusão não parte de uma visão que naturaliza ou essencializa a condição feminina e masculina, o que seria recair numa análise dicotômica, que reitera o próprio discurso dos atores religiosos aqui analisados. Trata-se de uma constatação estatística, focada em critérios socioculturais, considerados por autores como Giddens.

é mais racional. Visão que dá base e amparo para um sistema hierárquico de gênero.

A presença pública dos ministérios e de seus coordenadores enquanto “figuras públicas” nas redes sociais digitais acabam por conferir a *Exodus* Brasil um comportamento de “religião pública”. Nos termos formulados pela antropóloga Paula Montero, aquela que se refere à atuação da religião em três dimensões das sociedades modernas: no aparato do Estado, no sistema político e enquanto força mobilizadora na sociedade civil.

No caso analisado, tal atuação se dá, predominantemente, através de uma rede digital que veicula assuntos sobre teologia e sexualidade, que busca atrair um público “crente” e jovem e que aposta em imagens, mensagens, vídeos e *lives* para obter acesso e visibilidade, facilitado e estimulado, como vimos, pela tradição estrutural brasileira da relação porosa entre religião e esfera pública (MONTERO, 2016). Rede que, no contexto atual, é renovada e ampliada com os novos espaços digitais que agitam positivamente o desenvolvimento do processo comunicacional da Reforma Digital, como descrito pela teóloga norte-americana Elizabeth Drescher (2011). De qualquer forma, como afirmou Cunha (2019),

Não é possível compreender a “desprivatização” dos evangélicos brasileiros e a construção da religião pública por esse segmento cristão, sem se considerar a dinâmica acelerada e diversa de formas de interação dos diferentes grupos evangélicos entre si e com outros (religiosos e não religiosos) por meio das diferentes mídias.

Quanto ao uso das redes sociais digitais, é possível notar que cada ministério de ajuda e líder ministerial que compõem a *Exodus* Brasil tem uma presença e uma atuação específicas, conferindo grande heterogeneidade ao conjunto, a começar pelo ano de criação das páginas, perfis e canais.

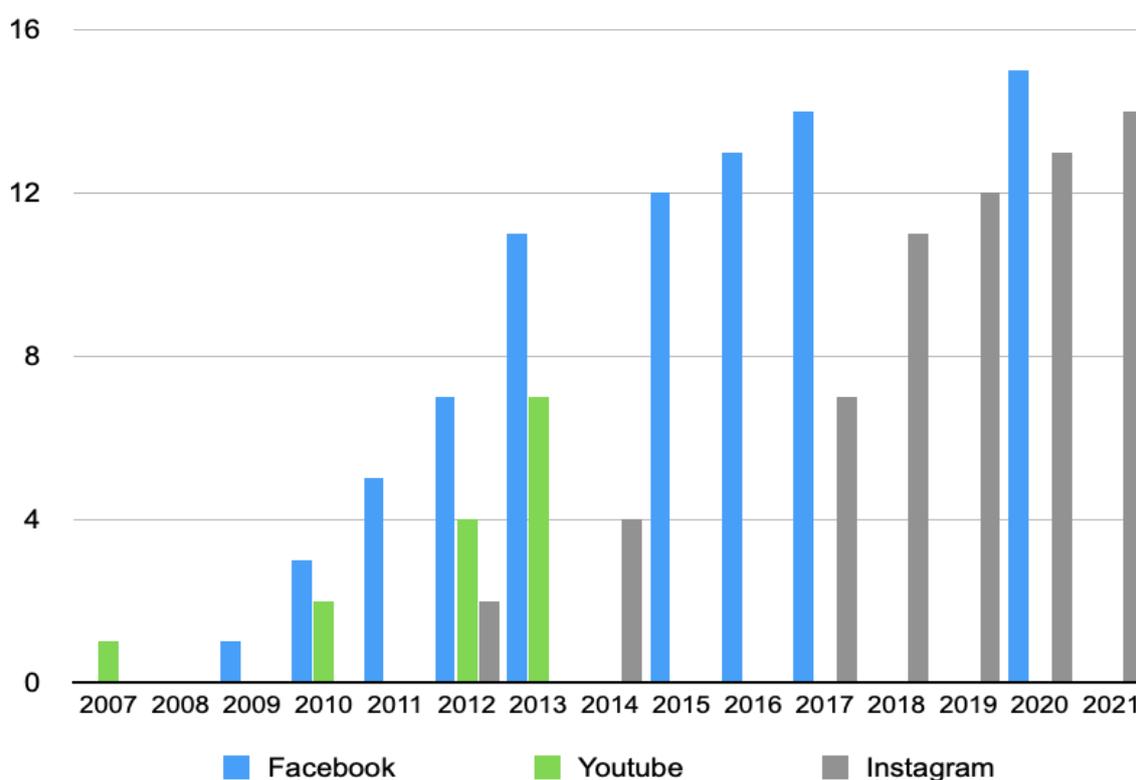
O pastor Herbert Amorim foi o grande pioneiro no ingresso da *Exodus* Brasil nas redes sociais digitais. Foi o primeiro a criar um canal no *Youtube*, em 2007, uma página no *Facebook*, em 2009 e um perfil no *Instagram*, em 2012. Já o perfil no *Instagram* do ministério GAAP Brasil é o mais recente, criado em 2021.

No *Facebook*, das 15 páginas/perfis criados entre 2009 e 2020, um pouco mais da metade (8 deles) apareceram entre 2011 e 2013. No *Youtube* foram abertos sete canais e desde 2013 não há nada de novo. Já no *Instagram*, os 14 perfis foram criados entre 2012 e 2021. Se somarmos os canais, as páginas e os perfis dos

ministérios e líderes ministeriais da *Exodus* Brasil, atualmente há 36 “pontos de acesso” nas redes sociais digitais, locais de encontro entre especialistas em Teologia e Sexualidade e fiéis leigos interessados no assunto.

Entre 2007 e 2021 e excetuando o ano de 2008, em todos os anos pelo menos um líder religioso ou ministério de ajuda abriu um novo espaço nas mídias digitais. O ano mais ativo foi o de 2013 (no qual coincidentemente se firmou a onda conservadora no país – que culminou no *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef - e a agenda homofóbica do deputado federal Marco Feliciano se instalou na Comissão dos Direitos Humanos e das Minorias), quando foram abertas quatro páginas no *Facebook* e três canais no *Youtube*, seguido pelo ano de 2012, que inaugurou duas páginas no *Facebook*, duas contas no *Instagram* e dois canais no *Youtube*. Juntos correspondem a um pouco mais de um terço do total, como se pode verificar no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Número de abertura de páginas, canais e perfis nas mídias sociais de ministérios e líderes da Exodus Brasil e sua evolução entre 2007 e 2021

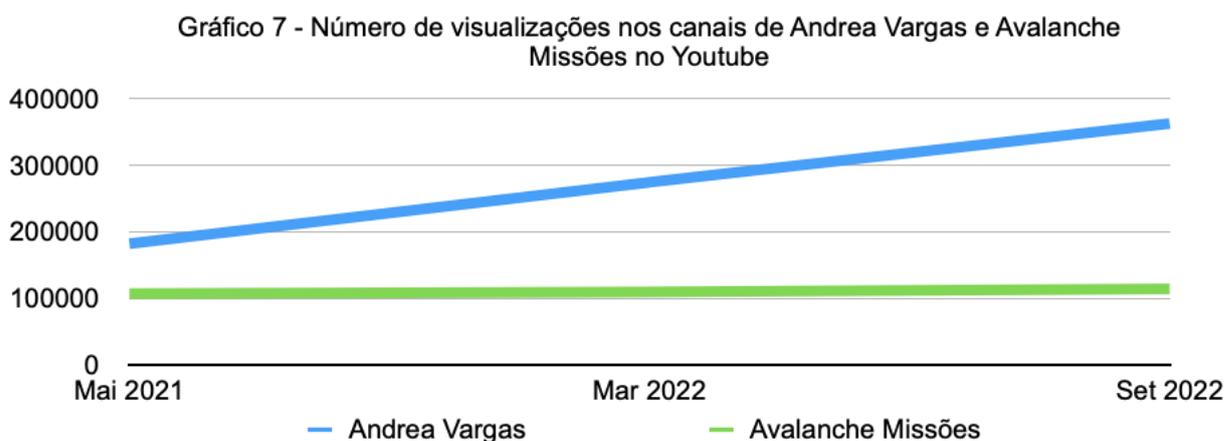


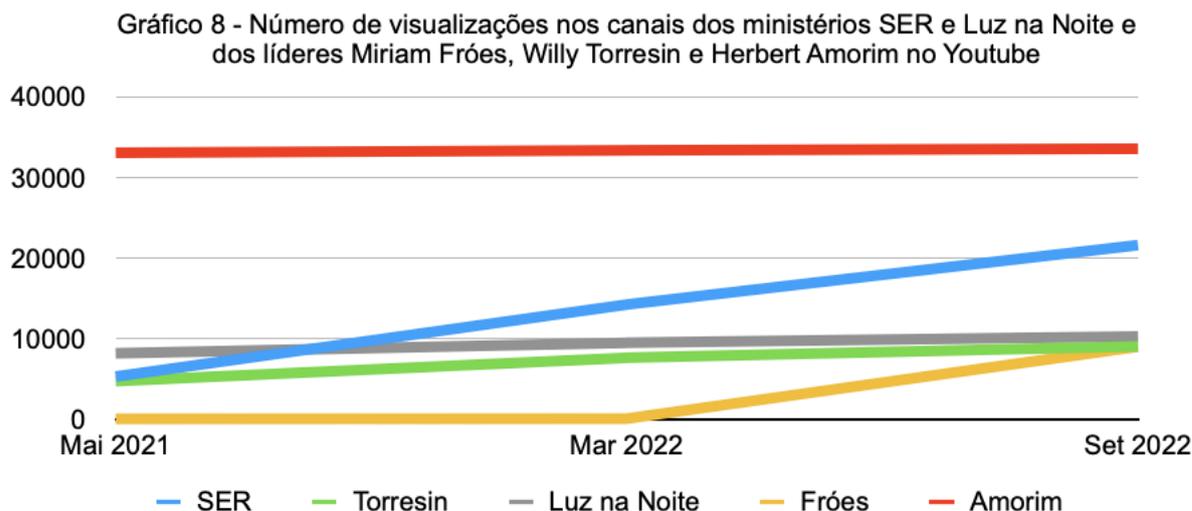
Durante o recorte temporal escolhido, de maio de 2021 a setembro de 2022, o *Facebook* foi a mídia digital na qual houve uma ligeira queda no número de seguidores dos ministérios SER, RP2, Paz com Deus, Luz na Noite, GAAP e

Avalanche Missões e dos coordenadores dos ministérios RPII e Avalanche Missões, Márcia Elisa do Vale e Andrea Vargas, respectivamente.

David Riker, líder ministerial do SER, obteve um aumento pouco significativo, de apenas 74 seguidores, porém o mais expressivo entre os líderes religiosos e que, junto à imobilidade observada no número de amigos nos perfis de Miriam Fróes, Denise Andrade e Willy Torresin, sugere ser o *Facebook* um tipo de mídia pouco atraente para o público-alvo da *Exodus* Brasil, que são os jovens, solteiros e casados.

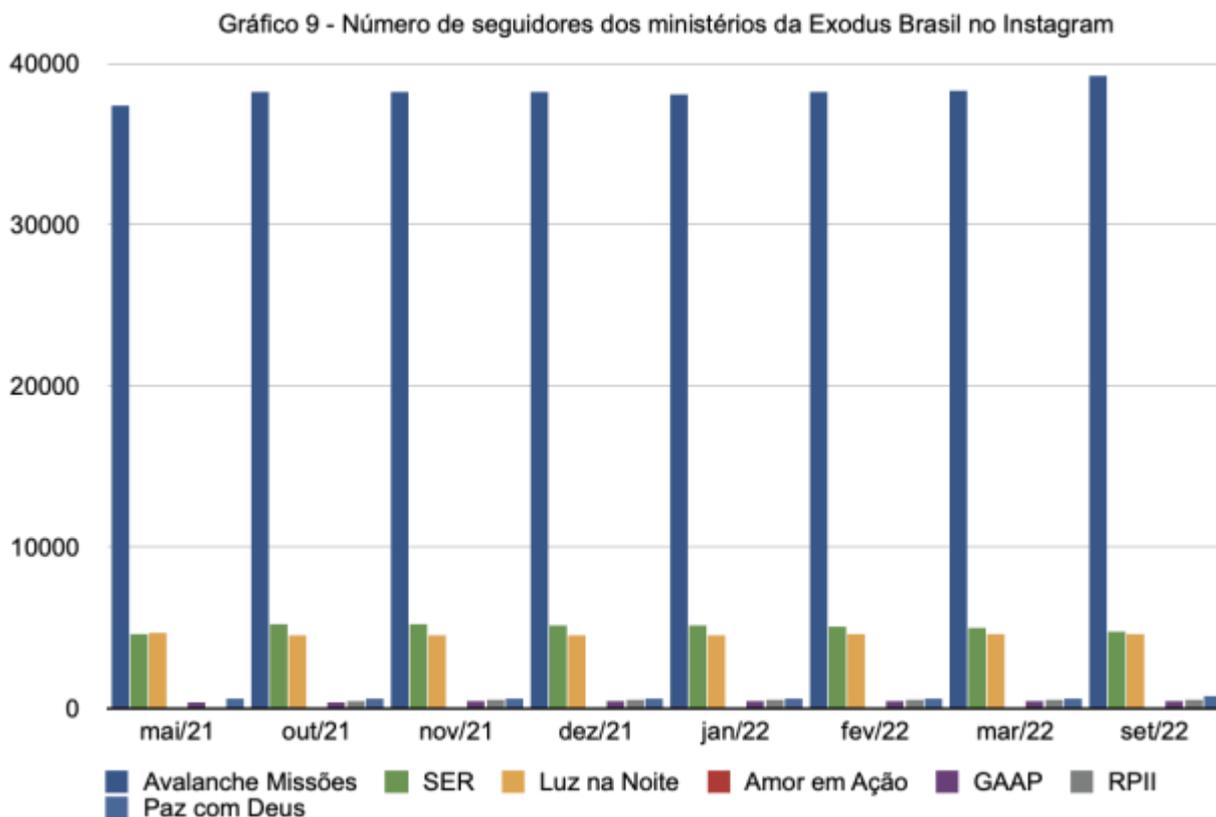
Enquanto o conjunto vem perdendo força no *Facebook*, o *Youtube* tem recebido pouca atenção da organização, no qual há apenas sete canais. Dois deles, o canal de Herbert Amorim e o da ONG Avalanche Missões, tiveram baixíssima atividade. O grande destaque foi para a missionária Andrea Vargas da Avalanche Missões, que duplicou o número de visualizações, de aproximadamente 180 mil para mais de 360 mil, com um ganho excelente de visibilidade, seguida pelo ministério SER e pela pastora Miriam Fróes, bastante distantes do alcance midiático da presidenta da *Exodus* Brasil, como demonstram os gráficos 7 e 8.



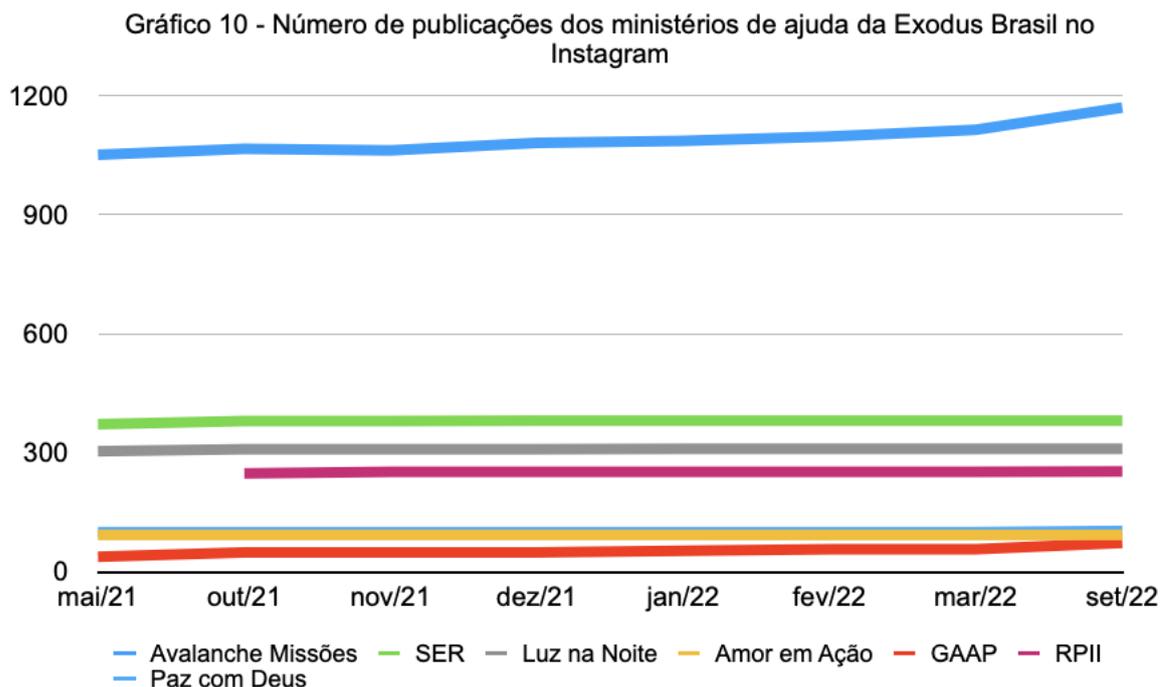


O *Instagram* foi a rede digital para a qual dirigimos a nossa atenção nesta pesquisa em razão de ser a que mais cresce entre o público jovem e entre os parceiros e parceiras da *Exodus* Brasil nos últimos anos, indicando que ela é a rede social digital favorita e favorável para os objetivos de evangelização e aconselhamento sobre a sexualidade e relacionamentos. A fim de observarmos a evolução do número de seguidores e de publicações no *feed* dos perfis do conjunto *Exodus* Brasil, foi realizado um monitoramento da rede, iniciado em maio de 2021, retomado em agosto e em outubro do mesmo ano e então realizado quinzenalmente até março de 2022, com um salto para setembro de 2022.

De acordo com o gráfico 9, a seguir, observamos que a ONG *Avalanche Missões* é o ministério de ajuda com o maior número de seguidores e que, durante o recorte temporal escolhido, ganhou por volta de 1800 seguidores, seguida pelo ministério *Sexualidade e Restauração*, que adquiriu cerca de 500 seguidores entre maio de 2021 e março de 2022, mas perdeu em torno de 300 seguidores até setembro de 2022. O ministério *Luz na Noite* perdeu cerca de cem seguidores, enquanto os cinco restantes ganharam entre 0 e 127 seguidores. Os ministérios não andam chamando lá muito a atenção no *Instagram*.



Esse mesmo ritmo lento dos ministérios em atrair seguidores se reflete na frequência de publicações no *feed* de notícias que, de modo geral, manteve-se estável, conforme mostra o Gráfico 10. Em um período de dezesseis meses, a maioria dos ministérios de ajuda pouco publicou, enquanto outros poucos tiveram um crescimento tímido.



É importante lembrar que as publicações no *feed* de notícias do *Instagram* podem ser na forma de imagens, com ou sem texto, *reels* (vídeos curtos de 15 a 60 segundos) ou vídeos longos (até 60 minutos). A forma de interação com o seguidor é por meio da “curtida” e/ou do comentário.

A ferramenta *reels*, disponibilizada mais recentemente pela empresa, é aquela que possui maior alcance, aparecendo para seguidores e não seguidores, quem decidirá será o algoritmo. Por meio dela podem ser produzidos vídeos criativos com inúmeros recursos audiovisuais. Além de fácil e prática, a ferramenta favorece o ganho de seguidores e o engajamento, é adequada para conteúdos educacionais, além de ter a chance de “viralizar”.

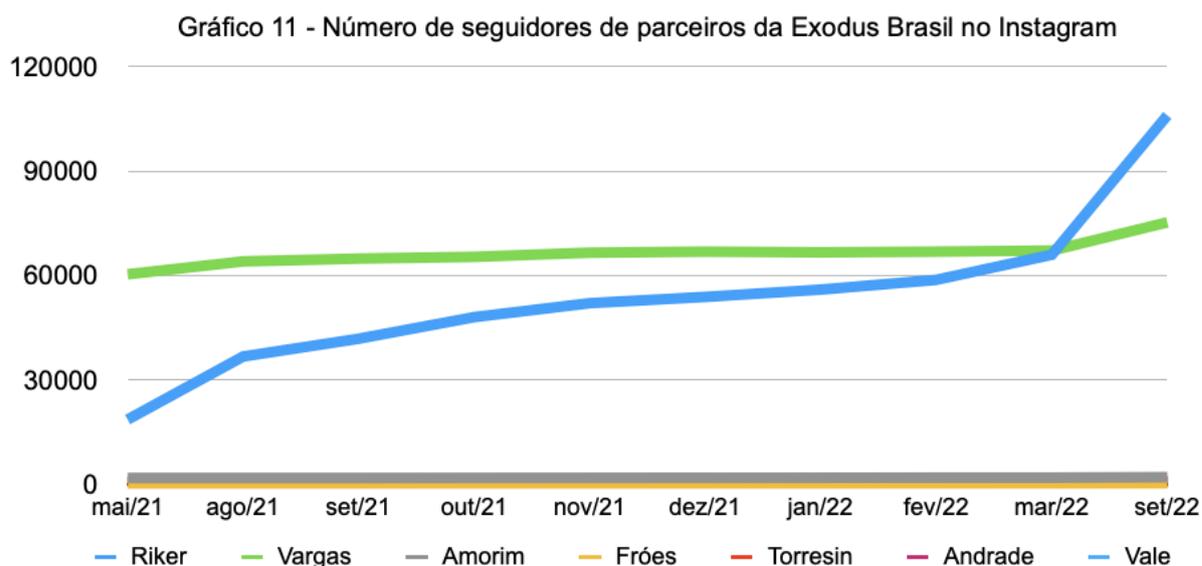
Enquanto os *reels* apostam no alcance, a ferramenta *stories* tem a interação com os seguidores como uma importante vantagem. São independentes das publicações e ficam disponíveis por 24 horas. Com esta ferramenta pode-se criar histórias, “compartilhar momentos e experiências”, usando vídeos, texto, música, figurinhas e GIFs. É através dela que os seguidores participam de enquetes, fazem perguntas e emitem opiniões¹¹¹.

Sem dúvida a combinação dessas ferramentas pode estrategicamente impulsionar o marketing, a publicidade e o comércio religiosos. Nesse sentido, no

¹¹¹ Disponível em: www.instagram.com. Acesso em: 23 out. 2022.

caso aqui estudado, os ministérios Amor em Ação e Paz com Deus trabalham somente com imagens e texto, enquanto os ministérios SER, RP2, Luz na Noite, e GAAP investem em imagens, texto e *reels* em seu *feed* de notícias. A ONG Avalanche Missões é a única que faz uso de imagens, textos, *reels* e *stories*.

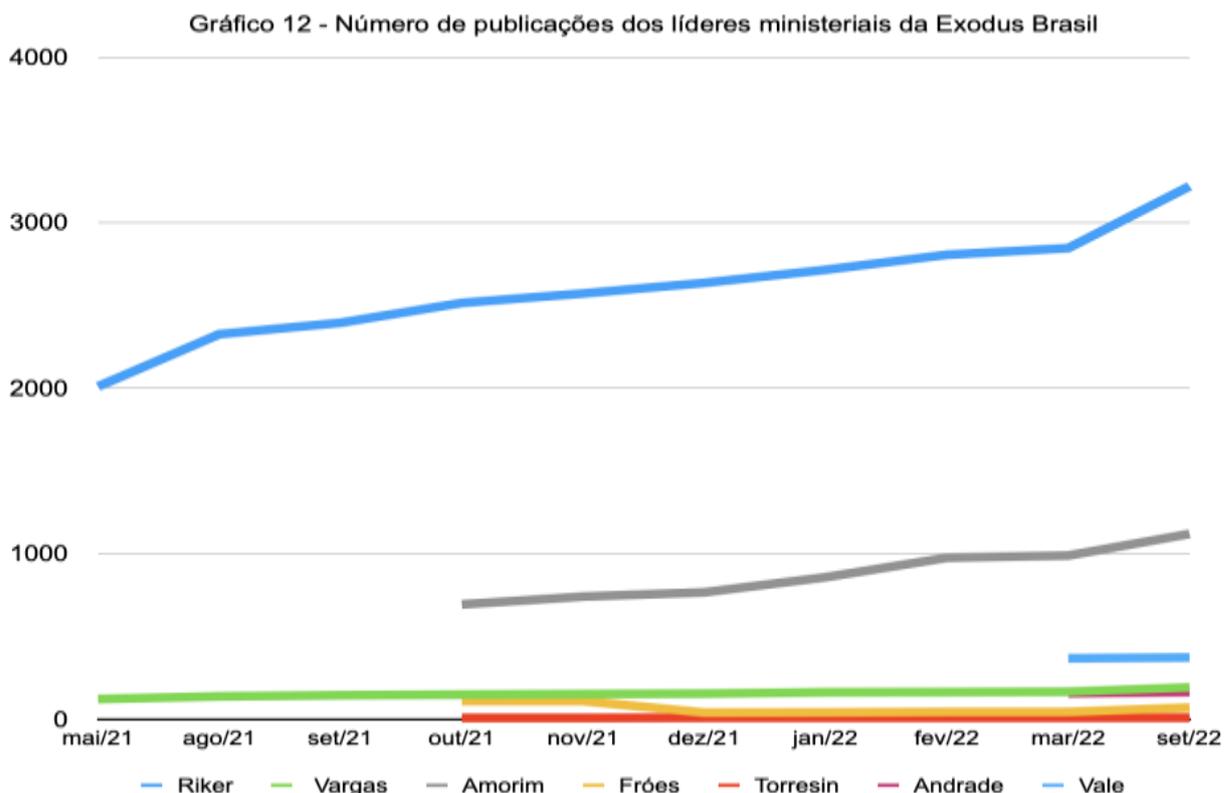
No Gráfico 11, pode-se observar a evolução no número de seguidores dos perfis dos sete líderes ministeriais parceiros da *Exodus* Brasil no *Instagram*, entre maio de 2021 e setembro de 2022.



Vargas e Riker foram os que mais se destacaram, sobretudo o último, que de 18 mil seguidores em maio de 2021, alcançou o número de 106 mil em setembro de 2022. Ambos são os que mais investem em publicidade e marketing, combinando *lives*, *stories*, *reels*, imagens e texto. De forma similar, o pastor Herbert Amorim vem adquirindo uma maior visibilidade, embora distante das duas estrelas principais da *Exodus* Brasil. Além deles, a pastora Miriam Froes e o missionário Willy Torresin trabalham somente com publicações na forma de imagem e texto, enquanto as psicólogas Márcia Elisa do Vale e Denise Andrade apostam também nos *reels*. Convém evidenciar que os *reels* começaram a ser utilizados em 2015 pelo pastor David Riker. Já em 2016, o pastor Herbert Amorim os adotou e ambos detêm o maior número deles, quando comparados com os outros ministérios e líderes, que ainda estão engatinhando no domínio da técnica.

Finalmente, no Gráfico 12, pode-se observar a evolução do número de publicações dos perfis de Andréa Vargas, Willy Torresin, Denise Andrade e Márcia

Elisa do Vale, que se mantiveram quase inalterados; no perfil da pastora Miriam Fróes houve um decréscimo do número de publicações, enquanto Herbert Amorim e David Riker tiveram um aumento expressivo do número de publicações do *feed*.



Diante da variedade de ferramentas disponibilizadas pelo *Instagram* para a aquisição de público e a promoção de conteúdos, fica evidente que quanto maior o domínio delas, maior a visibilidade e mais eficaz será a conquista e a ampliação do número de fiéis seguidores, aumentando o impacto do tema da homossexualidade sobre a opinião pública. Do conjunto de ministérios e coordenadores, aqueles que combinaram imagens, texto, *lives*, *reels* e vídeos, obtiveram maior público.

No entanto, embora 2/3 dos ministérios e líderes ministeriais da *Exodus Brasil* esteja representado por páginas, perfis e canais nas redes digitais, observamos que boa parte deles é pouco presente e pouco atuante. De modo que, se considerarmos o ativismo digital como sendo uma “noção do lugar das mídias na conquista de espaço e de visibilidade no espaço público” e o “domínio das técnicas e métodos de alcance das mídias sociais” (CUNHA, 2019) ou mesmo a produção de um conteúdo criativo, atrativo e frequente sobre sexualidade e o aumento progressivo de

visibilidade e seguidores, a netnografia e o monitoramento das redes digitais sugerem que a *Exodus* Brasil tem um baixo ativismo.

Sobressaem-se do conjunto estudado um único ministério, a ONG Avalanche Missões e apenas dois líderes ministeriais, Andrea Vargas e David Riker. Dos três, Riker é o mais engajado e o que mais interage com o público. Com um alcance bem menor, estão o ministério Luz na Noite e o pastor Herbert Amorim. Imprescindível lembrar que 1/3 do conjunto inicial de doze ministérios não atua nas redes digitais.

Não obstante, há indícios de que existe uma preocupação em conquistar os novos espaços teológicos disponibilizados pelas redes digitais, impulsionada por estruturas e conjunturas sociais e políticas favoráveis. São 36 pontos disponíveis de acesso à rede de especialistas da *Exodus* Brasil pelas redes digitais *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, que diferem pelo alcance e pela atuação de seus criadores.

Além disso, mesmo que a *Exodus* Brasil presente, no conjunto, um baixo ativismo digital, isso não significa que o impacto dos discursos ali proferidos, sobretudo por aqueles que têm maior destaque, possa ser menosprezado. “Discursos não formam um sistema isolado e autônomo, mas se articulam a representações difusas na sociedade brasileira e correspondem, em última instância, a fios no interior de uma densa trama de relações de poder” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 81).

Convém ressaltar que as redes sociais digitais agem também subjetivamente no nível emocional dos usuários e não somente no plano dos discursos e ideias. Elas favorecem, assim, o afeto direto, sem mediação e propiciam uma forma de reação “irrefletida”. Deleuze e Guattari, a partir da teoria dos afetos, constroem a ideia de devir, que implica um encontro entre subjetividades heterogêneas - daí o afeto ocorrer por meio da diferença e não pela semelhança - em que o todo é repetido de outro modo. Esse devir une afetos divergentes, mas que não podem se produzir sem o outro. O devir é um espaço de aprendizagem, uma vez que a diferença é transportada pelo espaço repetitivo assim constituído¹¹². Nesse sentido, os corpos virtuais e “desterritorializados”, tanto afetados quanto afetantes, mergulhados no mesmo oceano informacional, conectam-se instantaneamente, mesmo a centenas de quilômetros de distância.

¹¹² Cf. DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz & Terra, 2018; DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Os mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 2019.

Não é difícil observar, com base no conteúdo discursivo descrito, que estamos lidando com um grupo religioso conservador na moral e nos costumes, cujas investidas contra as pessoas homossexuais nas redes sociais digitais acontecem desde 2007, portanto, há, pelo menos, quinze anos. Um grupo unificado pelas mesmas interpretações conservadoras da Bíblia, autoritário, essencialista, homogeneizante, com traços fundamentalistas¹¹³ e alinhado à extrema-direita política brasileira. Como bem observaram Natividade & Oliveira:

Está se tratando de discursos que, em última instância, dão margem a técnicas de sujeição no meio pastoral, na interação dos fiéis entre si e com a sociedade mais abrangente, mas que também podem ser empregados como armas políticas em disputas na arena pública (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 75).

A netnografia mostrou que dois ministérios, o Redenção Pedro II – RP2 e o Grupo de Amor, Aceitação e Perdão – GAAP e três líderes ministeriais, o pastor Amorim, a pastora Miriam Fróes e o missionário Torresin - os dois últimos se autointitulam “ex-gays” - demonstram intensa simpatia pelo governo de Jair Bolsonaro e pela extinção das políticas públicas identitárias ligadas à diversidade sexual e de gênero. A presidenta da *Exodus* Brasil, Andrea Vargas, não fala sobre o assunto publicamente. Riker é confesso conservador “burkeano”, mas cristão em primeiro lugar. Fala pouquíssimo sobre política, mas é contra políticas identitárias e a esquerda. As páginas das psicólogas Denise Andrade e Márcia Elisa não falam sobre política, enquanto os ministérios que elas coordenam são os únicos que explicitam suas posições sobre o assunto.

Seja como for, inserem-se no conjunto de setores religiosos à direita política ultraconservadora e que, além do mundo dos fiéis, estrategicamente “disputa no plano da norma jurídica os conteúdos da moralidade pública” e que “se comporta como religião pública com pretensão reguladora do mundo secular” (ALMEIDA, 2019, p. 208). São “cristãos bem treinados como missionários e com boa formação

¹¹³ *Fundamentalismo*, neste caso, refere-se ao aspecto antimoderno, beligerante e exclusivista do fundamentalismo protestante estadunidense (aquele gestado durante o século XIX no Seminário de Princeton, concebido no início do século XX com as publicações da “*Bíblia de Estudo Scofield*” e da coletânea “*The Fundamentals: a testimony to the truth*” e que se reafirmou com a obra “*Os Fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*”, editado por M. Couch), isto é, capaz de produzir violência simbólica, de negar o seu próprio tempo e de crer possuir a exclusividade do caminho de salvação, e, por isso, ferindo, excluindo e aniquilando sujeitos mais do que os auxiliando na conexão com a espiritualidade e com o seu tempo.

acadêmica [que ampliaram] sua participação no debate público, ajustando sua visão ética a uma linguagem mais secularizada” (MONTERO, 2012, p.173).

Com a exceção de Andrea Vargas, os líderes ministeriais da *Exodus* Brasil, em maior ou menor intensidade, pessoalmente ou indiretamente por intermédio dos ministérios de ajuda que coordenam, combinam ativismo digital religioso-sexual com “ativismo político não-institucional”, fazendo uso político do sexo nas redes sociais digitais com objetivo claros de obstrução dos direitos LGBTQIA+ e recriando, assim, o “imaginário do inimigo” (CUNHA, 2019) e promovendo “discursos e práticas baseados em valores religiosos que operam por meio de táticas plurais e polimorfos de desqualificação e controle da diversidade sexual” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 81), conferindo ao grupo ministerial da *Exodus* Brasil um caráter claramente homofóbico.

Capítulo 4: As publicações de David Riker no *Instagram*

Nesse capítulo, destacamos as publicações sobre o tema da homossexualidade na rede social digital *Instagram* do pastor batista e vice-presidente da *Exodus* Brasil, David Riker, compreendidas entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022, procurando evidenciar de que modo Riker constrói uma “identidade/modelo homossexual” e como tal identidade renova e reforça discursos homofóbicos. Buscamos também investigar as tensões criadas com as chamadas “igrejas inclusivas”. O pastor Riker quadruplicou o número de seguidores dentro do recorte temporal escolhido, saltando de dezoito mil para mais de cem mil seguidores, conferindo-lhe grande visibilidade, além de participar da diretoria da *Exodus* Brasil como vice-presidente e por trabalhar com sexualidade bíblica há mais de 15 anos.

Atentos às especificidades sociais e históricas descritas anteriormente, o objetivo é responder à questão: *o que é homossexualidade e homofobia em Riker?* Entendemos que suas posturas negativas sobre a orientação homossexual, *grosso modo*, refletem os pensamentos e interesses da *Exodus* Brasil e que, mesmo com algumas particularidades, podem ser reconhecidas nos pronunciamentos dos outros líderes e ministérios.

Para a análise do conteúdo discursivo das publicações de Riker, empregamos um instrumental metodológico multidisciplinar, com base na análise de discurso proposta por Eni Orlandi, na ideia de “masoquismo religioso” sugerida por Peter Berger e nos estudos sobre homofobia religiosa do antropólogo Marcelo Natividade, além do diálogo com as perspectivas sociológicas sobre relacionamento e identidade propostas por Anthony Giddens e históricas, mencionadas anteriormente.

4.1 Uma breve biografia religiosa

O pastor batista David Riker nasceu em lar cristão e na caminhada religiosa sempre se manteve fiel e reto à palavra de Deus. O chamado pastoral veio aos 17 anos, motivado pela leitura do livro “O contrabandista de Deus”, escrito pelo missionário holandês Anne von der Bijl, mais conhecido como “Irmão André”,

fundador da Missão “Portas Abertas”¹¹⁴, uma organização cujo trabalho é denunciar e amparar as perseguições religiosas que atingem as igrejas e pessoas cristãs ao redor do mundo. Perseguição religiosa, nesse caso, significa a perda da garantia dos direitos de liberdade religiosa, a proibição da conversão ao cristianismo por grupos radicais ou pelo governo, a violência, a agressão, o crime ou a tortura por causa da fé. De acordo com a visão da missão, formas e intensidades variadas de perseguições sempre acompanharam a história do cristianismo e, na atualidade, os grupos extremistas muçulmanos são os maiores inimigos dos cristãos. David decidiu, então, ser missionário em um país muçulmano. Mas Deus tinha outros planos para ele.

Líder de louvor, líder dos jovens, David sempre serviu a Igreja. Aos 20 anos, começou a trabalhar com sexualidade, ao se defrontar com sua total ignorância sobre o assunto, assim como a de seus irmãos na Igreja, podendo, desse modo, ajudarem-se mutuamente. É do reconhecimento da própria ignorância, de acordo com o pastor, que nascem muitos ministérios. Em 2006, aos 21 anos, casou-se com Brena Riker¹¹⁵, atualmente graduanda em Psicologia, professora e educadora com foco em família e sexualidade, quando passou a exercer o ministério pastoral de forma integral. Em 2007, o casal fundou o ministério cristão Abba Pai, “um instrumento de Deus para capacitar a igreja de Cristo no que diz respeito ao assunto da homossexualidade”¹¹⁶. Ali, aprendia-se que a homossexualidade é um estado contingencial e que sua prática, em acordo com a Bíblia, seria pecado, devendo, assim, ser evitada por todo aquele(a) que se diz cristã(o).

David estudou arte, educação, filosofia e teologia. Formado pelo Seminário Teológico Batista Nacional da Amazônia em Belém do Pará, é também especialista em sexualidade bíblica e pós-graduado em Sexualidade Humana pela Child Behavior Institute - CBI, que fica nos Estados Unidos. Em suas palavras, foi predestinado a ser “arminiano”, mas escolheu ser “calvinista”. Ele foi ordenado pastor oficialmente em 2009.

Na atualidade, ele é vice-presidente da *Exodus* Brasil e pastor na Igreja Central, sede da Igreja Batista Central, em Belo Horizonte¹¹⁷. Nesta, ele integra a

¹¹⁴ Disponível em: <https://portasabertas.org.br/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/brenariker/>. Acesso em 12 set. 2022.

¹¹⁶ Disponível em: <http://ministerioabbapai.blogspot.com/>. Acesso em 01 nov. 2022.

¹¹⁷ Disponível em: <https://central.online/>. Acesso em 01 nov. 2022.

chamada “Central da Restauração”, uma iniciativa que busca ajudar cristãos no tocante a sua saúde emocional e que disponibiliza alguns de seus cursos na plataforma digital da Igreja. Entre eles, estão os vídeos “Senhor dos afetos”, sobre o que são os afetos, qual sua origem e como submetê-los a Cristo e “Seja Completo”, sobre como superar compulsividades e codependências. Há também no *site* um convite para uma “night out”, sobre um encontro de David com jovens solteiros acima de 25 anos em uma pizzaria. A esposa Brena contribuiu com a plataforma digital da Igreja Central com o seminário “Como e quando falar sobre sexualidade com a criança” e com a campanha Maio Laranja, contra a exploração e o abuso sexuais das crianças brasileiras.

Riker investe também na “Transição” de um modelo tradicional de Igreja para um tipo celular. De acordo com a Central, “célula é um lugar onde as pessoas se conectam para buscar a Deus, gerar relacionamentos saudáveis e viver igreja”¹¹⁸. São pequenos grupos, formados de acordo com um perfil – crianças, adolescentes, universitários e jovens e adultos – que se reúnem em residências ou espaços de sociabilidade para abordar e refletir sobre um tema bíblico, para orar, louvar, descontraír e comungar com um lanche. De acordo com Natividade (2013, p. 126), célula é “o estado embrionário da formação de uma congregação cristã”, uma estratégia para a criação e expansão de uma denominação, cujo desenvolvimento pode levar ao *status* de missão e até de reconhecimento formal de vínculo à denominação de origem.

Além da presença na congregação, do gosto pela leitura e pela escrita, vimos que Riker se ocupa diariamente das redes sociais digitais, especialmente do *Instagram*, rede na qual obteve um significativo e recente crescimento. Selecionamos as publicações ligadas ao tema da homossexualidade do último semestre de 2021 e do primeiro semestre de 2022, por meio das quais buscamos evidenciar de que modo, atentos às especificidades sociais e históricas, ele cria uma “identidade homossexual” e como tal identidade contribui para a formação de discursos homofóbicos, isto é, responder à questão: *o que é homossexualidade e homofobia em Riker?* Entendemos que suas posturas negativas sobre a orientação homossexual, *grosso modo*, refletem os pensamentos e interesses da *Exodus Brasil*

¹¹⁸ Disponível em: <https://central.online/celulas/>. Acesso em 20 out. 2022.

e que, mesmo com algumas particularidades, podem ser reconhecidas nos pronunciamentos dos outros líderes e ministérios.

Para a análise do conteúdo discursivo das publicações de Riker, empregamos um instrumental metodológico multidisciplinar, com base nas ideias da linguista Eni Orlandi, na ideia de “masoquismo religioso” sugerida por Peter Berger e nos estudos sobre homofobia religiosa do antropólogo Marcelo Natividade, além do diálogo com as perspectivas socioantropológicas e históricas já citadas anteriormente.

4.2 “Por uma sexualidade bíblica!”

Graficamente, quando contemplamos o espetáculo de teólogos elaborando, às vezes com surpreendente frieza, as fórmulas destinadas a explicar o sofrimento dos homens, não devemos esquecer pelo menos a presença possível, por trás da máscara tranquila do teórico, do adorador que rasteja voluptuosamente no pó perante o Deus que castiga e destrói com soberana majestade (BERGER, P., 2021, p. 85).

O pastor David Riker acredita que “o maior e o mais atual inimigo da sexualidade bíblica não é o conteúdo do mundo, é a falta de conteúdo da Igreja.”¹¹⁹. De fato, na atualidade, diante da gramática dos Direitos Humanos, dos movimentos sociais, da cidadanização das pessoas LGBTQIA+ no plano jurídico-estatal¹²⁰, das posturas médico-psicológicas que despatologizaram a homossexualidade, das teorias filosóficas, políticas e sociais que desnaturalizaram a heteronormatividade, dos protestantismos inclusivos (mas não restritos a eles) e da exposição pública de afetividade e intimidade entre pessoas do mesmo sexo, cristãos evangélicos, homossexuais ou não, líderes ou fiéis, procuram direções e respostas para os conflitos ligados à identidade, relacionamentos e sexualidade nas agitadas e “tentadoras” sociedades modernas, reflexivas e pluralistas.

¹¹⁹ RIKER, David. **O maior e mais atual inimigo da sexualidade bíblica não é o conteúdo do mundo é a falta de conteúdo na Igreja**. Belo Horizonte, 26 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTCLWCfLmZh/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹²⁰ Especialmente o direito à felicidade, à autodeterminação do próprio gênero e orientação sexual, o reconhecimento da união homoafetiva como instituto jurídico e entidade familiar e a criminalização da homotransfobia como forma contemporânea de racismo. Cf. Supremo Tribunal Federal. *Diversidade*: Jurisprudência do STF e Bibliografia Temática - Brasília: STF, Secretaria de Documentação, 2020.188 p.

Diferentemente das igrejas “legalistas”, que são excludentes, intolerantes e feridoras em suas posições a respeito da homossexualidade e das igrejas da “graça barata”, do “liberou geral” (referindo-se às igrejas inclusivas¹²¹), em que Jesus é “parça” de todos e tudo é permitido, a Igreja concebida por Riker está entre as “ofensas” da primeira e a “covardia”¹²² da segunda, isto é, o acolhimento aos homossexuais deve ser um dever do “crente”, mas sem haver permissividade com aquilo que, em sua opinião, a Bíblia condena, isto é: a prática e o estilo de vida homossexuais. Para o pastor, em vez de mais “inclusiva”, a Igreja tem que ser mais “bíblica”¹²³. E “Deus o livre” de um ministério exclusivo para LGBTQIA+, pois ele é segregador¹²⁴. Aliás, ele tem “alergia” ao pronome neutro¹²⁵ e o feminismo nada mais é do que um rótulo¹²⁶. A pregação na Igreja sobre homossexualidade, na visão de Riker, tem “muita opinião, ideologia, clichês e palavras evasivas”, mas pouca “sabedoria bíblica”, além de focar mais no comportamento do que nas emoções¹²⁷.

Mas mesmo quando alega que “o cristão está neste mundo, mas não pertence a este mundo”¹²⁸, repleto de impermanências e tentações, as “tentações” ligadas às questões atuais sobre gênero e sexualidade têm sido bastante desafiadoras e instigantes para líderes religiosos e fiéis que buscam a carreira e a salvação espirituais. O trabalho de Riker, assim como da *Exodus* Brasil, é, assim, levar “esperança e alívio emocional” para os “cristãos em conflito”, “desanimados,

¹²¹ O que caracteriza um igreja como “inclusiva” é permitir abertamente o exercício de cargos, atividades de liderança espiritual e cuidado pastoral por pessoas LGBTQIA+.

¹²² RIKER, David. **Já viu por aí?**. Belo Horizonte, 19 fev. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaJN-sAIZ5U/>. Acesso em: 01 out. 2022. “Essa Igreja, ela é bonitinha, ela é convidativa mas, no fundo, ela é covarde, porque não tem coragem de dizer a verdade nem quando dita em amor, porque ela não quer dizer a verdade, a covardia é grande”.

¹²³ RIKER, David. **Sua Igreja não precisa ser mais “inclusiva”**. Belo Horizonte, 08 set. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTkAE_8rYsm/. Acesso em: 01 out. 2022.

¹²⁴RIKER, David. **Na sua opinião, igrejas devem ter um ministério de atenção exclusiva LGBT [...] Stories**. Belo Horizonte, 30 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 30 ago. 2021. Conforme descrito no Anexo B.

¹²⁵ RIKER, David. **Usar pronome neutro? Stories**. Belo Horizonte, 20 nov. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 20 nov. 2021. Conforme descrito no Anexo C.

¹²⁶ RIKER, David. **É errado ser feminista? Stories**. Belo Horizonte, 28 dez. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 28 dez. 2021. Conforme descrito no Anexo D.

¹²⁷ RIKER, David. **A homossexualidade e a pregação na Igreja**. Belo Horizonte, 04 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYUE_zsJ494/. Acesso em: 01 out. 2022.

¹²⁸ RIKER, David. **O que marca o cristianismo no mundo é ser diferente do mundo**. Belo Horizonte, 20 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSy_PMuLpLw/. Acesso em: 01 out. 2022.

desalentados, deprimidos”¹²⁹ e vulneráveis em razão de suas atrações homossexuais, capacitando-os a entender e a responder tais dilemas por meio de uma interpretação literal dos textos bíblicos.

“Precisamos voltar ao Evangelho!,” escreveu Riker em seu *Instagram*, em janeiro de 2022, pois a vontade de Deus está na Bíblia e fazer a vontade de Deus é um compromisso de todo cristão. Para ele, a Bíblia não fala de identidade ou sexualidade, mas fala de práticas sexuais, separando-as em boas ou más, embora ninguém seja obrigado a viver aquilo que ela ensina. Natividade (2006; 2009) observou que a “verdade da Bíblia” era uma característica comum entre os diferentes discursos evangélicos conservadores sobre a diversidade sexual. Imprescindível recordar que Machado & Piccolo (2010) alertam para o fato de que não há homogeneidade entre os evangélicos nas formas de interpretar a Bíblia na área da sexualidade e das políticas de contracepção. As representações sobre o corpo e a sexualidade, nesse sentido, ganham contornos diferentes de acordo com as distintas doutrinas.

Mesmo entre aqueles que adotam o estilo bíblico de vida, segundo o pastor, as diferenças doutrinárias são imensas. Muitos se dizem cristãos, mas, para ser um “cristão bíblico”, é preciso “enxergar as coisas como a Bíblia enxerga”. Intencionalmente, Riker cria, assim, uma divisão e uma demarcação entre “cristãos bíblicos” e “cristãos não bíblicos”, fiéis e infiéis, entre aqueles que seguem ou não os planos “verdadeiros” de Deus para a sexualidade humana, visão esta reforçada pela publicação de um trecho do livro da escritora, pastora, poetiza, cantora de hip-hop norte-americana e “ex-gay”, Jackie Hill Perry, “Garota gay, Bom Deus”, que diz: “a diferença entre a comunidade gay e a comunidade cristã não estava na capacidade, no intelecto, no conforto, no humor ou na beleza: a diferença era que, em uma, Deus habitava e, na outra, não”¹³⁰. Em outra publicação Riker afirmou: “Lá na Igreja pró-gay se prega outro evangelho”¹³¹.

¹²⁹ RIKER, David. **Cristãos e as atrações homossexuais e bissexuais**. Belo Horizonte, 06 jan. 2022. *Instagram*: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYZyBp6phrj/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹³⁰ RIKER, David. **A ideia de comunidade é algo precioso, porém o mais importante é que (sic) habita em meio à comunidade. Stories**. Belo Horizonte, 01 set. 2021. *Instagram*: @david_riker. Acesso em: 01 set. 2021. Conforme descrito no Anexo E. Além da leitura de Jackie Hill Perry, Riker também recomenda os seguintes livros: *A cosmovisão sexual cristã: a ordem de Deus na era do caos sexual*, do teólogo e ministro cristão Andrew Sandlin; *Mere Sexuality: rediscovering the Christian vision of sexuality*, do pastor Todd Wilson; *O Deus do Sexo: como a espiritualidade define sua*

A partir da desqualificação de interpretações bíblicas diferentes das suas, Riker acaba por hierarquizar as liberdades religiosas e reforçar as diferenças (PIERUCCI, 1990; 1996) entre as pessoas cristãs, entre estas e as pessoas não cristãs, entre *gays* e cristãos, características essas que, como destacamos no segundo capítulo, dão intenso tom conservador aos discursos, muitas vezes carregado de discriminação, ao atribuir tratamento diferenciado a membros de grupos [religiosamente] identificados, e preconceito, ao estereotipar determinados segmentos religiosos.

Além disso, é um tipo de discurso que participa e encoraja uma “hermenêutica da intolerância”, como a que se assiste atualmente no Congresso Nacional brasileiro, com a “aprovação simbólica” pela Câmara dos Deputados, em 23 de novembro de 2022, do projeto de lei 4606/19, proposto pela bancada evangélica, “que veda qualquer alteração, edição ou adição aos textos da Bíblia, composta pelo antigo e pelo novo testamento em seus capítulos ou versículos, sendo garantida a pregação do seu conteúdo em todo o território nacional”¹³². Um projeto que fere, claramente, outras formas de liberdade e expressão religiosas, tanto cristãs como não-cristãs.

Do ponto de vista de Riker, “todas as sexualidades são resultado de processos intrincados que envolvem o corpo com o qual nascemos, o sujeito psíquico que reage ao mundo de uma forma particular e as relações sociais que travamos desde o ventre”¹³³. Entretanto, as sexualidades, em toda sua complexidade e no plural, são diferentes e inferiores à Sexualidade, com S maiúsculo ou, dito de outra forma, à chamada “Sexualidade bíblica”.

sexualidade, de Peter Jones; *Com toda pureza: livres da pornografia e da masturbação*, de Tim Chester; *O dilema gay: e o alcance pela igreja daqueles que sofrem*, de John Freeman; *O que a Bíblia ensina sobre a homossexualidade?*, do teólogo e pastor Kevin Deyoung; *Deus é contra os homossexuais?*, de Sam Allberry; *Pensamentos secretos de uma convertida improvável e União com Cristo e identidade sexual*, da escritora e ex-gay Rosaria Champagne Butterfield; *Gender, quem és tu? Sobre a ideologia de gênero*, do sacerdote católico Olivier Bonnewijn.

¹³¹ RIKER, David. **Fale sobre o batismo de Thammy e sua companheira. Muito polêmico! Stories**. Belo Horizonte, 09 nov. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 09 nov. 2021. Conforme descrito no Anexo F.

¹³² Agência Câmara de Notícias. **Câmara aprova projeto que proíbe alteração ou edição de textos da Bíblia**. Brasília, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/921859-CAMARA-APROVA-PROJETO-QUE-PROIBE-ALTERACAO-OU-EDICAO-DE-TEXTOS-DA-BIBLIA>. Acesso em: 30 dez. 2022.

¹³³ RIKER, David. **A pessoa nasce homossexual ou se torna?** Belo Horizonte, 06 mar. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cax0RV4u9UN/>. Acesso em: 01 out. 2022.

Sexualidade é uma dimensão humana criada por Deus e que deve ser administrada por nós, visando a glória de Deus. Sexualidade bíblica é sobre afeto, prazer, desejo e vida. Tudo isso criado, caído e possivelmente redimido em Cristo. Portanto, sexualidade não tem a ver apenas com a sua genitália. Na verdade, fala sobre os amores do seu coração.¹³⁴

A “sexualidade bíblica”, como descrita acima, envolve formas particulares, disciplinares e regulatórias dos corpos, dos afetos e dos prazeres. Tal doutrina sexual afirma que o “crente” deve ser responsável pela sua vida sexual, a qual deve estar em acordo com os planos de Deus, o qual criou e abençoou unicamente o encontro sexual entre um homem e uma mulher dentro do casamento. O resto é pecado. De acordo com Riker, a Bíblia, do livro do Gênesis até o livro do Apocalipse, passando pelas palavras de Cristo e do apóstolo Paulo, “consagra e oficializa a união no matrimônio entre um homem e uma mulher”, a reunião dos “diferentes e complementares” que se torna “uma só carne”¹³⁵.

Além do mais, sexo antes do casamento não é recomendado. Sexo sem compromisso também não. E muito menos ter relações sexuais entre cristãos e não-cristãos. Como o namoro deve visar o casamento, “irmão” deve somente namorar “irmã”, e vice-versa. A lógica bíblica de Riker prega que os encontros casuais e os relacionamentos sem compromisso, aqueles que visam obter prazer pessoal e objetificado do corpo de alguém, não ensinam a amar a pessoa. Há aqui uma forte associação entre sexualidade e amor, um vínculo que se daria, então, pelo casamento. O corpo do homem ou da mulher, além de pertencerem a Deus, de acordo com o teólogo, só passariam a pertencer ao outro por meio do casamento e do compromisso. O restante, para Riker, seria prostituição e imoralidade. A ideia exposta por Giddens (1993), por exemplo, de que, de modo geral, os adolescentes de hoje vinculam amor e sexualidade em um “relacionamento” e falam menos em “casamento”, deve ser bastante alarmante e desafiadora para o pastor.

¹³⁴ RIKER, David. **Sexualidade bíblica não é sobre uma lista de regras a respeito do ato sexual.** Belo Horizonte, 14 set. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT0eI0DtJKP/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹³⁵ RIKER, David. **Relação homossexual amorosa, fiel e com compromisso é uma relação biblicamente aceitável?** Belo Horizonte, 02 mai. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdEPpskNmWO/>. Acesso em: 01 out. 2022.

Para conquistar uma “sexualidade bíblica”, Riker prescreve, assim como um médico em seu receituário, 11 condições emprestadas dos textos bíblicos, a seguir¹³⁶:

- a) um “novo nascimento”, como o descrito no Evangelho segundo João, na passagem sobre o encontro de Jesus com um fariseu e judeu chamado Nicodemos: “em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3:3);
- b) a “santificação”, como recomendada na Primeira Epístola de Pedro, na seção “Requisitos da vida nova. Santidade do neófito”: “Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento” (1 Pd 1:15);
- c) o “arrependimento”, como dito no Evangelho Segundo Marcos, em “A preparação do ministério de Jesus”: “cumpru-se o tempo e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15);
- d) uma “vida em comunidade”, como sugerido na passagem “Humildade e caridade na comunidade” da Epístola aos Romanos: “pois assim como num só corpo temos muito membros, e os membros não têm todos a mesma função” (Rm 12:4);
- e) “aprender a pensar biblicamente sobre identidade, atração e prática sexual”, como também indicado pela Epístola aos Romanos, “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12:2);
- f) “guardar a palavra no coração”, como em Salmos 119:11, “conservei tuas promessas no meu coração para não pecar contra ti”;
- g) “sujeitar-se a Deus e resistir ao diabo”, no sentido da passagem “contra as discórdias” da Epístola de Tiago 4:7, “sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo e ele fugirá de vós”;
- h) “fugir da imoralidade”, como na Primeira Epístola aos Coríntios 6:18: “Fugi da fornicção. Todo outro pecado que o homem cometa, é exterior ao seu corpo; aquele, porém, que se entrega a fornicção, peca contra o próprio corpo”;

¹³⁶ Todas as citações bíblicas desta pesquisa foram transcritas da segunda impressão da Bíblia de Jerusalém, de 2003.

- i) “reordenar os amores do seu coração” e “aprender com os próprios erros e com os erros dos outros”, como prescreve o Evangelho segundo Lucas 10:27, “Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”;
- j) “orar sem cessar”, de acordo com a Primeira epístola aos Tessalonicenses, no capítulo “A vigilância aguardando a vinda do Senhor”, “orai sem cessar” (1 Ts 5:17).

Exceto os Salmos, todas as passagens bíblicas descritas para alcançar uma “sexualidade bíblica” estão no Novo Testamento, já que o objetivo é parir “um novo homem redimido sexualmente em Cristo”. Ao mesmo tempo, o Antigo Testamento tem um papel essencial na construção da “sexualidade bíblica”.

Ao estudar sexualidade, falamos muito sobre a criação e a queda. Toda teologia do corpo e a compreensão do papel dos afetos e das relações dependem de um bom entendimento do primeiro livro da Bíblia. A doutrina da criação é central para a fé cristã. Historicamente falando, os evangélicos tem tido dificuldade para levar a doutrina da criação a sério. [...] Gênesis 1-2 é de natureza histórica. Rico em arte literária e teológico. Esses capítulos devem ser lidos com a intenção de discernir o que Deus diz através do que o autor humano diz. [...] Adão e Eva eram pessoas reais em um passado real. E a Queda foi um evento real, com consequências reais e devastadoras para toda a humanidade.¹³⁷

Os mitos bíblicos das origens, da criação e da queda, como destacamos no segundo capítulo, são inseparáveis da produção discursiva evangélica sobre as noções de gênero e de sexualidade, sobretudo por destacar passagens que envolvem profundamente a fé cristã. Para David, em vez de míticos, os personagens e eventos descritos no livro do Gênesis do Antigo Testamento são históricos, frutos de um tempo e espaço reais e que descrevem o papel e o lugar da humanidade nos planos de Deus para a sexualidade. Nesse sentido, também transcendem a própria história. Concordamos aqui com as ideias do historiador Hilário Franco Jr., para

¹³⁷ RIKER, David. **5 teses sobre criação e evolução que evangélicos podem apoiar**. Belo Horizonte, 27 out. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVjFyYlrMqY/>. Acesso em: 01 out. 2022.

quem o mito é “tradição por excelência” e o elemento cultural mais próximo da mentalidade e da sensibilidade coletiva, quando ele escreve que,

Apesar de o texto bíblico negar de forma explícita seus componentes míticos, opondo-os à verdade da fé, a presença deles ali é patente. E comprovada pelo contínuo desempenho exegetico dos eclesiásticos na sua tentativa de desmitologizar as Santas Escrituras (FRANCO JR., 1996, p. 56).

Para esse historiador, os mitos procuram responder a uma inquietação sociopsicológica. O mito é um discurso com emissor, destinatário, uma realidade e sua interpretação, revelando, assim, sua função social (CROATTO, 2010).

Na própria *Introdução ao Pentateuco*, os exegetas e críticos literários da Bíblia de Jerusalém apontam que o período mitológico - que "deve ser considerado à parte" - concentra-se exclusivamente no Gênesis, nos onze primeiros versículos que narram desde os sete dias da criação até a torre de Babel. É chamado de “história primitiva”, uma forma literária, “não no sentido de história fabulosa, ou legendária”, mas uma antiga tradição popular repleta de imagens e símbolos com desígnios didáticos.

Partindo de uma visão do mito enquanto tradição popular com diferentes funções, sejam elas sociais, pedagógicas ou psicológicas, entendemos, com base em Caldeira (2011), que “o tradicionalismo é uma tendência humana, um ‘conservadorismo natural’ de todos os homens, já que todos eles visam conservar, o mínimo que seja, seu mundo de significados” ou “uma atitude psicológica geral que se expressa em diferentes indivíduos como uma tendência a agarrarem-se ao passado e como um medo de inovações”. Já o “conservantismo” ou “conservadorismo” seria um “tradicionalismo tornado consciente” ou “um movimento consciente e reflexivo desde o início, surgindo como oposição a um movimento progressista sistemático e coerente, dotado de organização”¹³⁸.

No caso de Riker, parece existir um impulso natural para conservar os valores cristãos adquiridos desde o berço e cultivados durante toda uma vida de dedicação à igreja e à família, reforçado por uma suposta perseguição e falta de liberdade religiosas que sempre acompanharam a história do cristianismo. Entretanto, ao

¹³⁸ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira>. Acesso em: 16 nov. 2022.

mesmo tempo em que se revestem de um caráter tradicional, os mitos por ele empregados nos discursos – assim como as citações bíblicas tomadas intencionalmente para definir sexualidade - também servem como um dispositivo ideológico foucaultiano, como foi evidenciado por Maranhão Filho (2018; 2021) e mencionado no segundo capítulo, que provoca assimetrias e mistificações discursivas e que é ativado por quem “interpreta a vontade divina”, com o objetivo de fortalecer uma agenda dominante, conservadora e heteronormativa, além do próprio emissor do discurso¹³⁹.

Ao se referir à homossexualidade, Riker afirma que a prática homossexual jamais poderá reunir os “diferentes e complementares” e nem se tornar “uma só carne”. Não existem, desse modo, amor ou virtudes em uma união homoafetiva. Aliás, ele não iria a um “casamento homoafetivo”, pois seria “um limite que não podemos ultrapassar”, uma vez que “os participantes acabam servindo como testemunhas dessa união”¹⁴⁰ que não existe na Bíblia. Portanto, enquanto o “casamento” significa aprovação divina e, assim, possibilidade de vida, felicidade e eternidade, a “união”, em oposição, seria maldita, reprovada e morta espiritualmente e, por isso, um tipo imoral de prática sexual e do uso dos corpos. Um postura que Riker reforça utilizando uma passagem da Primeira Epístola aos Coríntios sobre a “fornicação”, quando o apóstolo Paulo diz,

Fugi da fornicção. Todo outro pecado que o homem cometa, é exterior ao seu corpo; aquele, porém, que se entrega a fornicção, peca contra o próprio corpo! Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?... e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos? Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; glorificai, portanto a Deus em vosso corpo (1 Co 6:18-20).

Resumidamente, “o corpo não é para fornicção”, mas é “para o Senhor” (1 Co 6:13). Conforme analisado anteriormente por Vainfas (2011), no Estado colonial português na América, a defesa da fornicção configurava um grave “erro moral”,

¹³⁹ Além do aspecto foucaultiano de “dispositivo”, o tipo de linguagem religiosa aqui construída carrega características peculiares, como aquelas apontadas por Eni Orlandi e definidas na metodologia desta pesquisa (ZANOTTO, 2018), como a apropriação da voz de Deus e o estabelecimento de relações assimétricas de poder.

¹⁴⁰ RIKER, David. **Cristão pode ir a um casamento homo? Ao ir não estaríamos concordando? Stories**. Belo Horizonte, 31 out. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 31 out. 2021. Conforme descrito no Anexo G.

passível de crime e processos. Riker, nesse sentido, recupera a retórica católica da época da colonização, aquela da fornicação como pecado e heresia, o que revela certas afinidades e aproximações colaborativas entre evangélicos e católicos conservadores.

Além do mais, Riker busca criar “corpos santificados”, templos sagrados do corpo. Sinônimo de pecado, a prática homossexual violaria e macularia os próprios corpos, uma vez que “pertencem” a Deus. Ela seria nada mais que libertinagem, puro “pecado da carne”. Além dessa passagem, Riker se apropria de outras passagens bíblicas das epístolas escritas pelo apóstolo Paulo para desqualificar a homossexualidade, associando-a à impureza, à maldade, à idolatria e à luxúria, como as seguintes:

- a) nas “Soluções para problemas diversos” relacionados ao casamento e à virgindade, dentro da Primeira Epístola aos Coríntios, 7:4, quando afirma o que “a mulher não dispõe do seu corpo; mas é o marido quem dispõe; do mesmo modo, o marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe”;
- b) nas “Exortações éticas” da Epístola aos Gálatas, 5:19, em que são evidenciados os “pecados da carne”, assim descritos: “Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem”;
- c) na Epístola aos Colossenses, 3:5, que diz, “mortificai, pois, vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, desejos maus, e a cupidez, que é idolatria.”;
- d) na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 4:3, na seção “Recomendações: santidade de vida e amor”, que dizem, “porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos aparteis da luxúria”.

Em uma de suas obras, Peter Berger escreveu que “a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado” (BERGER, 2021, p. 45), uma ordem total, cujo antônimo, em um nível mais profundo, é o caos. Nessa linha, a “sexualidade bíblica” e seus onze mandamentos representariam a ordem divina e “natural”, ao passo que a prática homossexual representaria, com base nas passagens paulinas acima citadas, o anômalo, o desordenado. Impõem-se, assim, uma verdadeira batalha espiritual para a pessoa cristã, na forma de uma luta de oposições entre os ideais da “sexualidade bíblica”, representantes da vontade divina e as condenáveis “práticas sexuais não-bíblicas”. Luta essa também

observada por Natividade (2006; 2009) em alguns discursos evangélicos conservadores e que envolvem dualidades do tipo:

Salvação-inferno, pureza-impureza, vida-morte, casamento-solidão, proteção-vulnerabilidade, felicidade-destruição, santificação-pecado [e] a homossexualidade, como prática *antinatural*, está sempre posicionada no pólo negativo, o que corrobora para a formação de uma imagem negativa em torno dela (NATIVIDADE, 2006, p. 121).

A interpretação bíblica de Riker sobre a origem teológica da homossexualidade é a Queda, isto é, “o resultado da atitude rebelde que buscou a independência de Deus”¹⁴¹. A homossexualidade não seria uma maldição hereditária, uma obra do demônio, da “pomba-gira” ou uma doença (nesse sentido, não existiria a chamada “cura gay”), mas sinônimo de pecado, que, se adotada pelo cristão, significaria sua morte espiritual, ou seja, uma vida cercada por falsas identidades e idolatrias. Riker ajudaria as pessoas em conflito a saírem de um estado marcado pela independência de Deus. Dessa forma,

O alvo é conhecer ao Pai por meio de Cristo e aprender a se definir por meio Dele. A sexualidade, inevitavelmente será impactada pelo poder transformador que esse processo possui. O resultado é uma nova identidade, novos amores e um novo horizonte para as relações sexuais. Tudo debaixo do senhorio de Cristo¹⁴².

Como aqui sugerida por Riker, a autorrenúncia ou a renúncia da consciência individual (ou a renúncia da “autoidentidade”, como sugerida por Giddens no primeiro capítulo) e também do próprio corpo, ambos submetidos ao “senhorio de Cristo”, enquanto uma atitude de apagamento do eu e da absolutização do outro, neste caso do Deus bíblico criado pelo pastor, por meio de uma entrega total e devota, seria um tipo de relação entre Deus/líderes religiosos e fiéis que Peter Berger (2021) descreveu como “masoquismo religioso”.

Desse modo, para os cristãos e cristãs que desejam deixar a homossexualidade – entendida como uma força anômica e desordenante da ordem

¹⁴¹ RIKER, David. **Se sinto atração homossexual/bissexual é porque Deus me criou assim. Será?** Belo Horizonte, 20 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY9DTU1OrU5/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁴² RIKER, David. **Você ajuda as pessoas a saírem da homossexualidade? Stories.** Belo Horizonte, 24 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 24 ago. 2021. Conforme descrito no Anexo H e I.

social e espiritual - e se submeterem às leis e aos esforços extra-humanos cobrados pela “sexualidade bíblica” e pelo tipo de teodiceia¹⁴³ criado a partir dela, em estado de vulnerabilidade e abatimento emocional eles não encontram outra saída exceto “transcendentalizar” Deus e o sofrimento, sendo este último encarado de forma voluntária e até cordial. Pela autorrenúncia radical, a pessoa homossexual se submete à “ordem sagrada e natural”, que legitima a sexualidade humana enquanto reflexo da criação divina, em oposição ao “caos”. Muitas vezes essas pessoas são movidas pelo medo e por uma ameaça de separação da sociedade religiosamente organizada.

No entanto, Riker não se restringe ao campo teológico para compor sua “teodiceia da sexualidade” e empresta o conhecimento da Antropologia Social, da Psicologia, da Medicina e do Direito, a fim de acumular e disputar capital religioso.

Assim, a antropologia bíblica, binária, essencialista e heteronormativa, como descrita anteriormente nas passagens bíblicas do Gênesis, na sua visão, é diferente da Antropologia Social com suas variadas possibilidades identitárias. Naquela, há apenas duas identidades fundamentais, isto é, “os filhos que estão em Cristo e os filhos que não estão em Cristo”¹⁴⁴, em acordo com a Primeira Epístola de João, 5:12. Do ponto de vista bíblico, de acordo com o pastor, as atrações sexuais estão no campo da tentação e não são a base da identidade da pessoa. O perigo em usar a orientação sexual para definir a si próprio consiste neste “sentimento ser uma âncora que te estaciona numa identidade bíblicamente falsa”¹⁴⁵.

Nos estudos *queer*, por exemplo, “o sujeito se constrói com identidades performáticas e provisórias, dando mais ênfase de que tudo é pura construção social, na fluidez e na versatilidade sexual”¹⁴⁶. No entanto, a mudança que realmente importa, de acordo com Riker, é a da identidade espiritual. Assiste-se, assim, a um claro e típico enfrentamento entre o essencialismo e o construtivismo social, entre

¹⁴³ De acordo com Berger (2021, p. 79), “uma explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimações religiosas, de qualquer grau de sofisticação teológica que seja, pode chamar-se uma teodiceia”.

¹⁴⁴ RIKER, David. **Como o cristão lida com a homo? Gays no meio secular? Deus ama ou Deus odeia? Stories**. Belo Horizonte, 20 nov. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 20 nov. 2021. Conforme descrito no Anexo J.

¹⁴⁵ RIKER, David. **Qual é o perigo em usar a orientação/atração sexual para definir a si próprio? Stories**. Belo Horizonte, 30 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 30 ago. 2021. Conforme descrito no Anexo K.

¹⁴⁶ RIKER, David. **O que o senhor tem a dizer sobre teorias queer? Stories**. Belo Horizonte, 11 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Acesso em: 11 jan. 2022. Conforme descrito no Anexo L.

“natureza” e “cultura”, entre fixidez e fluidez, característico do debate teórico socioantropológico sobre a sexualidade (HEILBORN & BRANDÃO, 1993), como foi destacado no primeiro capítulo.

Do mesmo modo, “a Psicologia não é o Evangelho e não tem semelhança com o Evangelho. É uma ciência, ela tem uma metodologia específica, ela parte de premissas e tem objetivos diferentes do Evangelho”¹⁴⁷. Embora aquela possa contribuir para a saúde afetiva e emocional dos crentes ao dispor de teorias e práticas que atraem o interesse de pastores(as) e missionários(as) que trabalham especialmente com compulsões, vícios e dependências sexuais e afetivas, as terapias psicológicas não funcionariam na remissão dos pecados, isto é, não possuiriam eficácia espiritual.

Em embate com a Antropologia e a Psicologia científicas, “os atores [religiosos] não apenas transitam, conectam e sobrepõem habilidades e repertórios referentes a distintos campos, como também redesenham e negociam continuamente suas fronteiras” (MONTERO, 2016, p. 141). Tal borramento alcança também o campo da Medicina. Alertas sobre a masturbação, uma vez que “o que passa na mente durante a masturbação geralmente é a cobiça”¹⁴⁸; sobre o sexo anal, que o próprio pastor diz não fazer e não recomendar, uma vez que “o ânus não possui lubrificação ou higienização naturais, é um órgão excretor com células anatomicamente dispostas para facilitar a saída, não a entrada”¹⁴⁹ sobre a poluição noturna e que isso não tem nada a ver com pecado, estão entre algumas de suas publicações. São reconstruções discursivas condenatórias, sobretudo sobre a masturbação e o sexo anal, assemelhando-se aos discursos católicos do período colonial.

No campo do Direito e da “liberdade religiosa”, Riker defende que, “embora precária”, enquanto existir liberdade é preciso aprender a falar biblicamente sobre a homossexualidade, dentro e fora da Igreja. Assim como o escritor e teólogo norte-americano Robert Gagnon, ele reflete que “a janela de oportunidade para se

¹⁴⁷ RIKER, David. **Você acha que a psicologia tem alguma semelhança com o Evangelho?** Belo Horizonte, 06 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSPCrGxnUn3/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁴⁸ RIKER, David. **Sobre masturbação. Stories.** Belo Horizonte, 19 set. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 19 set. 2021. Conforme descrito no Anexo M.

¹⁴⁹ RIKER, David. **Sexo anal também é pecado se praticado entre homem e mulher? Stories.** Belo Horizonte, 02 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Acesso em: 02 jan. 2022. Conforme descrito no Anexo N.

posicionar [biblicamente] contra o comportamento homossexual está se fechando”¹⁵⁰. Com a criminalização da homofobia no Brasil em 2019, Riker tenta não ofender, mas acredita que possivelmente será denunciado injustamente, pois a liberdade de expressão e de fé está cada vez mais pressionada.

Sobre os ataques que sofre no *Instagram*, associando suas posturas a problemas psiquiátricos, sexuais e emocionais, além de ser acusado de “cúmplice no assassinato de homossexuais”¹⁵¹, ele se defende, como que num “jogo espelhado” de mútuas acusações, afirmando que “a intolerância e o preconceito podem estar também naqueles que dizem que são contra as intolerâncias e os preconceitos religiosos” e “que há sim discordâncias críticas, há discordâncias respeitadas e você vai ter que aceitar isso”¹⁵². Embora empregue os termos “crítico e respeitoso” quanto às diferenças, suas posturas sugerem desunião e falta de consenso entre os discordantes.

Mas Riker deixa claro que é dever de todo cristão acolher as pessoas homossexuais que, voluntariamente, buscam ajuda: “a igreja precisa acolher as pessoas do mesmo jeito, independente do tipo de atração sexual que ela tenha, a porta da Igreja está aberta a todos para que todos recebam o Evangelho”. Isso não significa que a Igreja é permissiva com o “pecado homossexual”. Depois de acolhidos, irmãos e irmãs cristãos homossexuais, que supostamente estão cientes do seu “pecado” e desejam se livrar deste “conflito”, passam pela pregação e o ensino das Escrituras aplicadas à sexualidade, quando aprendem a “responder as questões, se interessar por elas; o centro não é a heterossexualidade, o centro é Cristo crucificado”¹⁵³.

Da teoria à prática, à pregação e ao ensino das Escrituras se une o aconselhamento bíblico cristão, “no qual a pessoa deve ser respeitada, ouvida e

¹⁵⁰ RIKER, David. **Janela fechando. Concorda?**. Belo Horizonte, 13 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CShdYRUFLwk/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵¹ RIKER, David. **Em geral, o primeiro argumento da Teologia pró-gay é: “se você disser que, segundo a Bíblia, a homossexualidade é pecado, então você é cúmplice do assassinato de homossexuais**. Belo Horizonte, 06 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYZFkU3uv38/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵² RIKER, David. **Os ataques que sofro no Instagram**. Belo Horizonte, 13 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYrT7TZJsf/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵³ RIKER, David. **No que a Igreja precisa focar para lidar com pessoas que se dizem LGBTQIA+?**. Belo Horizonte, 17 mar. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbNldvZPyKc/>. Acesso em: 01 out. 2022.

conduzida à reflexão de como aplicar o Evangelho na prática na sua vida”¹⁵⁴. Por último, o discipulado (enquanto “missão universal”, como sugerido nas últimas palavras do Evangelho de Mateus) que é “multiétnico; comunitário, uma vez que a pessoa precisa de uma comunidade para pertencer, para crer e se transformar, morrer para o mundo e viver para Deus; e a imitação de Cristo, pelo que Jesus fez e não pelo que ele faria”¹⁵⁵. Eis a *via crucis* para a conversão, um processo que envolve receber acolhimento, pregação, aconselhamento e discipulado. Seria possível, dessa forma, converter-se sem toda a rede de proteção e de patrulhamento criada pela Igreja?

Cabe ressaltar ainda que, de acordo com a experiência do pastor Riker, a conversão não significa o desaparecimento das atrações homossexuais e o surgimento da atração heterossexual, porque “muitas pessoas continuam com atração homossexual e ampliam seus horizontes abrindo-se para novas possibilidades relacionais, sem ver o fim de todas as atrações antigas”¹⁵⁶. Em outras palavras, “mesmo convivendo com atrações sexuais que podem levar ao pecado e com eventuais recaídas, [o convertido] decide viver em arrependimento e submissão a Cristo”¹⁵⁷ e “abandonar a maneira mundana de se definir e de estabelecer o certo e o errado [e isso] o mundo odeia”¹⁵⁸. Um(a) “ex-gay”, dessa forma, assemelha-se aos super-heróis, pois precisam ser capazes de suportar altas doses de renúncia, mudança e sofrimento.

Natividade & Oliveira (2009), ao investigarem a lógica interna de alguns discursos evangélicos homofóbicos, observaram a existência de uma associação entre “acolhimento e combate” à homossexualidade, quando os “acolhidos” passam a ouvir discursos negativos e desqualificantes, sendo associados a indivíduos

¹⁵⁴ RIKER, David. **No que a Igreja precisa focar para lidar com pessoas que se dizem LGBTQIA+?**. Belo Horizonte, 17 mar. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbNldvZPyKc/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵⁵ RIKER, David. **Como discipular na área da sexualidade: uma aplicação de Mt 28.19-20**. Belo Horizonte, 17 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY14H15OGfd/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵⁶ RIKER, David. **A atração sexual hétero pode mudar? Stories**. Belo Horizonte, 23 dez. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 23 dez. 2021. Conforme descrito no Anexo O.

¹⁵⁷ RIKER, David. **A sexualidade e os falsos medidores de conversão**. Belo Horizonte, 19 jan. 2022. Instagram: @david_riker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY6bZETOTey/>. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁵⁸ RIKER, David. **O mundo nunca entenderá que a Bíblia não interpreta a prática homossexual [...] Stories**. Belo Horizonte, 27 out. 2021. Instagram: @david_riker. Acesso em: 27 out. 2021. Conforme descrito no Anexo P.

perigosos, que devem temer a diversidade sexual e os avanços sociais e políticos da comunidade LGBTQIA+ e aceitar a heterossexualidade “natural” e compulsória.

No caso de Riker, o tipo de cuidado pastoral oferecido às pessoas homossexuais é bastante similar, como pudemos observar. Em seus discursos verificou-se que sob os rótulos do “pecado” ou de que “o desejo não te define” ou que “a atração não é voluntária”, as carreiras homossexual e religiosa tornam-se incompatíveis e irrealizáveis e toda uma rede de amizades, afetos e prazeres é negada.

Mesmo quando busca fugir de estereótipos sobre a masculinidade (ao enfatizar que ter voz fina, não ter jeito para jogar futebol, gostar de poesia e literatura, ter alguns trejeitos ou mesmo ser ousado nas roupas, não fazem do menino um homossexual); embora clame que Deus ama o pecador (mas condena o pecado); ainda que desaprove a morte das pessoas homossexuais (sem, no entanto, aprovar o pecado); apesar de compensar o interdito à prática homossexual com a promessa de púlpitos e ministérios para “ex-gays” (convém lembrar que uma pessoa homossexual praticante na igreja de Riker não obterá cargos eclesiásticos), Riker é firme ao afirmar que não haverá satisfação espiritual para as pessoas que vivem um estilo de vida homossexual, oposto à “sexualidade bíblica”, colocada como moralmente superior.

Nesta pesquisa, partimos da ideia de que há formas variadas de discriminação e de preconceito ligadas à homossexualidade e à diversidade sexual em geral, por parte de alguns líderes religiosos. Dessa forma, as múltiplas homossexualidades vem acompanhadas de diferentes homofobias¹⁵⁹. Riker expressa posturas negativas e homofóbicas tanto na forma de acolher as pessoas

¹⁵⁹ O termo “homofobia” foi cunhado pelo psicólogo clínico George Weinberg em 1972, quando foi descrito como sendo a tentativa de valorização de si (do heterossexual) pela desqualificação da alteridade (da diversidade sexual). Uma forma de “desprezo” por um grupo social particular, que afirma a superioridade moral da heterossexualidade. Sobre “homofobia religiosa”, o Supremo Tribunal Federal a descreve como sendo manifestações de discursos de ódio, “assim entendidas aquelas exteriorizações que incitem a discriminação, a hostilidade ou a violência contra pessoas em razão de sua orientação sexual ou de sua identidade de gênero” (STF, 2021, p. 59). Também adotamos a ideia de “homofobia pastoral”, sugerida por Natividade & Oliveira (2009, p. 208), enquanto “um instrumento de análise que procura dar conta de expressões de *homofobia religiosa* mais circunscritas no nível da interação entre lideranças e fiéis, que eventualmente transparecem em discursos que servem como ‘guias’ ou exemplos normativos para a conduta do fiel e as atividades de cuidado pastoral. A unidade dos discursos provêm dos princípios cosmológicos, argumentos teológicos doutrinários e interpretações conservadoras do texto bíblico”. De acordo com os autores, obstruir os direitos das minorias sexuais também é uma forma de *homofobia religiosa*.

homossexuais para dentro da Igreja, como também na sua visão sobre as políticas públicas voltadas para as minorias sexuais. Para ele, “de acordo com a Bíblia, LGBTQIA+ é muita coisa, porém não é um conjunto de identidades”¹⁶⁰.

Além disso, a imposição de uma “sexualidade bíblica” aos fiéis, enquanto um guia normativo de condutas para se viver uma sexualidade “desejada por Deus”, embasada em passagens do Antigo e do Novo Testamento, carrega tons hostis, contrários e adversos à prática e ao estilo de vida homossexuais. Dito de outra forma, defrontamo-nos aqui com uma forma de violência que, embora não encoraje agressões e confrontos físicos, carrega símbolos e sugestões estigmatizantes e desqualificantes sobre a diversidade sexual, que a legitima.

Uma das limitações da pesquisa foi a investigação do impacto dos discursos de Riker nos seus seguidores. Como observou Elizabeth Drescher, “não é o número de amigos ou seguidores que uma comunidade tem, mas a qualidade de interações que importa” (DRESCHER, 2011, p. 164). Além disso, também importa, segundo a autora, ver o rosto das pessoas, isto é, ir além do conforto do computador em casa e ter um compromisso face a face.

Na interação com os seguidores, Riker tenta ser descontraído e comprometido com sua vocação religiosa. Protagoniza vídeos bem humorados, curte e responde os comentários de uma maioria de mulheres seguidoras, que reagem entusiasticamente às publicações com *emojis* de fogo, coração, mãos levantadas, unidas ou aplaudindo. Geralmente os comentários são de aprovação, estímulo, concordância, com testemunhos pessoais e muitos louvores a Deus. Alguns poucos que discordam de suas posições, às vezes recebem uma negativa do pastor. A maioria dos seguidores está nas regiões sudeste e nordeste.

A observação da *timeline* de Riker referente ao segundo semestre de 2022, mostrou que as publicações sobre o tema da homossexualidade diminuíram drasticamente, passando a focar em temas relacionados ao namoro, casamento, amizade, filhos, pornografia, abuso sexual e a promoção de treinamentos sobre sexualidade, entre outros. Tal guinada de ênfase sugere que, publicamente, a controvérsia da reorientação sexual promovida pela *Exodus* Brasil parece ter perdido força, enquanto seus ex-membros e ministérios afiliados buscam se reinventar e

¹⁶⁰ RIKER, David. **De acordo com a Bíblia, LGBTQIA+ é muita coisa, porém não é um conjunto de identidades**. Belo Horizonte, 19 ago. 2021. Instagram: @david_riker. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSR_He7rLht/. Acesso em: 01 out. 2022.

fugir do rótulo da organização, negativamente associada à possibilidade de traumatizar as pessoas homossexuais.

Nada mais do que um “novo verniz”, a nosso ver, que tenta proteger e dar brilho a uma estrutura desgastada que, por negar o direito básico à escolha individual, nega a si mesma o direito à felicidade.

Considerações finais

Os estudos sobre as homossexualidades na área das Ciências da Religião e Teologia da CAPES, embora venham conquistando mais espaço, ainda são poucos e restritos aos cristianismos, tanto de segmentos católicos como de segmentos evangélicos. A instituição com maior destaque foi a Universidade Metodista de São Paulo, especialmente com a Revista Mandrágora, que apresentou o maior número de publicações e resenhas sobre o tema, dentro do recorte temporal escolhido, entre 2013 e 2021.

Não obstante, a ênfase nas relações entre homossexualidade, política e homofobia demonstrou a atualização do debate na área 44, mesmo que concentrado em PPGs de Ciências da Religião (o número de artigos publicados foi três vezes maior do que aqueles publicados em PPGs de Teologia) e em pesquisadores doutores ou em doutoramento. Nesse sentido, além da indicação de que existe um silenciamento e uma resistência nos PPGs de Teologia sobre os estudos de religião e homofobia, faz-se indispensável a investigação do tema em trabalhos de Iniciação Científica e Mestrado acadêmico.

O resultado da pesquisa mostrou que a *Exodus* Brasil é uma organização exclusivamente evangélica, claramente conservadora, um sistema especialista em sexualidade com traços fundamentalistas, no seu sentido antimoderno, beligerante, exclusivista e de interpretação literal dos textos bíblicos, que combina ativismo digital religioso-sexual com ativismo político não-institucional.

A *Exodus* Brasil apresentou um baixo engajamento nas redes digitais, nas quais se destacaram somente a presidenta e o vice-presidente da organização. De qualquer forma, o impacto de suas posturas e opiniões não deve ser menosprezado, sobretudo em razão de se articular a uma “densa trama de relações de poder” e por se alinhar com as ideias ultraconservadoras do ex-presidente Jair Bolsonaro, claramente contrário aos investimentos em políticas públicas para a população LGBTQIA+, ao mesmo tempo que reforça uma imagem negativa das pessoas homossexuais.

Na disputa pela “verdade do sexo”, foi possível observar um campo religioso concorrido, em embate com as chamadas “igrejas legalistas”, rígidas e feridoras em suas posturas contra as pessoas homossexuais e as “igrejas inclusivas”, consideradas “igrejas da graça barata”. Além de concorrencial e dinâmico,

constatou-se também um campo religioso poroso, que empresta teorias e práticas de outros campos sociais, como da Medicina, da Psicologia, do Direito e da Antropologia.

A negação e a renúncia da identidade homossexual proposta pelos ministérios e líderes da *Exodus* Brasil nos levaram a concluir que se está diante de um caso de “masoquismo religioso” bergeriano, que não se apresenta somente na cordialidade com o sofrimento e na submissão à “condenação divina”, mas que também obstrui o direito de escolha das pessoas homossexuais e lhes nega a felicidade.

Deparamo-nos também com expressões de homofobia religiosa, que se revelaram tanto no bloqueio do avanço dos direitos da comunidade LGBTQIA+, ligados especialmente às ameaças que os novos arranjos familiares e a criminalização da homotransfobia impõem, como na criação de cartilhas normativas moralizantes que regulam as relações sociais entre pastores e fiéis, favorecendo a formação de vínculos assimétricos, hierárquicos e mistificadores.

No conjunto, as reflexões tecidas ao longo destes capítulos nos permitiram dar respostas à questão norteadora da pesquisa, bem como sugeriram outras indagações ligadas, por exemplo, aos limites e aos constrangimentos que o Estado democrático de direito deveria impor ao exercício da liberdade religiosa nas redes digitais (ou fora delas) e que fere as pessoas homossexuais; à separação entre Igreja e Estado, preservando o aspecto laico deste último; ao fortalecimento de políticas públicas que garantam a liberdade de expressão e a saúde da comunidade LGBTQIA+, no sentido físico, emocional e social; à garantia das pessoas homossexuais poderem escolher e expressar livremente suas crenças e religiosidades.

O encerramento das atividades formais da *Exodus* no Brasil, embora coincida com a associação da organização pela mídia a experiências antidemocráticas e psicologicamente traumáticas para as pessoas homossexuais que a procuravam, ainda permanece um mistério. Os ministérios de ajuda e líderes religiosos que compunham a organização continuam atuantes informal e publicamente nas redes sociais digitais, com a missão de “salvar” a comunidade LGBTQIA+ do “pecado” e das políticas públicas da esquerda progressista. Seria somente uma questão de tempo para que a *Exodus* reapareça sob um novo nome, com uma reconfiguração de discursos? A história da organização, desde 1976, mostrou que, entre

controvérsias e polêmicas, a capacidade de se reinventar está entre uma das suas melhores estratégias.

Referências

ALMEIDA, R. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu* (50), 2017.

_____. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 38, nº 1, p. 185-213, jan.-abr. 2019.

ANTUNES FILHO, E.; PINEZI, A. K. M.; SILVA, S. J. Conchavos, conflitos e conluios: a gestão do ano de 2013 da CDHM pelo Deputado e Pastor Marco Feliciano. *Estudos da Religião*, v. 33, n. 1 • 173-201 • jan.-abr. 2019. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/9451/6844>>. Acesso em: 15 set. 2021.

ARIÉS, P. São Paulo e a carne. In: ARIÉS, P. & BEJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais: contribuições para a História e Sociologia da sexualidade*, 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, p.50-53,1987.

_____. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÉS, P. & BÉJIN, A. (Org.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3ª ed. Editora Brasiliense, p. 77-92, 1987.

BERGER, P. L. *O dosseil sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 11ª ed., São Paulo: Paulus, 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política, Vol 1.*, 5ª ed. Brasília: Ed. UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Diversidade: Jurisprudência do STF e Bibliografia Temática*. Brasília: STF, Secretaria de Documentação, 2020.

BUDKE, S. O movimento da Reforma Protestante & os processos de midiatização religiosa. *Revista Reflexus*, Ano X, n. 16, 2016/2.

BURITY, J. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R. & TONIOL, R. (orgs.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*, Campinas/SP: Editora da Unicamp, p. 15-66, 2018.

CAMURÇA, M. Da "boa" e da "má vontade" para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. *Revista Religião e Sociedade*, RJ: Iser, nº 1, vol. 21, p. 77-86, 2001.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (28), p. 65-99, janeiro-junho de 2007.

CONLEY, Garrard. *Boy Erased: uma verdade anulada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 2010.

CUNHA, M. N. *Do Púlpito às Mídias Sociais*. Evangélicos na Política e Ativismo Digital, Curitiba: Appris, 2019.

_____. M. N. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo digital evangélico. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 26, n. 1, jan.-abr. 2019. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30691/18534>. Acesso em: 30 set. 2022.

DRESCHER, E. *Tweet if you heart Jesus: practicing church in the Digital Reformation*. Morehouse Publishing: New York, Harrisburg, Denver, 2011.

ENGEL, M. História e Sexualidade. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. (org.), *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Capítulo 13, pp. 430-450, Rio de Janeiro: Campus: 1997.

ENGLER, S. & STAUSBERG, M. *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. London and New York: Routledge, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*., volume 1: a vontade de saber. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

_____. O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. *Revista Ecopolítica*, n. 11, jan-abr. pp. 2-27, 2015.

FRANCO JR, H. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, 251 p.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural Brasileira, 1995. Disponível em: <https://silo.tips/download/assumindo-uma-posicao>. Acesso em: 10 set. 2020.

FRY, P. Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, P. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1234/fry_dahierarquiaaigualdade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2022.

_____. Filhos da pombagira. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 10, nº 119, p. 26-29, agosto de 2015.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228 p.

_____. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, 233 p.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

GONÇALVES, A. O. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da "cura gay". *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 39(2), p. 175-199, 2019.

GREEN, J. N. Homossexualidades e a História: recuperando e entendendo o passado. *Revista Gênero (UFF)*, v. 12, n. 2, p. 65-76, 1. Sem. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31151/18241>>. Acesso em 23 jan. 2022.

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. "Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade", in: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, p. 7-17, 1999.

Disponível em:

<http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/108_1042_introducaocienciassociaisesesexualidade.pdf>

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p.

LIMA, L. C. *Teologia e os LGBT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos*. 1ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MACHADO, M. D. C. & PICCOLO, F. D. (Orgs.) *Religiões e homossexualidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 268 p.

MARANHÃO FILHO, E. M. A. "Um tapa na cara pra quem diz que cura gay não existe": A ideologia de gênese em Cleycianne, Lady Gaga e Marco Feliciano. *Religare*, v.15, n.2, dezembro de 2018, p. 612–651.

_____. "Gênero é pedofilia, zoofilia e necrofilia": a destruição da família e as ideologias de gênero e gênese nos discursos de Magno Malta. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 3 • 85-114 • set.-dez. 2021. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9540/8103>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MIGUEL, L. F. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema-direita brasileira. *Cadernos Pagu* (62), 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 24 jan. 2022.

MONTERO, P. "Religiões Públicas" ou religiões na Esfera Pública? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 36(1): 128-150, 2016.

_____. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*, São Paulo, n. 49, p. 40-59, março/maio 2001.

_____. Escravidão e homossexualidade. In: VAINFAS, R. (org.) *História e sexualidade no Brasil*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 19-40, 1986.

_____. Homofobia: uma praga cristã. *Revista E-hum*. Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte, vol. 9, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2016. Disponível em: <file:///Users/fernando/Downloads/1964-6823-2-PB.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. Raízes Históricas da homossexualidade no Atlântico Lusófono negro. *Revista Afro-Ásia*, 33, 2005, p. 9-33. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21099/13982>>. Acesso em 20 mar. 2022.

MUSSKOPF, A. S. A relação entre diversidade religiosa e diversidade sexual: um desafio para os direitos humanos e o Estado laico. *Estudos de religião*, v. 27, n. 1, p. 157-176, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/4062/3634>>. Acesso em 15 mar. 2022.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, Gênero e Cura Em Perspectivas Pastorais Evangélicas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 21 n. 61, junho, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200006>. Acesso em: 18 mar. 2019.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2013, 300 p.

_____. "Nós acolhemos os homossexuais": homofobia pastoral e regulação da sexualidade. *Revista TOMO*, São Cristóvão/SE, nº 14, jan./jun. 2009

PIERUCCI, A. F. As religiões no Brasil. In: GAARDER, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H. *O livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 285-289, 2000.

_____. Ciladas da diferença. *Tempo Social*, v. 2, n. 2, p. 7-33, 1990.

_____. *Igreja: contradições e acomodação: ideologia do clero católico sobre o comportamento reprodutivo*. São Paulo, Brasiliense-Cebrap, 1978.

_____. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, A. F. & PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*, Capítulo 7, pp. 163-191, Ed. Hucitec, São Paulo, 1996.

_____. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. Vol. II: Sociologia. São Paulo, Sumaré/Anpocs, pp. 237-287, 1999.

POLLACK, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, P. & BEJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais: contribuições para a História e Sociologia da sexualidade*, 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, p.54-76, 1987.

PUNTEL, J. T. & SBARDELOTTO, M. Da Reforma Histórica à "Reforma Digital": desafios teológicos contemporâneos. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 57n. 2p. 350-364jul./dez. 2017.

SCHMITT, J. C. Prefácio. In: FRANCO JR, H. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, 251 p.

SIMÕES, J. & CARRARA, S. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. *Cadernos Pagu* (42), p. 75-98, janeiro-junho de 2014.

VAINFAS, R. (org.) *História e sexualidade no Brasil*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

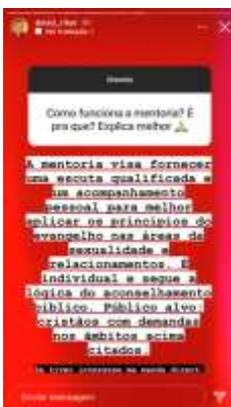
_____. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, F. A. & SOUZA, L. M (orgs.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 221-273, 1997.

_____. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Formato ePub. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

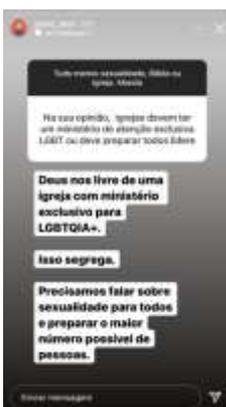
ZANOTTO, Gizele. A análise do discurso como instrumento metodológico para o historiador da religião. In: SILVA, A. R. C & STEFANO, R (Orgs.). *História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas*. 1.ed. - Curitiba: Editora Prismas, 2018.

ANEXOS

ANEXO A – COMO FUNCIONA A MENTORIA?



ANEXO B – NA SUA OPINIÃO, IGREJAS DEVEM TER UM MINISTÉRIO DE ATENÇÃO EXCLUSIVA LGBT [...]?



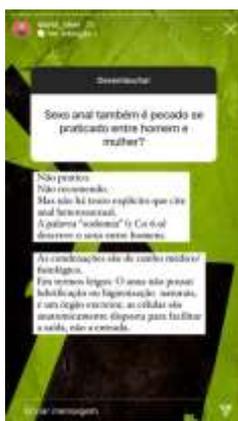
ANEXO C – USAR PRONOME NEUTRO?



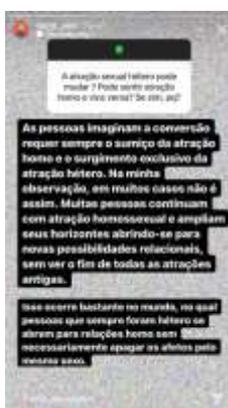
ANEXO M – SOBRE MASTURBAÇÃO



ANEXO N – SEXO ANAL TAMBÉM É PECADO SE PRATICADO ENTRE HOMEM E MULHER?



ANEXO O – A ATRAÇÃO SEXUAL HÉTERO PODE MUDAR?



ANEXO P – O MUNDO NUNCA ENTENDERÁ QUE A BÍBLIA NÃO INTERPRETA A PRÁTICA HOMOSSEXUAL DA MESMA FORMA QUE A CULTURA ATUAL

